

Natália Fonseca de Abreu Rangel

O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Orientadora: Prof^a Dra. Marcia da Silva Mazon

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rangel, Natalia Fonseca de Abreu

O ativismo gordo em campo : política, identidade e construção de significados / Natalia Fonseca de Abreu Rangel ; orientador, Marcia da Silva Mazon, 2018.

162 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Sociologia Política. 2. Ativismo gordo. 3. Gordofobia. 4. Identidade. 5. Campo. I. Mazon, Marcia da Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.



Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Campus Universitário - Trindade
Caixa Postal 476
Cep: 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: ppgsocpol@contato.ufsc.br

“O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados.”

Natália Fonseca de Abreu Rangel

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pelos demais membros da Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores.

Prof.ª Dr.ª Marcia da Silva Mazon
(PPGSP/UFSC)
Orientadora/Presidente

Prof.ª Dr.ª Sandra Noemi Cucurullo de Caponi
(PPGSP/UFSC)

Prof. Dr. Rodrigo Otávio Moretti Pires
(PPGE/UFSC)

Prof. Dr. Ernesto Seidl
Coordenador PPGSP/UFSC

FLORIANÓPOLIS, (SC), SETEMBRO DE 2018.

Este trabalho é dedicado à Mariana Coelho
(*in memoriam*) e Dielly Santos (*in memoriam*).
Vai chegar o dia em que o descaso e o ódio
pela diferença e não mais causarão mortes.

Agradecimentos

Agradeço imensamente à contribuição teórica e pelo suporte durante todo o processo de construção da dissertação por parte da professora orientadora Marcia da Silva Mazon.

Às e aos ativistas gordas/os que se prontificaram a participar dos grupos focais coordenados por mim ou por minha orientadora Marcia, meus agradecimentos e admiração.

Agradeço com carinho ao pesquisador Bruno Balog da Silva e à pesquisadora Maria Cândida de Azambuja por terem participado como observadores de grupos focais essenciais a essa pesquisa.

À contribuição financeira da CAPES que possibilita dedicação mais aprofundada nas pesquisas científicas brasileiras, fomentando a educação e a pesquisa de maneira essencial para o avanço tecnológico e a construção de um país mais justo e igualitário.

À banca examinadora composta pela professora Sandra Caponi e Rodrigo Moretti pela contribuição desde a qualificação desta dissertação.

À minha família pelo apoio constante, aos meus amigos André Diniz e Mariela Abatti pelo suporte diário e ao meu amado noivo Dann.

Rachel Wiley – “Piada de gorda” https://www.youtube.com/watch?v=oFeFf_inKaw

Resumo

A presente investigação tem como objetivo a análise e descrição de maneiras pelas quais o ativismo gordo se legitima no Brasil abrangendo a construção de significados, organização e estratégias de ativistas gordos/as. Para tal são estudados aspectos sociais norteadores para a discussão sobre a construção da gordofobia na sociedade, tais quais: as mudanças na alimentação e no trabalho na sociedade contemporânea e neoliberal; a patologização da pessoa gorda e as controvérsias do discurso médico sobre obesidade; e o ativismo gordo. Também se analisa como agentes ativistas gordas/os se organizam em relação aos campos econômico e midiático estabelecendo relações de afeto, embate e disputa de significados. São recursos metodológicos neste trabalho a netnografia, entrevistas presenciais individuais semi-estruturadas, pesquisa de campo, grupos focais, análise de discurso e análise de conteúdo. Para realizar as análises propostas foram utilizados como referenciais teóricos principalmente os autores Pierre Bourdieu a partir dos conceitos de campo e *habitus*, Howard S. Becker a partir de conceitos e categorias da teoria sobre estabelecidos e *outsiders*, construção social do ponto de vista de Deborah Lupton e Viviana Zelizer à luz dos conceitos de esferas hostis e vidas conexas. Foi possível concluir que os conceitos construídos por ativistas gordas/os são estabelecidos por meio de disputa de significados dentro desse grupo de *outsiders* sem inclinação política homogênea, e fora deste grupo disputando significados em relação a conceitos legitimados pelo discurso médico e no imaginário popular que fazem parte da estigmatização do corpo gordo. Há incorporação do uso de categorias nativas do ativismo gordo por parte da mídia e do mercado. Nota-se a influência de outros ativismos relacionados à multiplicidade identitária como LGBTQ+, feminismos e movimento negro nas pautas do ativismo gordo. A partir da relação com diversos campos, são estabelecidas práticas e traçadas estratégias de resistência e/ou adequação por parte de ativistas gordas/os.

Palavras-chave: Ativismo gordo. Gordofobia. Campo. Identidade. Significado.

Abstract

The purpose of this master thesis is to analyze and describe the ways in which fat activism legitimizes itself in Brazil, encompassing the construction of meanings, organization and strategies of fat activists. In order to do so, we have studied social aspects that guide the discussion about the construction of fatphobia such as: changes in eating and work in contemporary and neoliberal Society; the pathologization of the fat person and the controversies of medical discourse on obesity; and fat activism. It is also analyzed how fat activist agents organize themselves in relation to the economic and mediatic fields establishing relations of affection, clash and dispute of meanings. Methodological resources in this work are netnography, semi-structured individual face-to-face interviews, field research, focus groups, discourse analysis and content analysis. To analyze the data were used as theoretical references mainly the authors Pierre Bourdieu based on the concepts of field and habitus, Howard S. Becker based on concepts and categories of his established and outsiders theory, social construction by Deborah Lupton's point of view and Viviana Zelizer under the concepts of hostile worlds and connected lives. It was possible to conclude that the concepts constructed by fat activists are established through a dispute of meanings within this group of outsiders without homogenous political inclination, and outside this group disputing meanings in relation to concepts legitimized by the medical discourse and the popular imaginary which are part of the stigmatization of the fat body. There is incorporation of the use of native categories of fat activism by the media and the market. We can notice the influence of other activisms related to the multiplicity of identities such as LGBTQ+, feminisms and the black movement in the fat activism claims. From the relationship with several fields, practices are established and strategies of resistance and/or adequacy are drawn by fat activists.

Key-words: Fat activism. Fatphobia. Field. Identity. Meaning.

Lista de siglas

ABESO – Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica
ANSES - Agence Nationale de Sécurité-Sanitaire, Alimentation, Environnement, Travail
BBC - British Broadcasting Corporation
CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CNJ – Conselho Nacional de Justiça
GENTA - Grupo Especializado em Nutrição, Transtornos Alimentares e Obesidade
HAES - Health at Every Size
IMC – Índice de Massa Corporal
LGBTQ+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers e outras orientações sexuais
NAAFA - National Association to Advance Fat Acceptance
OMS – Organização Mundial da Saúde
PNAN - Política Nacional de Alimentação e Nutrição
SUS – Sistema Único de Saúde
TCL – Trabalho de conclusão de licenciatura
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Lista de figuras

Figura 1 – Ilustração de Mulher Maravilha gorda.....	88
Figura 2 - Foto da performance “Peso bruto” de Jussara Belchior.....	89
Figura 3 – Foto das modelos Bia Gremion e Genize Ribeiro.....	91
Figura 4 - Fotos de Dielly Santos e prints de postagens em seu Facebook.....	95
Figura 5 - Página virtual de venda de camiseta com a mensagem “gorda”.....	102
Figura 6 – Modelo plus size.....	109
Figura 7 - Foto da campanha “Dona dessa beleza” da Avon – 2016.....	111
Figura 8 – Propaganda gordofóbica de academia.....	113
Figura 9 - Imagem explicativa sobre gordofobia.....	113
Figura 10 - Personagem Zezé na novela Avenida Brasil exibida em 2012 pela Rede Globo.....	122
Figura 11 - Capa e contracapa do DVD do filme “Gostasas, lindas e sexies”.....	123
Figura 12 - Capa da Revista Galileu - edição janeiro de 2017.....	128
Figura 13 - Tweet de Danilo Gentili sobre Alexandra Gurgel.....	132

Lista de tabelas

Tabela 1 - Comparação entre as condições de trabalho do velho capitalismo e do novo capitalismo com base em Sennett (1999).....	23
Tabela 2 - Dados posicionais dos/as entrevistados/as.....	33
Tabela 3 - Ação da alimentação na transição epidemiológica.....	39
Tabela 4 - Classificação de peso pelo IMC.....	43
Tabela 5 - Oposições assimétricas.....	121

Sumário

1. Introdução – O que é gordofobia?	19
1.1 As mudanças na alimentação e no trabalho	21
1.2 A patologização da pessoa gorda: peso em vigilância e a produção do discurso médico	25
1.3 Constrangimento social e obesidade	27
2. Objetivo geral	29
2.1 Objetivos específicos.....	29
3. Referencial teórico	29
4. Metodologia	30
5. Capítulo 1 - Estado da arte	37
5.1 A emergência do ativismo gordo no Brasil.....	37
5.2 Estigmatização dos corpos gordos	38
5.2.1 Sobre alimentação e corpo.....	38
5.2.2 Gordura como problema: a ‘falência moral’	39
5.3 Ativismo gordo.....	45
5.4 Gordofobia e vigilância do peso.....	47
5.5 Gordofobia, singularidades e o movimento feminista	52
6. Capítulo 2: Aspectos da construção da identidade política gorda e o ativismo gordo no Brasil: produtores, propagadores de conteúdo e seus critérios de classificação.....	56
6.1 Ordenamento do ativismo gordo	57
6.2 Definições no ativismo gordo	70
6.3 Principais pautas do ativismo gordo.....	78
6.3.1 Patologização do corpo gordo	78
6.3.2 Acessibilidade.....	82

6.3.3 Representatividade.....	84
6.4 Aspectos organizacionais do ativismo gordo	85
6.4.1 Práticas ativistas	86
6.4.2 Representatividade, militância do laque e militância do sofrimento.....	95
6.4.3 Radfat.....	99
7. Capítulo 3: Mercado e ativismo gordo.....	101
7.1 Eventos plus size	105
7.2 Boa gorda: estratégia e padrão de beleza	109
7.3 Propagandas	113
8. Capítulo 4: A mídia e o ativismo gordo	119
9. Considerações finais.....	140
10. Anexos	144
11. Referências.....	158

O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados

1. Introdução – O que é gordofobia?

A organização de pessoas gordas em torno de uma pauta específica, no Brasil, está intimamente ligada ao surgimento do conceito de gordofobia. Estudar gordofobia é entrar numa temática complexa e transdisciplinar. A gordofobia enquanto conceito é ainda embrionária nos estudos sociais brasileiros, embora os estudos sobre corporalidade já tenham tradição problematizando a questão do corpo e suas relações com na esfera social.

A gordofobia é utilizada para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural¹ que atinge as pessoas gordas na sociedade.

Trazemos na presente dissertação aspectos sociais norteadores para a discussão sobre a construção da gordofobia: as mudanças na alimentação e no trabalho na sociedade contemporânea e neoliberal, a patologização da pessoa gorda e as controvérsias do discurso médico sobre obesidade e o ativismo gordo.

A aproximação com o objeto de estudo se deu a partir de meu interesse pessoal pela militância gorda tendo tido experiência enquanto pessoa gorda e tendo vivenciado o suicídio de duas pessoas próximas em que a gordofobia contribuiu enquanto fator de sofrimento na vida das mesmas.

Durante o trabalho de conclusão de licenciatura (TCL) tive a oportunidade de estudar o tema tendo publicado o trabalho com o título de “Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia”. Neste trabalho, orientado pela professora Marcia da Silva Mazon, se pôde observar a intrínseca relação entre a *internet*, em especial das redes sociais *on-line*² e o estabelecimento de redes de engendramento de conteúdo por parte de ativistas gordas/os. O objetivo deste trabalho foi refletir sobre o potencial educacional dos conteúdos e compartilhamentos relacionados à gordofobia a partir dos conceitos de “teia educacional” de Ivan Illich e de “rede” de Manuel Castells. Pôde-se observar uma linearidade e acumulação de conhecimento relacionado ao tema de empoderamento da mulher gorda por meio,

¹ Entende-se por opressão estrutural a opressão/exclusão sustentada em grandes âmbitos da sociedade civil como saúde, mercado de trabalho, vestuário e acessibilidade.

² Usarei o termo *on-line* me referindo à comunicação mediada por equipamentos eletrônicos como computador, tablet e celular via internet.

principalmente, do diálogo entre mulheres gordas via redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *blogs*. Percebeu-se com este trabalho a influência da comunicação *on-line* e do desenvolvimento de um conhecimento sobre o tema, desenvolvimento que vem se popularizando recentemente no Brasil (a partir dos anos 2010). A influência que o ativismo gordo exerceu sobre outros campos como a mídia e o mercado, percebida também na pesquisa anterior foi explorada na presente dissertação. A relação entre o campo político e o campo econômico (BOURDIEU, 2005), a partir da pesquisa do TCL, parece ser essencial na compreensão de como se constitui o ativismo gordo no Brasil a partir da relação com o mercado *plus size* (RANGEL, 2017).

O conceito de campo de Bourdieu (1994), referência teórica principal deste trabalho, está inevitavelmente relacionado ao conceito de *habitus*. O *habitus* faz parte do *modus operandi* do indivíduo, ou seja, de como o indivíduo ajusta-se às situações sociais e faz suas escolhas, consciente ou inconscientemente, perante as possibilidades possíveis. Esse conjunto referencial constitui as características do indivíduo e é inculcado aos poucos nele. O *habitus* direciona as ações sociais mediante um ajustamento entre a estrutura e a subjetividade, direcionando as ações a partir das aspirações e gostos.

Ele faz parte então do posicionamento do agente, da construção de sua subjetividade e da tomada de ação concreta. O *habitus* é ao mesmo tempo individual e social, uma vez que é construído também com base nas estruturas sociais. Para que se consolide, o *habitus* precisa de um local para ajustar as práticas dos agentes conforme as possibilidades. O conceito de campo de Bourdieu (2005) sugere, dentro da sociedade de forma geral, uma subdivisão de locais próprios (ao mesmo tempo materiais e ideais), em que se cria lógicas próprias de produção e reprodução, bem como normas e códigos de comunicação. Essas lógicas próprias dão autonomia relativa aos campos que se relacionam entre si. A estruturação do campo se dá a partir da relação entre os agentes: “O peso associado a um agente depende de todos os outros pontos e das relações entre todos os pontos, isto é, de todo o espaço compreendido como uma constelação relacional.” (BOURDIEU, 2015, p. 24).

A pesquisa contribui para o mapeamento das ações dos movimentos sociais com foco na luta por direitos humanos baseados em identidades coletivas específicas, nesse caso, das pessoas gordas. Alguns dos aspectos dos movimentos sociais contemporâneos levantados por Jasper (2016) e Castells (2013) são: indignação, horizontalidade das redes (principalmente a partir de sua ampliação por meio da internet), são ao mesmo tempo locais e globais, contam com grande poder das imagens para a disseminação de ideias favoráveis e contrárias a eles,

são “profundamente autorreflexivos” (CASTELLS, 2013, p. 167) e não são necessariamente violentos por princípio.

Busca-se refletir a partir desses pontos principais e das análises dos autores envolvendo o ativismo político e o processo de construção de movimentos sociais sobre as seguintes perguntas relacionadas ao ativismo gordo: O que impulsiona o crescimento do ativismo gordo no Brasil? Quais os elementos mobilizados na consolidação de uma identidade gorda ou como se legitima o ativismo gordo no Brasil?

O foco desta dissertação é o ativismo gordo. Escolhe-se este objeto pelo interesse no posicionamento combativo em relação à representação dominante da pessoa gorda, principalmente vinculada ao discurso médico e à apropriação desse discurso pelo Estado por meio da implementação de políticas públicas relacionadas à obesidade.

A gordofobia é entendida como um fenômeno que tem influência das estruturas sociais e das instituições percebidas na sociedade por meio da padronização de ações e posicionamentos, e da forma como os agentes entendem e mobilizam os significados em relação ao mundo social conforme a interrelação de *habitus* e campo tal qual propõe Pierre Bourdieu (2000; 2005; 2011). Conforme explicitado na metodologia e no referencial teórico desta dissertação, levando-se em conta os aspectos estruturados e estruturantes das estruturas que conformam o *habitus*.

A hipótese levantada nesta dissertação é a de que o ativismo gordo se trata de uma tomada de posição no espaço social a partir da proposição de um novo significado em relação aos sistemas valorativos dominantes relacionados às pessoas gordas e, por conseguinte, em relação aos lócus político e social das pessoas gordas. Entende-se que essa tomada de posição encontra resistências nos campos nos quais a questão da gordura corporal é disputada ora como direito ora como problema. Considera-se neste trabalho que há uma inter-atuação na conformação de novos espaços sociais; interessa-nos entender o espaço do ativismo gordo como uma nova dimensão no espaço social.

1.1 As mudanças na alimentação e no trabalho

“As sociedades contemporâneas criam os obesos, mas não os suportam” (Jean Trémolières, 1975 apud POULAIN, 2013, p.33)

Com a Revolução Verde ocorreram mudanças na produção agrícola que se iniciaram no fim da década de 1960, ganharam impulso nos anos 90 e continuam aprimorando sua tecnologia até os dias de hoje. Ocorre o uso extensivo de irrigação, insumos, criação de sementes geneticamente modificadas, aumento da maquinação e diminuição nos custos da produção.

A Revolução Verde, apesar de ampliar as capacidades de produção, logo trouxe consigo problemas relacionados à qualidade dos alimentos, geralmente com alto nível de agrotóxicos e ligada ao latifúndio e à monocultura, que depois de alguns anos, causam danos ao solo, geralmente o esterilizando (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014). A crescente urbanização do país transforma os modos de viver das pessoas e sua relação com os alimentos. Há o distanciamento entre o consumidor e a produção dos alimentos. Para facilitar o preparo e a distribuição dos alimentos nas cidades, os alimentos passam por um forte processo de industrialização, aumentando assim a produção de produtos com maior taxa sódio, gorduras saturadas e conservantes, que são consumidos em detrimento do consumo de alimentos frescos, portanto, mais perecíveis como frutas, verduras e grãos, processo mundial conhecido como transição nutricional (POPKIN; LARSEN, 2014).

O texto da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN)³ mostra a alteração da alimentação dos/as brasileiros/as que passam a consumir cada vez mais alimentos industrializados, menos perecíveis e mais fáceis de preparar. O “arroz e feijão” é cada vez mais substituído por alimentos processados com alto nível de açúcar e gorduras saturadas.

Essa transformação está intrinsecamente ligada às transformações que flexibilizaram o trabalho. O sociólogo estadunidense Richard Sennett (1999) faz uma análise sobre as transformações que o capitalismo moderno gerou, principalmente no mundo do trabalho. Esse período é marcado pelo capitalismo pós-industrial.

Exige-se produtividade do trabalhador e que este esteja frequentemente disponível para que possa dar conta de mudanças repentinas no rumo do serviço ou de novas exigências que o trabalho pode vir a demandar. As regras formais para a realização dos trabalhos vão diminuindo e exige-se dedicação constante ao trabalhador.

A ideia de meritocracia fixa-se cada vez mais no desempenho do indivíduo e não nas condições em que este se encontra. Se não há sucesso por parte do indivíduo, ele deve assumir sua culpa, sendo que dependeria apenas de seu esforço e de sua dedicação a

³ **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

ascendência de sua carreira profissional (ideia retomada para pensar o corpo como veremos no capítulo 1).

As principais características de transformação no mercado de trabalho são: insegurança de permanência no cargo empregatício, risco, instabilidade, flexibilização do tempo, e, por consequência, a precarização do trabalho e da vida do/a trabalhador/a. Pelo fato de cada trabalhador estar sujeito a condições imprevisíveis e trabalhar com diferentes tarefas em curtos prazos, não se cria uma unidade de trabalhadores que dialogam sobre os mesmos problemas, diminuindo a noção de coletividade e aumentando o individualismo. A vida assim é para Sennett (1999) repleta de incertezas e frágeis laços sociais.

Tabela 1 – Comparação entre as condições de trabalho do velho capitalismo e do novo capitalismo com base em Sennett (1999)

	Velho capitalismo	Novo capitalismo
Tempo	Linear	Flexível
Carreira	Progressiva	Imprevisível
Laços	Duradouros	Efêmeros
Sensação	Estabilidade	Risco

Fonte: Autora da dissertação

As principais características do neoliberalismo (ou novo capitalismo) de acordo com Sennett (1999) são: o princípio da autorregulação do mercado, que, por sua vez, deve ser livre; incentivo às privatizações, para que haja livre concorrência; e foco no progresso e no sucesso individual sobre a ideia de coletividade.

Esse conjunto de ideias políticas e econômicas é caracterizado, portanto, pela perda de força de entidades coletivas, como sindicatos, serviços públicos, que poderiam vir a garantir mais segurança para os trabalhadores.

A mudança no trabalho com a implementação do neoliberalismo e diminuição do trabalho físico (aumento dos trabalhos em escritório ou que são realizados com a pessoa sentada) afeta tanto homens quanto mulheres, tendo menos tempo para preparo de refeições, passando a ter refeições fora de casa – ou optando pelo consumo de alimentos pré-preparados ricos em conservantes, gordura e sódio, havendo também uma diminuição nas refeições realizadas à mesa. As pessoas realizam atividade física com menor frequência. Geralmente ao

chegar em casa sentam-se em frente aos televisores em busca de refúgio e descanso (POPKIN; LARSEN, 2004).

Na área de estudos sobre alimentação e consumo é possível encontrar trabalhos problematizadores como o de Marion Nestle (2011) dos fatores colocados como riscos e benefícios dos alimentos, da linha tênue entre saúde pública e nutricionismo (DERAM, 2014). Ocorre a medicalização da alimentação, ou seja, um processo de nutricionalização dos dados alimentares. Este fato faz com que os/as consumidores/as tenham mais informações sobre os alimentos e busquem dados como valor nutricional, componentes dos alimentos e a quantidade de cada um deles nos alimentos, transformando seu potencial de escolha (NESTLE, 2011).

Em relação às transformações do trabalho, Matt Qvortrup segundo Poulain (2013) chama a atenção para o fato de que “a desregulação do mercado de trabalho caminha conjuntamente com o desenvolvimento da obesidade.” As pessoas em situação de trabalho mais precarizada são mais frequentemente enquadradas como obesas.

Assim, a mulher que geralmente tem a jornada dupla (trabalho formal-informal e encarregada das atividades do lar), vê seu tempo reduzido para preparo das refeições. Ela opta por preparo de alimentos mais rápido, há uma demanda pelo que se afirma popularmente como “se cuidar”, não parecer “desleixada”, estar sempre em dia com o modelo estético padrão de mulher. Lupton (2013) levanta a questão sobre a forma como nas sociedades neoliberais a ideia de “livre escolha” permeia a noção de distinção por meio dos estilos de vida (questão também levantada por Bourdieu) e o fomento de políticas autorreguladoras por parte do Estado de forma que se cultiva a ideia de “empreendedorismo de si mesmo/a” (LUPTON, 2013, p. 104).

Inclusive dentro do contexto moderno arraigado à Revolução Verde e à parca oferta de alimentos considerados nutritivos aliados ao aumento do sedentarismo esta cobrança sobre a mulher se mantém (POPKIN; LARSEN, 2004).

O efeito de todas essas transformações é previsível: aumenta a taxa de pessoas gordas, ou pessoas consideradas obesas. De acordo com Poulain (2013), a considerada obesidade afeta igualmente a mobilidade social, assim as pessoas consideradas obesas têm índice de acesso ao ensino superior inferior aos considerados não-obesos, tão bem como maior dificuldade de encontrar emprego e a média salarial é inferior:

Atualmente, surgem novos desafios para a abordagem sócio-cultural dos transtornos alimentares. Acumulam-se evidências, originadas em estudos transculturais, de sua ocorrência em outras sociedades tais como Hong Kong, Taiwan, China, Índia e Brasil (Davis & Yager, 1992; Negrão & Cordás, 1996) além de minorias raciais nos

países ocidentais. Se antes pensava-se que estes transtornos estavam restritos às classes mais abastadas, hoje os mesmos parecem estar representados em todos os estratos sociais. (AZEVEDO & MORGAN, 1998).

Nos países centrais da economia mundial e nos países dependentes, cada vez mais os índices de obesidade aumentam entre as camadas mais pobres da população (POPKIN, 1994, POULAIN, 2013). Mas seria a gordura corporal em si um problema? Por que há maior fiscalização da saúde dos corpos gordos se as transformações das condições de trabalho e alimentação afetam todas as pessoas, gordas e magras? É o que os estudos críticos sobre gordura e saúde irão problematizar.

1.2 A patologização da pessoa gorda: peso em vigilância e a produção do discurso médico

Uma das questões mais delicadas é a dos discursos produzidos em relação à saúde e as pessoas gordas. A justificativa mais comum ao questionar o corpo do outro é a da preocupação com sua saúde. Esta justificativa não se confirma uma vez que vários sinais corporais, como emagrecimento, podem indicar doença e, no entanto, os corpos escolhidos para serem supervigiados são os corpos gordos.

A identificação imediata do considerado excesso de gordura corporal como doença, pode ser contraprodutivo inclusive em avaliações médicas. É comum que ao invés de um exame mais acurado sobre o estado de saúde física da pessoa gorda, o problema de saúde seja mais rapidamente atribuído ao excesso de gordura, podendo mascarar outras possíveis causas (AHIMA & LAZAR, 2013).

Um dos temas já bastante discutidos é o da insuficiência e limitação da mensuração de massa corporal por meio do instrumento Índice de Massa Corporal⁴(IMC) (POULAIN, 2013). Apresentarei aqui os motivos e como este instrumento acaba sendo mais útil de maneira superficial para medir o aumento ou a diminuição da massa corporal de grandes populações de acordo com estudos sobre o instrumento. Em uma análise individual, o IMC diz pouco sobre o/a paciente.

O texto “Obeso saudável: isso existe?” traz a pesquisa publicada na Revista Science em 2013 (AHIMA & LAZAR, 2013) que mostra as controvérsias do uso do IMC para medir a normalidade corporal. A pesquisa sugere que:

Embora seja amplamente usado, o IMC não mede acuradamente a quantidade de gordura, reflete as proporções de músculo e gordura, ou leva em consideração

⁴ O IMC trata-se de uma medida que busca inferir se uma pessoa está no peso considerado ideal conforme esta medida. A conta realizada é de massa corporal dividida pela altura ao quadrado. Ver tabela 4.

diferenças entre sexo e raça na quantidade de gordura e distribuição intra-abdominal (visceral) e gordura subcutânea. (p. 857)⁵

É possível uma pessoa ser obesa e metabolicamente saudável? Sim, de acordo com a pesquisa. Assim como pessoas que têm sua massa corporal considerada adequada podem não ser saudáveis metabolicamente. Um IMC saudável pode mascarar uma nutrição pobre e falhar em detectar diferenças cruciais entre gordura e conteúdo muscular. Esta crítica sugere um novo modelo de mensuração de saúde metabólica: “uma nova padronização que quantifica a adiposidade abdominal em oposição ao IMC e altura é pensada como melhor na previsão de mortalidade.”⁶⁷ (AHIMA & LAZAR, 2013, p. 857).

A gordura, por essa perspectiva, não está automaticamente ligada à falta de saúde metabólica, a gordura não é um mal em si e nem todas as pessoas com sobrepeso ou obesas são “não-saudáveis” metabolicamente. Existem pessoas no nível tido como normal de peso que não são saudáveis (não considerando o sentido amplo de saúde explicitado na página 28). Não se nega que as estatísticas apontam que quem tem a maior quantidade de gordura visceral, (sendo mais suscetíveis a doenças cardiovasculares, diabetes, hipertensão, entre outras) são as pessoas consideradas obesas, no entanto, essa explicação mais detalhada é de suma importância para a compreensão de que a avaliação em relação à saúde metabólica de uma pessoa não pode ser avaliada apenas de maneira visual e superficial.

Isso significa que a aparência gorda da pessoa não necessariamente está vinculada à doença, assim como a magreza não está necessariamente vinculada à saúde. A preocupação com a saúde acaba se voltando a medidas não-eficazes de contenção do aumento de peso da população (POULAIN, 2013). O Estado executa ações de prevenção à obesidade que se mostram na maioria das vezes ineficazes, isso se falando em escala mundial, uma vez que não produzem mudanças estruturais nas formas de produção e consumo dos alimentos ou no modo de vida das pessoas.

⁵ Tradução da autora da dissertação. Original: “Although it is widely used, the BMI does not accurately measure fat content, reflect the proportions of muscle and fat, or account for sex and racial differences in fat content and distribution of intra-abdominal (visceral) and subcutaneous fat.”

⁶ Tradução da autora da dissertação. Original: “a new index that quantifies abdominal adiposity relative to BMI and height is thought to be a better predictor of mortality”.

⁷ A perspectiva de Ahima e Lazar (2013), no campo da ciência, tem potencial de auxiliar no processo de despatologização da pessoa gorda. No entanto, é importante ressaltar que as ciências da saúde, como mencionado anteriormente, fazem parte de uma construção social como afirma Lupton (2013), podendo criar outros parâmetros de normalidade a depender da transformações nos valores morais e preocupações que permeiam o imaginário social, sendo as disputas por conceitos parte das batalhas pelos significados simbólicos no campo da ciência.

1.3 Constrangimento social e obesidade

Uma das ações de prevenção exercida pelo Estado brasileiro é a “pesagem em sala de aula”. Esta ação consiste na pesagem dos/as alunos/as em que se busca verificar se as crianças se encontram na faixa considerada de normalidade do IMC. Esta pesagem geralmente realiza-se na frente de outros colegas e a criança é exposta a uma situação de constrangimento. As crianças, encabuladas, podem buscar métodos não saudáveis de emagrecimento, desenvolvendo transtornos alimentares (COSTA, 2013). Os transtornos alimentares são considerados doenças. A maior incidência de transtornos alimentares ocorre em crianças e adolescentes (APOLLINÁRIO e CLAUDINO, 2000).

Os trabalhos epidemiológicos também fornecem informações relevantes sobre a distribuição dos transtornos alimentares. Estes são claramente mais prevalentes entre mulheres do que homens, numa proporção de 10:1 (Hsu apud AZEVEDO e MORGAN, 1998).

Existem vários tipos de transtornos alimentares, sendo os mais comuns: a bulimia nervosa, que consiste na indução ao vômito após o consumo refeições exageradas ou na ingestão de diuréticos, laxantes, cocaína, cafeína e outras drogas que eliminem o alimento consumido antes que sejam absorvidos seus nutrientes; e a anorexia nervosa correspondente à preocupação exagerada com o peso corporal gerando distorções sobre sua auto-percepção e praticam atividades físicas em excesso, doença geralmente associada à bulimia nervosa (APPOLINÁRIO e CLAUDINO, 2000); ambos estão vinculados ao desejo de emagrecimento. A porcentagem de mulheres dentre as pessoas que sofrem de anorexia e bulimia é de 90%. (FAZER, 2011). Caso não sejam tratados, os transtornos alimentares podem levar à morte em decorrência de complicações de saúde tais quais a desnutrição e a desidratação.

Levando em conta a combinação das questões apresentadas nesta pesquisa até o momento, Poulain (2013) coloca que: “A motivação da vontade de emagrecer está raramente associada à saúde” (POULAIN, 2013, p.71). Deram (2014) infere que as dietas são na verdade as principais impulsionadoras do chamado “efeito sanfona”, sendo o emagrecimento (em especial o emagrecimento rápido) acompanhado do reganho de peso em período de pelo menos 3 a 5 anos após o emagrecimento. Esse “efeito sanfona” causaria muito mais problemas de saúde do que alimentação balanceada e atividade física regular do indivíduo sem perda de peso.

Brownell (1991) segundo Azevedo e Morgan (AZEVEDO & MORGAN, 1998) discorre sobre duas crenças falsas que estão ligadas à busca do corpo ideal: 1) a noção de que qualquer pessoa que siga as prescrições culturais de uma dieta ideal e de exercícios pode moldar seu corpo e atingir o ideal sem levar em consideração a limitação genética; 2) Passa a

acreditar-se que a forma física ideal depende apenas do esforço pessoal e o fracasso é tido como falta de “conotações simbólicas de sucesso” como autocontrole, liberação sexual, competência, autodisciplina em oposição à fraqueza e preguiça. O emagrecimento significaria sucesso na profissão, relações sociais e relacionamentos amorosos.

O próprio conceito de saúde necessita ser revisto enquanto preocupação meramente biológica. A terminologia correspondente à “saúde” da Organização Mundial da Saúde (OMS) é definida como: “o completo bem-estar físico, social e mental” (SANCHEZ, 2014). Sanchez (2014) chama a atenção para o fato de que a definição ampla e o uso de “completo” faz com que seja impossível para qualquer indivíduo alcançar o estado de pessoa saudável. No Brasil, no relatório da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), o conceito de saúde tal qual usado para pensar nas políticas públicas o país, em especial, presente na base do Sistema Único de Saúde (SUS) é definido e forma mais politizada e específica. Cito aqui seus dois primeiros pontos conforme o relatório:

1. Em seu sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.
2. Saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistada pela população, em suas lutas cotidianas. (BRASIL, p. 4)

A preocupação com a saúde como forma de justificativa à intromissão em relação ao corpo alheio é uma das formas de legitimação da gordofobia. A gordofobia aparece como o preconceito mais aceito e legitimado em nossa sociedade principalmente pelo discurso médico dominante (POULAIN, 2013). A OMS, no ano de 2000, declarou a obesidade como epidemia mundial (POULAIN, 2013) de forma que governo de vários países como por exemplo, os Estados Unidos, declaram a obesidade como uma inimiga e uma luta contra ela. Depois de séculos em que a fome constituía o principal problema do planeta, o excesso de peso passa a ser considerado questão para as políticas públicas (MAZON, 2010).

A biopolítica tal como propõe Foucault, ou seja, os objetos de saber a serviço de um “novo poder” para controle da vida, controle da saúde e aspectos ligados ao corpo das pessoas, auxilia na compreensão de como ocorrem as transformações da vida humana que destinam-se ao controle da própria espécie (DANNER, 2010). Os conceitos de biopoder e

biopolítica de Foucault são de grande inspiração para a corrente crítica de estudos gordos como veremos a seguir.

Outros interesses são mobilizados e é necessário cautela ao analisar os diversos campos envolvidos, como a indústria alimentícia, profissionais da saúde, indústria farmacêutica, indústria publicitária e o campo político como um todo (POULAIN, 2013).

Os seguros de saúde e a acessibilidade também são frequentemente abordadas pelas ativistas gordas estadunidenses segundo Lupton (2013).

2. Objetivo geral

Compreender o processo de legitimação do ativismo gordo no Brasil abrangendo a construção de significados e estratégias de ativistas gordos/as.

2.1 Objetivos específicos

- Apresentar os principais marcos históricos do ativismo gordo mundial, em especial dos estadunidense e brasileiro.
- Levantar os dados posicionais, as estratégias políticas e as relações de poder presentes nas interações entre ativistas gordas/os.
- Analisar as reconfigurações que o ativismo gordo provoca nos campos midiático e da moda.

3. Referencial teórico

Bourdieu é central na interpretação proposta nesta dissertação dos campos em que se situa o ativismo gordo e as relações de poder que estão em jogo no cenário em que se desenrolam as interrelações entre os/as agentes. Em “A Distinção” Bourdieu (2011) explica como o *habitus* enquanto estrutura estruturante “organiza as práticas e a percepção das práticas” (p. 164) e como enquanto estrutura estruturada “o princípio de divisão (...) organiza a percepção do mundo social” (p. 164), práticas e percepções que combinadas e internalizadas são naturalizadas, funcionam como estilos de vida.

São necessidades coletivas de expressão que como Bourdieu (2011) coloca “a história coletiva se cristalizou neles e ressoa” – essa história e os diferentes significados podem ser entendidos como os diferentes esquemas de ação, internalização e estilos de vida engendrados pela dialética do *habitus* estruturado e estruturante que vai por consequência

gerar um sistema de diferenciação e classificação que reforça o caráter distintivo dos esquemas de ação de outros grupos, nesse caso, o discurso combinado com a ação em relação a outros grupos, como no caso das pessoas assumidamente gordas, tanto que aderem ao estilo de vida *plus size* ou ainda mais radicalmente diferente, do ativismo gordo.

Bourdieu (2011) vai também apontar para o racismo de classe imbuído no que são consideradas “más escolhas” da pessoa gorda. É atribuída às pessoas de mais baixo capital cultural e econômico a escolha por alimentos mais gordurosos, assim, a pessoa gorda (associada ao popular) é excluída e passa por mais obstáculos no dia-a-dia porque assim merece:

(...) o gosto ‘modesto’ que sabe sacrificar os apetites e os prazeres imediatos aos desejos e satisfações vindouros opõe-se ao materialismo espontâneo das classes populares que recusam entrar na contabilidade benthamiana dos prazeres e dos sofrimentos, dos ganhos e das despesas – por exemplo, para a saúde e para a beleza. (BOURDIEU, 2011, p. 171).

Então pertence às pessoas não-gordas a capacidade de não se descontrolar e fazer o cálculo do sacrifício razoável pensando nas satisfações futuras. Havendo relação entre as escolhas de privação e o estilo de vida por meio de uma economia dos corpos. A ideia de gosto é burguesa uma vez que pressupõe a liberdade de escolha no consumo, em que há a possibilidade de fazê-las conforme a vontade, vontade essa estilizada, que assume mais a forma do que a função.

Já nas posições intermediárias de capital cultural e capital econômico Bourdieu nota a prevalência do ascetismo eletivo, moderação de recursos e reserva, portanto, levando um modo de vida mais regrado.

4. Metodologia

Esta pesquisa é qualitativa, ou seja, busca delinear características principais do objeto e entender seu funcionamento por meio de uma análise não-estatística.

A vantagem da pesquisa qualitativa exploratória é focar nas variáveis que influenciam na gordofobia, sendo que geralmente estudos sobre corporalidade são focados na pressão estética de maneira mais geral e não na exclusão e estigmatização específica de pessoas gordas no Brasil.

Como recurso para compreender as narrativas sobre as mulheres e homens gordas/os sobre temas como saúde, beleza e demais temas que possam elucidar como se estrutura a

gordofobia, será utilizada a análise de discurso. O uso da análise de discurso, de acordo com Gill (2002) apesar de ter diferentes correntes, tem como ponto de convergência a negação do discurso enquanto simplesmente uma expressão da realidade, entendendo que o discurso não é neutro e as descrições fazem parte da construção do mundo social. Sendo assim, o discurso serve para produção de conhecimento que produz relações de força e poder. Para mapear essas relações é necessário articular os aspectos linguísticos, sociais e históricos.

Conforme Rangel (2017)⁸ nota-se a importância da *internet* na constituição do ativismo gordo. Nesta pesquisa anterior foi feita a análise sobre como são formadas e funcionam as redes da internet que informam sobre gordofobia, buscando entender seu potencial educacional bem como sua capacidade de gerar ativismo. Para tal foi realizada a análise de conteúdo de 8 páginas virtuais e foram entrevistadas oito mulheres ciberativistas responsáveis por gerar conteúdo para as páginas virtuais. Já existem mais de 20 páginas on-line geridas por brasileiras/os sobre empoderamento gordo, somando pelo menos 100 mil seguidores/as.

Um dos recursos metodológicos para realizar esta pesquisa é a netnografia com objetivo de mapear as principais discussões trazidas pelo ativismo gordo, sendo a netnografia um tipo de etnografia virtual que possui adaptações específicas para esse campo tal qual propõem Santos e Gomes (2013). São recursos essenciais para a netnografia o diário de campo e a observação participante no ambiente virtual.

A netnografia foi realizada por meio do acompanhamento de páginas virtuais geridas por ativistas gordas brasileiras com conteúdo voltado a esse tema. Foram selecionadas 15 páginas/grupos de ativistas dentro da rede social *Facebook*, tendo cada uma dessas páginas um mínimo de mil seguidores/as/participantes. Algumas das vantagens desse recurso segundo Santos e Gomes 2013 são:

(...) a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o grupo através do próprio ambiente virtual, evitando possíveis mudanças de comportamento; a facilidade de prescindir da transcrição visto que as conversas, vias de regra, são registradas por meio de texto, deixando o pesquisador em melhores condições de analisar outros elementos do contexto em que está inserido. Adicionalmente, segundo Kozinets (1997), a etnografia virtual ou netnografia torna-se menos subjetiva do que a etnografia tradicional porque é possível abarcar registros de vários tipos de materiais coletados on line, ou “artefatos”, como os chama Kozinets (apud MONTARDO; PASSERINO, 2006), tais como imagens, arquivos de áudio e vídeo,

⁸ Pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Licenciatura “Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia” realizado por mim sob orientação da professora Marcia da Silva Mazon.

troca de e-mails, registros das conversas públicas e particulares através do metaverso⁹ (SANTOS & GOMES, 2013, sem paginação).

Foram também entrevistadas/os militantes gordas/os/es consideradas/os/es lideranças do movimento ou influenciadoras do movimento no Brasil, indicadas por militantes conhecidas em pesquisa prévia¹⁰.

Buscando escutar ativistas gordas/os para delinear quais aspectos as/os afetam e como isso se dá, partimos de questionários para levantar dados posicionais, conforme Bourdieu (2011) para analisar quais os capitais são mobilizados (buscando abarcar a diversidade das/os ativistas em questão de raça e etnia, contexto socioeconômico, geração e grau de escolaridade) e foram realizadas entrevistas qualitativas em profundidade entendendo como Carole Pateman coloca em “O contrato sexual” que: “Contar histórias de todos os tipos é a principal forma desenvolvida pelos seres humanos para atribuírem sentido a si próprios e a sua vida social” (PATEMAN, 1993, p. 15).

Opta-se pelo grupo focal enquanto ferramenta de coleta de dados por sua eficácia em trazer à tona os pontos principais em atividades grupais, as convergências e divergências bem como a forma como ocorre a interação dos indivíduos em grupo. Kind (2004, p. 127) sugere a utilização do grupo focal enquanto recurso metodológico quando:

- 1) a interação pode fomentar respostas mais interessantes ou novas e ideias originais;
- 2) a pressão de participantes homogêneos facilita suas reflexões, ao mesmo tempo que incita opiniões contrárias;
- 3) o tema não é tão delicado a ponto de dificultar as respostas;
- 4) o tema tem a possibilidade de ser discutido por todos os participantes.

Entendendo que a presente dissertação se encaixa nas diretrizes sugeridas, adota-se esse ferramental. Também é importante ressaltar o entendimento das limitações como a impossibilidade de generalização a partir dos dados recolhidos, não sendo essa a intenção nesta pesquisa qualitativa de profundidade.

Igualmente este recurso foi eleito pela praticidade da ferramenta em relação à disponibilidade das entrevistas em diferentes localidades. Foram realizados 3 grupos focais: um em Florianópolis, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, tendo um total de 20

⁹ O metaverso trata-se de universo criado on-line. É a replicação do mundo físico transposto no mundo projetado por meio de tecnologias digitais. Também é conhecido popularmente como “realidade aumentada” ou “realidade virtual”. Um de seus mais conhecidos exemplos é o jogo *Second Life* em que se cria um personagem que acorda, dorme, come, tem uma personalidade e a constrói principalmente a partir do consumo (muitas vezes a partir de vendas reais (utilizando cartão de crédito) de produtos digitais (como roupas para o/a personagem) (BACKLES & SCHLEMMER, 2014)

¹⁰ Trabalho de Conclusão de Licenciatura “Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia” realizado por mim e orientado pela professora Marcia da Silva Mazon.

participantes. Como o tempo de estadia em São Paulo e no Rio de Janeiro foi limitado, por meio do grupo focal foi possível entrevistar um maior número de ativistas gordas/os. Cada um dos grupos focais teve coordenadora e observadora qualificadas para a condução dos mesmos¹¹.

Também foram realizadas duas entrevistas em semi-estruturadas com duplas, uma em Florianópolis e outra no Rio de Janeiro. Essas entrevistas foram realizadas separadamente pois não havia disponibilidade de participação de alguns/algumas convidados/as nos horários propostos dos grupos focais organizados, de forma que foi possível marcar entrevistas com quatro pessoas (duas em cada) nas duas ocasiões: em Florianópolis e no Rio de Janeiro.

Pode-se observar abaixo a tabela com os dados posicionais das pessoas entrevistadas nos grupos focais, entrevistas individuais e em grupo:

Tabela 2 - Dados posicionais dos/as entrevistados/as

Gênero		Escolari- dade	Área de atuação profissi- onal	Renda mensal	Sexuali- dade	Cor/ etnia	Filhos
Mulher	33	Ensino superior completo	Administração pública	Entre 1000 e 3000 reais.	Heterossexual	Branca	Não
Mulher	31	Ensino superior incompleto	Imagem e som - radialista, cenógrafa e designer	Entre 3000 e 5000 reais.	Heterossexual	Branca	Não
Mulher		Ensino superior incompleto	Produtora de eventos	Entre 1000 e 3000 reais	Heterossexual	Branca	Não
Homem	40	Ensino superior completo	Servidor público federal	Entre 3000 e 5000 reais	Heterossexual	Branco	Não
Mulher		Pós-graduação	Prestadora de serviços (MEI)		Heterossexual	Parda	Não

¹¹ Todos os nomes apresentados nas falas dos grupos focais são pseudônimos de forma a preservar a identidade das/os participantes.

Mulher	23	Ensino superior incompleto	Empresária (moda)	Mais de 5000 reais	Bissexual	Branca	Não
Homem	27	Ensino superior completo	Funcionário público (gestor municipal)	Entre 3000 e 5000 reais	Bissexual	Branco	Não
Mulher	32	Ensino superior completo	Analista de comunicação/dançarina	Mais de 5000 reais	Heterossexual	Branca	Não
Mulher	27	Ensino superior completo	Consultora de recursos humanos	Entre 3000 e 5000 reais	Heterossexual	Negra	Não
Homem	26	Ensino superior completo	Publicitário/ Professor/ Terapeuta	Mais de 5000 reais	Homossexual	Branca	Não
Mulher	30	Ensino superior completo	Editora de vídeo	Entre 3000 e 5000 reais	Heterossexual	Outra: Mestiça, indígena e amarela	Não
Mulher	37	Pós-graduação	Não trabalha	S/ renda	Heterossexual	Branca	1 filho
Mulher	32	Pós-graduação	Bailarina	Entre 1000 e 3000 reais	Heterossexual		Não
Mulher		Ensino superior incompleto	Estudante	Entre 1000 e 3000 reais	Bissexual	Branca	Não
Mulher	40	Pós-graduação	Cozinheira e cosmetóloga	Entre 1000 e 3000 reais	Heterossexual	Branca	Sim
Mulher	26	Ensino superior completo	Ilustradora	Entre 500 e 1000 reais	Heterossexual	Branca	Não
Mulher	38	Ensino superior	Arquiteta	Entre 3000 e	Heterossexual	Branca	Sim

		completo		5000 reais			
Mulher	24		Rapper	Entre 500 e 1000 reais	Bissexual	Branca	Não
Mulher	26		Rapper	Entre 500 e 1000 reais		Parda	Não

Também foi realizada pesquisa de campo com traços etnográficos nos eventos de moda *plus size*:

1) “Plus Model Brasil + Painel Diva Moda e Estilo” ocorrido em Joinville – Santa Catarina entre 6 e 7 de maio de 2017¹²

2) Pop Plus em São Paulo ocorrido entre os dias 10 e 11 de junho de 2017

3) *Hashtag* Bazar no Rio de Janeiro ocorrido no dia 17 de junho de 2017.

A pesquisa de campo também contou com o acompanhamento de eventos relacionados ao ativismo gordo em Florianópolis e no Rio de Janeiro:

1) “Vai ter gorda na praia” ocorrido no dia 5 de fevereiro de 2017 na praia Mole em Florianópolis.

2) “Batalha das mina + Roda de conversa sobre gordofobia” ocorrido no dia 4 de março de 2017 no centro de Florianópolis.

3) “Roda de conversa sobre gordofobia + exibição do filme *Madrepérola*” na 11ª Mostra de Cinema de Direitos Humanos no dia 25 de maio de 2017 no cinema do CIC em Florianópolis.

4) “Festa Baleia” ocorrida de 15 de junho de 2017 no centro do Rio de Janeiro.

A pesquisa com traços etnográficos trata-se de uma inspiração na etnografia de Malinowski (1976), que originalmente busca a descrição detalhada de aspectos culturais de um grupo social a partir da observação participante, não se tratando, no entanto, de uma etnografia de fato por não possuir todas as ferramentas metodológicas necessárias para a etnografia tradicional como a observação contínua e a observação participante de imersão prolongada de convivência com determinado grupo. O objetivo da pesquisa com traços

¹² Fui convidada a participar de uma mesa redonda sobre gordofobia pela organizadora do evento devido à visibilidade proporcionada pelo curso de extensão “O que é gordofobia?” ministrado por mim, professora Marcia da Silva Mazon, Bárbara Amorim, Jacobina Cantisani e Barbara Leone entre março e maio de 2017 em parceria com a Pró-reitoria de Extensão da UFSC e o programa Escola de Verão.

etnográficos é levantar dados pontuais sobre um grupo para a realização de uma pesquisa antropológica ou sociológica específica e de curta duração.

São recursos metodológicos, portanto: a netnografia, entrevistas presenciais individuais semi-estruturadas, pesquisa de campo, grupos focais, análise de discurso e análise de conteúdo.

5. Capítulo 1 - Estado da arte

Neste capítulo apresenta-se a partir de bibliografia das áreas da saúde, sociologia, psicologia e estudos feministas dois temas principais que vão nortear as discussões sobre gordura corporal, e, por conseguinte, o ativismo gordo, constituindo assim seu estado da arte. São eles: a construção social da obesidade enquanto doença e a estigmatização dos corpos gordos considerando a valoração moral à qual esses corpos estão submetidos em sociedade. Por fim, apresenta-se uma breve história do ativismo gordo nos Estados Unidos e no Brasil para que possamos no decorrer da dissertação discutir mais a fundo as características, estratégias e a localização do ativismo gordo no campo a partir de Bourdieu.

5.1 A emergência do ativismo gordo no Brasil

A temática relacionada ao corpo gordo é inter e transdisciplinar. No entanto, a maioria da bibliografia disponível sobre o corpo gordo encontra-se nos estudos sobre saúde (STENZEL, 2002)., identificando o corpo gordo como obeso, categoria patologizante como discutido na introdução desta dissertação.

Um dos obstáculos para a realização do levantamento bibliográfico é o pouco material sobre o corpo gordo em língua portuguesa ou castelhana que não trate a gordura necessariamente como doença e que trate do assunto da gordura corporal desde o sul do planeta. Assim, será apresentado também material que trata a gordura como doença e bibliografia que parte dos continentes do norte global para elaborar explicações, de forma a mapear o estado da arte.

Neste trabalho, partimos da perspectiva de que existem problemas sociais profundos como o modo de produção da alimentação dominante, superindustrialização de alimentos contendo altos níveis de sódio, corantes, gordura e conservantes (MAZON, 2010; NESTLE, 2003) assim como problemas relacionados à reprodução da vida no modo de trabalho vivido no capitalismo flexível (SENNET, 1999) na contemporaneidade conforme já mencionado na introdução.

Entende-se que esses problemas afetam a saúde de todas as pessoas, magras e gordas e que o foco na patologização das pessoas gordas, contenção da gordura das pessoas em geral e a cultura do emagrecimento, em especial por razões estéticas, endossa a estigmatização (GOFFMAN, 1988; STENZEL, 2002; POULAIN, 2013) e gera prejuízos na vida das pessoas

gordas bem como impulsiona o desenvolvimento de doenças motivadas, dentre outros fatores, por questões socioculturais como a depressão, a ansiedade, a bulimia e a anorexia.

5.2 Estigmatização dos corpos gordos

5.2.1 Sobre alimentação e corpo

O discurso das ciências da saúde tem um grande papel na forma como enxergamos os corpos. Por meio da normatização dos corpos busca-se classificar, qualificar e quantificar os corpos de maneira a estabelecer um padrão considerado normal enquanto outros corpos são considerados anormais quando não correspondem a esse padrão (FOUCAULT, 1979).

A construção dessa normatização na história da humanidade não é linear nem tampouco consensual (STENZEL, 2002; POULAIN, 2013). A gordura corporal neste quadro tem uma variação tanto no que é considerado ideal biologicamente quanto em seu sentido simbólico relacionado a valores morais.

Nos estudos feitos na área da saúde e alimentação (NESTLE, 2003, POULAIN, 2013), entende-se que a transição epidemiológica (explicada abaixo) está intimamente ligada a mudanças na concepção do que é considerado excessivo em relação à massa corporal e do que é considerado ideal tanto em relação à saúde quanto na representação social do corpo gordo.

Jean-Pierre Poulain (2013) em sua obra “Sociologia da Obesidade” esquematiza os períodos correspondentes à transição epidemiológica em relação à gordura corporal. A transição epidemiológica corresponde às mudanças nos índices de mortalidade e expectativa em relação às doenças dominantes de determinado período. Segundo Poulain (2013) ela pode ser dividida em três principais etapas:

Na primeira etapa temos a escassez alimentar como predominante. Assim, a comida é privilégio e ostentar sua abundância é sinal de status social. Há alto índice de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida. As principais causas de morte são desnutrição, doenças infecciosas e parasitoses. A gordura nesta fase é valorizada.

Na segunda etapa os índices de mortalidade diminuem e “aparecem as doenças degenerativas (cardiopatia, câncer, etc.)” (POULAIN, 2013, p. 53). Esse período é conhecido como período de transição em que a expectativa de vida começa a aumentar. A magreza passa a ser considerada, aos poucos, desejável.

Na terceira etapa as doenças degenerativas se firmam como principais causas de mortalidade (ao invés das doenças infecciosas). A expectativa de vida aumenta e as

populações ficam cada vez mais idosas. A magreza é valorizada e há, com o passar do tempo a massificação de um padrão estético corporal ideal e estigmatização das pessoas gordas. A magreza passa a ser vista como indicador de saúde e as pessoas gordas começam a ser estigmatizadas como aquelas que não têm controle sobre si mesmas e comem mais do que deveriam, sendo julgadas pela sociedade e pelos meios de educação como veremos a seguir.

5.2.2 Gordura como problema: a ‘falência moral’

Tabela 3. Ação da alimentação na transição epidemiológica

Tabela 5. Ação da alimentação na transição epidemiológica.

Etapas	Causas de mortalidade	Esperança de vida e taxas de mortalidade	Papel da alimentação	Diferenciação social
1 – “O tempo das epidemias e das fomes”	<ul style="list-style-type: none"> - Doenças infecciosas - Carências - Doenças parasitárias 	<ul style="list-style-type: none"> - Esperança de base +/- 40 anos - Mortalidade infantil elevadíssima - Mortalidade elevada em função das epidemias 	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentos escassos e incertos - Dependência ecológica forte 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da fartura como distinção social - A deslocalização como distinção
2 – Transição	<ul style="list-style-type: none"> - Regressão das doenças infecciosas, carências, doenças parasitárias - Aparecimento das doenças degenerativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentos da esperança de vida ~ 60 anos - Diminuição da mortalidade infantil 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressos agrônomicos aumentando a disponibilidade de alimentos - Redistribuição programada 	<ul style="list-style-type: none"> - Estetização da alimentação de bom gosto - Diferenciação qualitativa regional - O gordo enquanto sinal de posição social
3 – “Instalação”	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição máxima da mortalidade por doenças infecciosas - Instalação e aumento de mortalidade por doenças degenerativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da esperança de vida ~ 70 anos 	<ul style="list-style-type: none"> - Fartura alimentar 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecimento da magreza como sinal de distinção social
4 – “O controle das doenças degenerativas”	<ul style="list-style-type: none"> - Equilíbrio entre 45 e 54 e regressão entre 55 e 75 anos das doenças crônicas 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da esperança de vida 	<ul style="list-style-type: none"> - Superfartura alimentar, difusão dos conhecimentos sobre nutrição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento do modelo de estética corporal de magreza - Magreza = Saúde
5 – As sociopatias	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento dos suicídios e mortes violentas - Aids - Distúrbios do comportamento alimentar, obesidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição da progressão da esperança de vida 	<ul style="list-style-type: none"> - Superfartura alimentar - Anomia alimentar, “desregulação” 	<ul style="list-style-type: none"> - Intensificação da pressão do modelo de estética corporal de magreza - Estigmatização dos obesos

Fonte: Poulain, 2000

Fonte: POULAIN, 2011, p. 57.

Há em todas as obras selecionadas neste levantamento bibliográfico sobre gordura corporal o reconhecimento de que o corpo carrega dimensões políticas, históricas, culturais e biológicas. O significado simbólico de cada tipo de corpo varia de época para época, de cultura para cultura, de espaço geográfico para espaço geográfico. O corpo não é estanque e está em constante transformação e interação dentro de si e fora de si, em contato com o mundo ao seu redor.

Stenzel (2002) busca fazer uma análise do processo de estigmatização dos corpos gordos (chamados de corpos obesos pela autora) levando em consideração os aspectos sócio-históricos que influenciaram nesse processo. Como visto, a disponibilidade de alimentos e sua ligação com a vida ou a morte fazem parte deste processo.

Segundo Stenzel (2002), o início do século XX é um marco do começo da estigmatização dos corpos gordos e valorização da magreza enquanto padrão ideal a ser alcançado. Stenzel (2002) cita Stearns que afirma que no período da Primeira Guerra Mundial é exigido o controle de peso de todos os estadunidenses que se considerassem patriotas, atribuindo uma conotação moral negativa atribuída ao considerado excesso de gordura corporal.

O corpo e as questões que o envolvem foram dominados inicialmente pela religião e filosofia, com o passar do tempo passando a ser assunto primordial da medicina, também fazendo parte uma conotação moral em relação a ele “para hoje se estabelecer em uma ciência autônoma que prega a eficiência e o controle dos corpos ideais.” (STENZEL, 2002, p. 40).

É importante ressaltar a importância da articulação das áreas da moda, da publicidade, da religião, política, arte, ética, moral e economia na construção do considerado excesso de gordura como abominável. Não há data certa nem único responsável, mas sinais em que é possível identificar essa transformação da gordura antes considerada sinal de saúde e beleza para seu oposto:

Essa ‘falência moral’ atribuída aos obesos começou a delinear-se no início do século XX (entre os anos 1880 e 1920) e parece persistir nos dias de hoje. Stearns (1997) comenta que, qualidades como a sensualidade, a graça e a elegância começaram a ser atribuídas àqueles que reduziam peso; e em contrapartida, eram cada vez mais frequentes as piadas e os *cartoons* ridicularizando personalidades públicas que apresentavam excesso de peso. Uma nova geração estava sendo criada, baseada não só em novos padrões de estética e beleza, mas sim baseada em um sentimento de ‘terror’ com relação ao excesso de peso. (STENZEL, 2002, p. 36)

O período de transição entre o século XIX e XX marca assim o aparecimento e consolidação do estigma em relação às pessoas gordas. Stenzel (2002) aponta para o fato de que por mais que o corpo gordo tenha sido valorizado no passado, o corpo magro não era estigmatizado antigamente da mesma forma como o corpo gordo é estigmatizado hoje¹³.

¹³ É importante frisar que essa estigmatização leva em consideração principalmente a cultura predominante no mundo ocidental. Existem países, grupos étnicos, etc. que possuem uma valorização corporal distinta por ter

Não é possível apontar para uma razão específica que justifique essa transformação, senão para um conjunto de fatores que vão corroborar para esse processo de estigmatização. É possível esquematizar esses fatores da seguinte forma:

- Entre 1880 e 1910 o considerado excesso de gordura corporal passa a ser visto e apresentado negativamente pela publicidade e pela moda.
- A preocupação com a obesidade por parte dos estudos médicos vai se desenvolver a partir de 1900 (antes as causas de mortalidade predominantes como vimos eram as doenças infecciosas).
- A partir de 1903 as pesquisas científicas que são publicadas em jornais e revistas da área médica focam-se no tema da redução de peso. Como de forma generalizada entendia-se que a gordura protegia o corpo de doenças, houve inicialmente resistência da área. Há evolução das campanhas contra o considerado excesso de peso. Aumentam as pesquisas sobre as doenças degenerativas (transição epidemiológica).
- A partir de 1905 a opinião da classe médica parece convergir e homogeneizar-se, considerando a obesidade um perigo a ser combatido.
- Depois de 1920 a atenção para o controle de peso e nutrição se intensificou (STEARNS, 1997; NASSER, 1997 apud STENZEL, 2002)
- Por volta de 1920 as mulheres passam a conquistar o direito ao voto no ocidente
- Há crescente valorização de charlatões (Stearns apud Stenzel, 2002) especialistas em emagrecimento rápido. Há influência de técnicas dos charlatões na ação dos/as médicos/as. “O círculo - moda, mídia, medicina, religião, política e economia - em torno do combate à obesidade estava completo.” STENZEL, 2002, p. 40)
- No séc. XX a obesidade passa a ser vista como excesso alimentar e falta de controle, culpabilizando o sujeito por seu fracasso em não emagrecer.

Inicialmente o foco das pesquisas estadunidenses e europeias sobre o considerado excesso de peso levavam em consideração a promoção da saúde e de bons hábitos alimentares (STENZEL, 2002). Posteriormente, com o enfoque da publicidade e dos meios de comunicação em massa na disseminação de um padrão estético magro, a medicina passa a desenvolver pesquisas sobre emagrecimento e controle alimentar: “A obesidade, antes atribuída a fatores biológicos e metabólicos, passou a ser vista como resultado dos maus

uma composição cultural, histórica, política, religiosa, social e geográfica específica, fugindo à essa percepção hegemônica no mundo de maneira geral.

hábitos alimentares.” (STENZEL, 2002, p. 37). Assim, as dietas de emagrecimento, a proibição de certos alimentos considerados “engordantes”, vão se tornando populares, aumenta a venda de medicamentos para emagrecimento, clínicas para emagrecimento e a restrição alimentar. De acordo com Stenzel (2002), em geral as dietas de emagrecimento têm o “aval” científico.

De acordo com Stenzel (2002) e Poulain (2013) as ciências sociais durante muito tempo se ausentaram do debate sobre a obesidade por entenderem que se tratava de um assunto biológico: “A maioria dos estudos e material escritos sobre a obesidade é dominada pelas áreas médicas e psicológicas do ocidente. A sociologia, segundo Garine e Pollock (1995), parece resistir em abordar o tema.” (STENZEL, 2002, p. 40).

É importante ressaltar que apesar da medicina fazer parte do processo e contribuir para a estigmatização das pessoas gordas, ela faz parte de um conglomerado maior de interesses e percepções:

O autor [Stearns] acredita que a classe médica não provocou esta preocupação com o peso, mas sim tentou corresponder a um movimento e a uma pressão, já existente na sociedade. Porém, por outro lado ajudou a esculpir seus resultados e consequências, acrescentando ingredientes importantes na dinâmica deste processo. Nasser (1997) também reforça a ideia de que a medicina foi estimulada pelo movimento da moda em direção a magreza, e por este motivo passou a dar maior atenção ao tema. (STENZEL, 2002, p. 37)

De acordo com Stenzel (2002) há a tendência da uniformidade dos corpos em que modelos de vida e valores são exportados pela cultura ocidental. Essa tendência seria marcada pelos processos de homogeneização e normalização segundo Bordo (1993, p. 24-25).

“Primeiro, as representações [do corpo] *homogenizam*.” - por ex. lábios grandes e trancinhas são aceitos em mulheres brancas. Modelos negras são geralmente mais claras e tem narizes finos.

“Segundo, essas imagens homogeneizadas *normalizam*” - isto é, elas funcionam como modelos contra os quais o indivíduo continuamente mede, julga, “disciplina” e “corrige” a si mesmo.”

A homogeneização da beleza vinculada à magreza é colocada por Stearns e Nasser (apud Stenzel, 2002) é datada do início do século XX, de modo que a magreza passa a configurar como um ideal de beleza feminina. Fatores que ajudam a identificar essa transformação nesse período são a poesia e a arte. Já no Brasil, segundo Quintaneiro (apud

Stenzel 2002) essa mudança ocorreu mais tarde a partir de influências estadunidenses e europeias em meados do século XX.

A ideia de beleza carrega consigo muitas vezes outras características. De acordo com Platão, a beleza é uma demonstração do “interior” de um ser humano, de sua bondade e virtudes (STENZEL, 2002).

Uma das importantes formas de mapeamento das massas dos corpos na sociedade moderna foi o estabelecimento de um índice de medição capaz de classificar de maneira rápida as categorias corporais de grandes populações. Este índice é conhecido como Índice de Massa Corporal (IMC) e atualmente baseia-se na classificação do corpo em 7 categorias: baixo peso, peso normal, sobrepeso, pré-obeso, obeso I, obeso II e obeso III¹⁴. Para se chegar a uma classificação realiza-se o cálculo massa dividida por altura ao quadrado ($IMC = \text{massa (kg)} / \text{altura (m)} \cdot \text{altura (m)}$). Este índice foi entendido pela ciência médica inicialmente como uma ferramenta facilitadora para a comparação entre populações, não tendo sido desenvolvido para avaliação individual de um ser humano.

Tabela 4. Classificação de peso pelo IMC

Tabela 1 - Classificação de peso pelo IMC ^{12(D)}		
Classificação	IMC (kg/m ²)	Risco de comorbidades
Baixo peso	< 18,5	Baixo
Peso normal	18,5-24,9	Médio
Sobrepeso	≥ 25	-
Pré-obeso	25,0 a 29,9	Aumentado
Obeso I	30,0 a 34,9	Moderado
Obeso II	35,0 a 39,9	Grave
Obeso III	≥ 40,0	Muito grave

Fonte: Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica - ABESO. Diretrizes brasileiras de obesidade [online]. ABESO; 2009-2010. Disponível em: http://www.abeso.org.br/pdf/diretrizes_brasileiras_obesidade_2009_2010_1.pdf Acesso em 3 jan. 2017.

Segundo Poulain (2013) essa classificação é recente e só passou a ser dominante no fim da década de 1990. Por sua simples aplicação e pela possibilidade comparativa entre populações o IMC se generaliza como forma principal de mensuração a partir de 1998

¹⁴ Inicialmente o IMC foi uma ferramenta de busca de entendimento da evolução da gordura corporal durante o crescimento do ser humano, primeiramente por Buffon (A/M^3) e depois aprimorada por Quetelet (M/A^2), tendo o segundo publicado sobre o tema em 1948 (POULAIN, 2013).

(POULAIN, 2013). Uma das críticas ao IMC é o fato de que não são levados em consideração fatores de distinção de idade, sexo e etnia.

Os índices do IMC não são estanques desde sua criação, eles apresentaram variações de acordo com as pesquisas médicas desenvolvidas nos anos seguintes à sua criação. Muitas/os pesquisadoras/es (POULAIN, 2013; STENZEL, 2002; NESTLE, 2003) apontam para a arbitrariedade que essas classificações apresentam.

Como exemplo da arbitrariedade na construção dos índices temos a maior transformação dessas classificações a partir de 1998:

Até 1998, nos Estados Unidos, a classificação do peso normal englobava os valores de IMC entre 20 a 27,6 para os homens e de 20 a 27,3 para as mulheres. Sob a influência de um grupo de pesquisa do IOTF, a OMS propôs que o limite entre sobrepeso e peso normal fosse de 25, e não de 27, sem distinções de sexo, idade ou tipo antropológico. Em uma só noite, cerca de 35 milhões de americanos, adquiriram, assim, sobrepeso. Inversamente, o limite entre o peso normal e a magreza passava de 20 para 18, o que “normalizava” corpulências consideradas até então como fracas demais. (POULAIN, 2013, p. 183)

Poulain (2013) chama a atenção sobre a influência de *lobbies* (principalmente os alimentício e farmacêutico) sobre as pesquisas acadêmicas relacionadas aos “males da obesidade”. De acordo com o autor, há um interesse em promover alimentos dietéticos e remédios para emagrecimento, e assim, em pesquisas que demonstrem como o considerado excesso de peso pode prejudicar a saúde. Para além de teorias da conspiração, o autor levanta acontecimentos envolvendo universidades, governos, organizações e empresas.

De acordo com o autor, há evidências que colocam em xeque a credibilidade da Organização Mundial de Saúde (OMS) em relação aos estudos sobre gordura corporal, uma vez que esta é financiada e pressionada por lobistas que inclusive fazem parte internamente da OMS. A ANSES (Agence Nationale de Sécurité-Sanitaire, Alimentation, Environnement, Travail), organização do governo a França estaria sob o serviço da indústria do leite.

Ainda de acordo com Poulain (2013, p. 190), os industriais estadunidenses estariam fazendo um jogo triplo dos industriais americanos em que introduzem produtos no mercado para aumentar a ingestão de alimentos (*snacks* - como biscoitos, barrinhas de cereal, refeições rápidas, etc.), ao mesmo tempo em que apoiam ações de intervenção junto a órgãos nutricionais públicos e responsabilizam o indivíduo por suas escolhas de consumo.

O IMC é utilizado no cotidiano muitas vezes como uma ferramenta capaz de diagnosticar se um indivíduo está saudável ou não. O IMC enquanto classificador capaz de

patologizar ou não um indivíduo vem sendo amplamente questionado pela comunidade médica, principalmente por profissionais que possuem uma visão ampliada de saúde.

Até mesmo a ABESO¹⁵, que trata a obesidade como uma doença a ser combatida, vem apontando para as incongruências do IMC como medidor de fatores de risco ou de grau de saúde individual.

É importante, novamente frisar que não se deve cair na simplificação de que a patologização e estigmatização do que é considerado excesso de gordura corporal pelo discurso médico hegemônico é causada por esse discurso, senão que faz parte de um processo mais amplo e complexo como já vimos anteriormente.

5.3 Ativismo gordo

As teorias feministas têm um forte impacto no entendimento do corpo enquanto um campo político. O ativismo gordo, inicialmente desenvolvido a partir dos Estados Unidos (entre os países com maior concentração de pessoas consideradas obesas no mundo), tem influência, do ativismo feminista. Aqui apresentamos as perspectivas feministas que influenciam o ativismo gordo do norte e do sul global, de forma que não necessariamente concordamos com os embasamentos teórico-metodológicos apresentados. Apesar de nossa perspectiva teórica, congruente com a de Bourdieu conforme ver-se-á ao fim deste tópico, de análise da realidade diferir de algumas/alguns autoras/es apresentadas/os, entende-se importância de compreensão das ideias que contribuíram para a constituição do ativismo gordo e exercem influência sobre ele até os dias de hoje.

Bordo (1993) coloca que o feminismo questiona algumas dualidades filosóficas que o corpo carrega como corpo/alma e razão/emoção. O corpo e a emoção frequentemente são tidos como mais femininos, em oposição à alma e a razão, pertencentes ao homem, superior em raciocínio lógico e ponderação.

As teorias feministas foram capazes de explicar as dietas para além do desejo de beleza. De acordo com Wolf (1993), as relações alimentares desde a produção das refeições até o ato de alimentar-se produzem distinções de gênero que operam de maneira a reafirmar o poder masculino sobre a mulher bem como designar o lugar da mulher na relação com a comida. A mulher é tida como a pessoa que “serve” e a pessoa que “cede”, sendo instruídas a

¹⁵ Disponível em <http://www.abeso.org.br/noticia/imc-e-a-melhor-medida-para-diagnostico-da-obesidade> - aceso em 20 de novembro de 2017.

deixar sempre uma quantidade maior de alimentos para os homens, independentemente da situação. A restrição alimentar é vista pela autora como uma forma de restringir o poder feminino.

Além disso, de acordo com Bordo (1993), o ato de comer das mulheres é muitas vezes inconscientemente sexualizado, e, portanto, visto como um ato que deve ser contido na sociedade em que impera a dominação masculina.

Comer não é realmente uma metáfora para o ato sexual; antes disso, o ato sexual, quando iniciado e desejado por uma mulher é imaginado ele mesmo como um ato de comer, de incorporação e destruição do objeto de desejo. Assim, os apetites sexuais das mulheres devem ser reduzidos e controlados, porque eles ameaçam esgotar e consumir o corpo e alma do homem. (BORDO, 1995, p. 117)¹⁶

Entendemos que Bourdieu (2005;2007), aqui novamente, contribui na compreensão do processo da dominação masculina, a partir do estranhamento da naturalização das diferenças entre o sexo masculino (considerado racional, forte e dominante) e o sexo feminino (considerado emocional, frágil e subordinado). Para o autor, a concretização de tal dominação simbólica, ou seja, a dominação de um grupo todo (dos homens) sobre outro (as mulheres) só é possível por causa de esquemas interpretativos históricos duradouros, inculcados de tal forma que a violência simbólica é de maneira geral, aceita. Um dos conceitos centrais que utiliza para compreender a dominação simbólica é o de *habitus*. O *habitus* compreende a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983, p.1), portanto, dos esquemas de entendimento que funcionam como estruturas estruturadas e ao mesmo tempo estruturantes da realidade, fazendo parte de um esquema de interpretação, escolhas e práticas:

O efeito da dominação simbólica (seja ela étnica, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não pela lógica pura das consciências cognoscentes, mas por meio dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos do *habitus* e que fundamentam, para além das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a si mesma. Assim, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, da qual se pode dizer ao mesmo tempo e sem contradição que é espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duráveis que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens). Ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com essa ordem que se impõe. (2005, p. 7-8).

¹⁶ Tradução da autora.

O corpo biológico para o autor é um corpo politizado, ou seja, que incorpora valores sociais e políticos. Neste corpo, a concepção androcêntrica do mundo seria incorporado e visto de maneira naturalizada na forma de disposições elementares entendidas como “tendências naturais” (BOURDIEU, 2005).

5.4 Gordofobia e vigilância do peso

O termo gordofobia é recente, mas os estudos sobre a gordura corporal já tem pelo menos 50 anos de existência, principalmente dentro dos estudos estadunidenses chamados por sua temática de *fat studies* (CAHNMAN, 1968; ALLON, 1981)¹⁷, de onde saíram os primeiros estudos sobre o tema. Hoje em dia, de acordo com Lupton (2013), é possível dividir os estudos sobre gordura corporal em pelo menos 5 abordagens diferentes:

- Anti-obesidade: por meio desse discurso entende-se que a gordura corporal em excesso relativa ao Índice de Massa Corporal (IMC) é nociva e um assunto de saúde pública em que deve-se prevenir os/as cidadãos/ãs contra o sobrepeso e a obesidade, entendida enquanto doença e combatê-la.
- Biomédico-crítico: não aceita a ideia de “epidemia da obesidade, entende que ser gordo/a não necessariamente significa estar doente, estando em risco apenas as pessoas com obesidade mórbida pelo IMC, atividades físicas regulares são mais importantes para a saúde do que a massa corporal, gordura corporal é um sintoma e não uma doença, dietas podem ser prejudiciais à saúde. Dentro dessa perspectiva há estudiosos que acreditam que o discurso anti-obesidade faz parte de estratégias propositais para fomentar a indústria farmacêutica e outras indústrias relacionadas ao emagrecimento.
- Libertários céticos: entendem que deve haver liberdade de escolha dos indivíduos em relação à alimentação e atividade física, não devendo o Estado assumir uma postura paternalista em relação à gordura corporal. Utilizam o discurso biomédico-crítico para endossar a ideia de liberdade de mercado, em especial de conglomerados de fast food. Dentro dessa perspectiva o discurso anti-obesidade restringiria a liberdade, sendo esse discurso por vezes referido pelos libertários céticos como socialista.

¹⁷ CAHNMAN, Werner. *The Stygma of Obesity*. Sociological Quaterly, 1968 ALLON, Natalie. *Psychological Aspect of Obesity: a Handbook*. *The Stigma of Overweight in Overweight Everyday Life*. Nova York: Van Nostrand Reihold, 1981.

- Estudos críticos do peso/estudos gordos (*fat studies*): dentro dessa perspectiva, pesquisadores sociais levam em consideração o contexto que envolve os estudos médicos, entendendo que o discurso anti-obesidade não é construído deliberadamente para “enganar” a população, mas faz parte de um conjunto de interesses e ideias sobre saúde condicionadas por seu momento sócio-histórico. Dentro desses estudos críticos existem análises psicológicas, históricas, antropológicas, sociológicas, entre outras. Um conceito importante dentro dessa perspectiva é o conceito de biopoder.
- Ativismo gordo: os/as ativistas gordos/as buscam desafiar as ideias negativas e estigmatizadoras voltadas às pessoas como a associação de gordura com feiúra e doença, bem como melhorar a acessibilidade a espaços físicos para pessoas gordas buscando melhorar a qualidade de vida das dessas pessoas, acabar com o preconceito e incentivar a convivência com as diferenças das pessoas.

Os principais movimentos reivindicatórios contra a uniformização dos corpos que vão impulsionar o ativismo gordo como veremos nos capítulos seguintes são os feminismos em um primeiro momento e os movimentos que reivindicam uma multiplicidade identitária, característicos da pós-modernidade, em especial de grupos identitários excluídos e invisibilizados socialmente, bem como considerados abjetos, num segundo momento.

Um dos marcos da contribuição do feminismo enquanto movimento e teoria é a ideia de que o pessoal é político, em especial da segunda onda do feminismo do norte global.

A liberdade corporal, a sexualidade e as relações de dominação entre os sexos, assuntos considerados privado/pessoais, nesse período são fortemente questionados.

O ativismo gordo e os *fat studies* também vão ser influenciados pelo conceito de biopolítica de Foucault, a partir da noção de dissipação do poder de forma que este é incorporado pelos indivíduos e presente nas ações cotidianas também contribui no entendimento da autovigilância e vigilância constante dos pares na sociedade para que estes se estabeleçam dentro de diversas normas que vão dividir, controlar e categorizar os seres humanos (sem haver necessariamente uma contenção violenta explícita) especialmente com o auxílio da ciência estatística.

A ativista chilena castillo (2014) identifica o movimento *hippie* como o primeiro registro de uma ação e ativistas gordos/as em um protesto hippie nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã. Ocorreu um evento chamado “Fat-in” no Parque Central de Nova York, em ativistas gordos/as comeram sorvetes enquanto queimavam cartazes da modelo magra cultuada no momento, Twiggy.

Um dos marcos do ativismo gordo estadunidense foi a criação da NAAFA – National Association to Advance Fat Acceptance (Associação Nacional para o avanço da aceitação da gordura/dos(as) gordos(as) em 1969) (LUPTON, 2013). Esta associação, existente até os dias de hoje luta pelos direitos civis das pessoas gordas. Com influência dessa associação, o primeiro documento a esclarecer as pautas do ativismo gordo foi o “*Fat liberation manifesto*” escrito pelas ativistas gordas feministas radicais Judy Freespirit e Aldebaran, integrantes do *Fat Underground*¹⁸. Essas movimentações políticas buscaram ir principalmente contra o discurso médico dominante, impulsionando a crítica à patologização das pessoas gordas, a luta pela acessibilidade dos espaços e enfatizando o papel do capitalismo a partir da interpretação de que esse sistema corrobora para a opressão das pessoas gordas. Para entendimento da pauta do ativismo gordo neste momento e localidade, transcrevo a tradução do Manifesto de Libertação das pessoas gordas, escrito em novembro de 1973 por Judy Freespirit e Aldebaran em Los Angeles, Califórnia e publicado pelo *Fat Underground*:

1. Acreditamos que as pessoas gordas têm todo o direito ao respeito e ao reconhecimento humanos.
2. Estamos zangadas com o mau tratamento devido a interesses comerciais e sexistas. Esses têm explorado nossos corpos como objetos do ridículo, criando assim um mercado imensamente lucrativo que vive de vender a falsa promessa que esse ridículo pode ser evitado ou aliviado.
3. Vemos nossa luta como aliada de outros grupos oprimidos contra classismo, racismo, sexismo, preconceito etário (ageism), exploração financeira, imperialismo, e outros.
4. Exigimos direitos iguais para pessoas gordas em todos os aspectos da vida, conforme prometido pela Constituição dos EUA. Exigimos igual acesso a bens e serviços na esfera pública, e um fim à discriminação contra nós nas áreas de emprego, educação, instalações públicas, e serviços de saúde.
5. Destacamos como nosso principal inimigo a assim chamada indústria de “redução”. Esta inclui clubes de dieta, spas, médicos de dieta, livros de dieta, comida de dieta, suplementos de comida, procedimentos cirúrgicos, inibidores de apetite, drogas e equipamentos de redução. Exigimos que essa indústria se responsabilize pelas suas promessas falsas, reconheça que seus produtos são perigosos à saúde pública, e publique estudos de longo prazo provando qualquer eficácia estatística dos seus produtos. Fazemos essa exigência sabendo que mais de 99% de todos os programas de perda de peso, quando avaliados num período

¹⁸ O *Fat Underground* foi um movimento de mulheres gordas estadunidenses com perspectiva feminista radical. Alguns de seus princípios eram que os/as médicos/as são inimigos/as e que a indústria do emagrecimento era genocida. Manteve-se em atividade durante os anos 70. Fonte: http://www.radiancemagazine.com/issues/1998/winter_98/fat_underground.html Acesso 23 mai 2017.

superior a cinco anos, fracassam totalmente, e também sabendo dos perigos extremos e comprovados de mudanças frequentes no peso [o efeito sanfona].

6. Nós repudiamos a “ciência” mistificada que falsamente afirma que não somos saudáveis. Isso tem criado e mantido discriminação contra nós, em conluio com os interesses financeiros das empresas de seguro, da indústria da moda, das indústrias de redução, das indústrias de comida e medicamentos, e das instituições médicas e psiquiátricas.

7. Recusamos ser subjugadas aos interesses de nossos inimigos. Queremos retomar o poder sobre nossos corpos e nossas vidas. Estamos comprometidas a buscar esses objetivos juntas.¹⁹

Este manifesto que se anuncia anticapitalista e dialoga com a interpretação marxista do capitalismo (em que a dominação se exerce externamente e verticalmente), popular no meio acadêmico na década de 70, demonstra já o esforço de interconexão da luta pela libertação das pessoas gordas com outras lutas consideradas da esquerda política, a favor de minorias políticas, como a luta anti-capitalista, anti-racista, anti-sexista, anti-capacitista e anti-etarista. Promove forte crítica à ciência médica e declara a luta aos inimigos como capitalistas, indústrias farmacêutica e alimentícia dominantes, indústria da moda e empresas de seguro. A morte de Cass Elliot, vocalista do grupo musical The Mamas & the Papas em 1974 motivou a continuidade das reivindicações do *Fat Underground* que passou a denunciar mais explicitamente as negligências médicas cometidas a pessoas gordas como atribuído à morte de Elliot (DEAN, 1979).

Outra autora que marca o ativismo gordo estadunidense é Susie Orbach com o livro “Gordura é uma questão feminista” lançado em 1978. O livro trouxe visibilidade para a questão da cultura da magreza e estigmatização da gordura como parte de assuntos feministas, afetando especialmente as mulheres.

Segundo castillo (2014) na Grã-Bretanha se documentam em 1989 conferências realizadas pelo “London Fat Women’s Group” ligadas à segunda onda do feminismo e movimento de lésbicas.

Charlotte Cooper (apud castillo, 2014) aponta a importância que as lésbicas radicais no fomento de discursos menos conservadores sobre a gordura e na ênfase à necessidade de tratar esse assunto como parte do feminismo levando em consideração a produção das mídias de massa (e toda indústria capitalista) sobre os corpos femininos.

¹⁹ Tradução de Lola Aronovich disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/04/manifesto-da-libertacao-das-gordas.html> Texto postado originalmente em 3 de abril de 2012. Acesso em: 14/05/2017

Bordo (1993) faz um levantamento de algumas das contribuições da crítica feminista/cultural sobre os estudos da cultura da magreza, em constante ampliação da cultura ocidental:

Essa crítica feminista/cultural: (1) colocou em questão a designação de anorexia e bulimia como psicopatologias, enfatizando, em vez disso, as dimensões aprendidas e viciantes dos transtornos; (2) reconstruiu o papel da cultura e especialmente do gênero como primário e produtivo, em vez de desencadeador ou contribuidor; e (3) forçou a reatribuição a causas sociais, dos fatores vistos no modelo médico padrão como pertencentes a disfunção individual. Em relação a (3), muitos dos fatores "não-socioculturais" que foram predominantemente conceitualizados como "distorções" e "delírios" específicos da "patologia" da anorexia e da bulimia revelaram prevalecer entre as mulheres em nossa cultura. A principal consequência disso, para transtornos alimentares, tem sido questionar o valor clínico da própria dualidade normativa/patológica. (BORDO, 1993, p. 54)²⁰

O termo gordofobia vem sendo utilizado e ampliado no Brasil por ativistas gordas/os há pelo menos 7 anos (RANGEL, 2017). A qualificação da gordura varia de acordo com a época e espaço em que vivemos e especificamente na sociedade ocidental moderna, ser uma pessoa gorda tornou-se um estigma a ser carregado e combatido (LUPTON, 2013).

Os movimentos sociais, em especial, o movimento feminista a partir das interpretações sociais considerando o machismo e o patriarcado centrais na opressão feminina, passou a problematizar a questão da pressão estética sobre o corpo da mulher, e assim, influenciou na distinção sobre a opressão que sofrem as mulheres gordas. A estigmatização que sofrem as pessoas com corpos gordos é chamada de gordofobia. O conceito de *fatphobia* (SYKES, 2011) surge nos Estados Unidos a partir de militantes gordas(os) que passam a questionar e lutar contra a estigmatização para com o grupo de pessoas gordas. A gordofobia abrange não apenas as pessoas consideradas obesas, mas também as pessoas que são consideradas sobrepeso ou fora do padrão desejado em

²⁰ Original: "That feminist/cultural criticism has: (1) cast into doubt the designation of anorexia and bulimia as psychopathology, emphasizing instead the learned, addictive dimensions of the disorders; (2) reconstructed the role of culture and especially of gender as primary and productive rather than triggering or contributory; and (3) forced the reassignment to social causes, of factors viewed in the standard medical model as pertaining to individual dysfunction. In connection with (3), many of the "non-sociocultural" factors that have been dominantly conceptualized as "distortions" and "delusions" specific to the "pathology" of anorexia and bulimia have been revealed to be prevalent among women in our culture. The ultimate consequence of this, for eating disorders, has been to call into question the clinical value of the normative/pathological duality itself."(BORDO, 1993, p. 54)

determinada sociedade²¹. Gordofobia tem diversas definições que no cerne apontam as mesmas problemáticas, a seguir sendo definida por uma militante gorda brasileira em texto publicado pela Revista Fórum On-line na matéria “Gordofobia como questão política e feminista” em setembro de 2014, tendo 21.670 visualizações:

Forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. As atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas. (ARRAES, 2014)

5.5 Gordofobia, singularidades e o movimento feminista

A gordofobia tem especificidades que a diferenciam da pressão estética generalizada sobre as mulheres: pessoas gordas sofrem com o impedimento da acessibilidade (em ônibus, aviões, restaurantes, cinemas, etc.), sofrem para encontrar roupas de seu tamanho nas lojas, sofrem de olhares de valor de juízo quando se alimentam publicamente, dentre diversas outras violências. Sendo assim, é constante no cotidiano das pessoas gordas a não aceitação e encontram frequentemente dificuldade de ocupação e de acesso a espaços públicos. Como veremos nos relatos do capítulo 2, utilizar o espaço público é constrangedor pela falta de acesso e pela falta de solidariedade das pessoas no entorno. O adjetivo “gorda” geralmente soa como ofensa ou como categoria de acusação conforme Becker (2008) e como uma qualidade altamente indesejável, diferentemente de “magra”.

Apesar da crítica sobre a estigmatização da gordura corporal ter sido alavancada pelos ideais feministas em relação ao corpo, ela aparece geralmente enquanto pauta secundária dentro do movimento feminista²².

Apesar da discussão sobre a estigmatização da gordura corporal ter sido alavancada pelos ideais feministas em relação ao corpo, ela aparece geralmente enquanto pauta secundária dentro do movimento feminista. Outras opressões que as mulheres sofrem são tidas como prioritárias como a desigualdade salarial, a violência doméstica, o direito ao aborto legal, etc. Há inclusive ativistas que questionam se o ativismo gordo deveria ser

²¹ Apesar de haver um padrão baseado pelo IMC, a concepção de quem é “gorda” vai variar conforme o tempo, localidade e cultura.

²² Outras opressões que as mulheres sofrem são tidas como prioritárias como a desigualdade salarial, a violência doméstica, o direito ao aborto legal, etc. Há inclusive ativistas que questionam se o ativismo gordo deveria ser vinculado ao feminismo, uma vez que homens também sofrem gordofobia de maneira diferenciada.

vinculado ao feminismo, uma vez que homens também sofrem gordofobia de maneira diferenciada.

O momento atual, que influencia na consolidação da luta contra a gordofobia, pode ser reconhecido como o que a autora Sonia E. Alvarez classificou como o terceiro momento²³ da trajetória feminista latinoamericana, o “*sidestreaming*”, definido como “o fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil, e a resultante multiplicação de campos feministas.” (ALVAREZ, 2014, p. 17).

As feministas nesse momento se inserem em campos interseccionais em seus estudos, buscando não anular uma opressão por outra, como ocorreu por muito tempo dentre movimentos de esquerda, e sim cruzá-las, reconhecê-las e pensar em táticas de luta contra essas opressões de maneira diferenciada. Então, por exemplo, em concomitância à opressão entre classes, há em outro nível a opressão da mulher, e em outro nível a opressão da mulher negra, em outro nível a opressão da mulher gorda, e assim por diante. O aumento de sua relevância dentro dos feminismos é recente e não-consolidado, aparecendo a necessidade de autonomização de um ativismo gordo.

As mulheres têm protagonismo na luta contra a gordofobia como podemos ver nos relatos dos grupos focais:

Paula: Mas eu tenho um irmão gordo e um namorado gordo hetero. E o que eu fiquei pensando é suposição pura, não tenho nenhuma ideia se isso mesmo procede, mas eu acho que a gente, nós mulheres, mulheres gordas, mulheres, os gays também, a gente tem um movimento que você não sabe bem explicar mas que tá contaminando assim, de se posicionar, que os heteros não tão.

Telma: Eu acho que, não querendo te interromper, mas como muitas das mulheres às vezes têm o feminismo já então tipo, e os homens gays eles têm o movimento LGBT, então eles veem como funciona assim tipo, já vão questionando. Quando começa a questionar uma coisa vai questionando outra e outra e outra. E não sei, homens heteros tão lá no topo, né.

²³O primeiro momento é o “centramento” em que o feminismo está no singular e o segundo momento é o de “mainstreaming” e de “descentramento” em que ocorre a pluralização dos feminismos e do gênero. (ALVAREZ, 2014).

A ideia de interseccionalidade é corroborada por outros movimentos políticos e sociais identitários como LGBTQ+ e negro, entre outros movimentos que focam em identidades específicas, levantando problemáticas com lugar de fala, representatividade e protagonismo, sendo entendidos como movimentos pós-modernos por tratarem das questões fragmentárias da identidade (SILVEIRA, 2014). Esses movimentos, que têm interface com o ativismo gordo, têm como característica a noção de fluidez identitária (a identidade gorda, por exemplo, não é estanque, de forma que um corpo gordo pode vir a ser magro e vice-versa) noção ampliada a partir do desenvolvimento da teoria *queer*.

O ativismo gordo no Brasil vai organizar-se principalmente por meio da *internet* (RANGEL, 2016). Em outros lugares do mundo esta tendência se demonstra semelhante, podendo ser reconhecida uma “*fathosphere*” (castillo, 2014), que designa os espaços *on-line* em que se discutem questões relacionadas ao empoderamento gordo. É possível encontrar principalmente por meio de *blogs*, grupos no *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*²⁴ publicações didáticas sobre o tema da gordofobia (RANGEL, 2016). Nestes espaços, segundo castillo (2014):

Hay de todo: música, fotografías, poesía, ensayos, vinculaciones con otras ramas, reformistas, feministas, punks, estéticas, fashion, incluso se ha acuñado el término “*fatshionista*” (gordas fashion con blogs de moda), etc. El activismo gordo no es universal ni homogéneo. (p. 49)

A internet assume um papel relevante no ativismo gordo brasileiro enquanto principal canal de comunicação (RANGEL, 2017), portanto, também é um assunto que será discutido a seguir. De que forma a internet influencia nas relações entre as/os agentes ativistas gordas/os? Entendemos o estudo da tecnologia da internet de acordo com a antropologia e sociologia do ciberespaço citada por Escobar (2016, p. 37) “em favor do exame dessas tecnologias a partir de uma perspectiva que considere de que forma permitem que grupos variados de pessoas negociem formas específicas de poder, autoridade e representação.”.

Assim, é preciso entender essa tecnologia e a partir de seu contexto cultural para compreender o que motivou seu uso como central dentre ativistas gordas/os, sua produção de conteúdos e significados que criam a cibercultura (ESCOBAR, 2016), além de compreender a relação comunicacional também entender as relações de poder entre capital e informação e as transformações do tempo (rapidez, dissipação de informação, etc.) que dizem respeito a esse

²⁴ Blogs: diários virtuais; Facebook: rede social em que existe a possibilidade de criação de grupos, postagem de fotos, textos e músicas; Youtube: rede de compartilhamento de vídeos; Instagram: rede de compartilhamento de fotos e vídeos.

tipo específico de interação. Além da produção de significados e das relações de poder também é enfatizamos as relações econômicas produzidas bem como as relações de afeto (ZELIZER, 2011) entre ativistas gordos/as.

Foram nesta dissertação analisadas as tendências e características do ativismo gordo no Brasil principalmente em relação à forma de organização e estratégias políticas, sua relação com o mercado *plus size* (cap. 3) (que vem aparecendo como alternativa de ponto de encontro de ativistas gordas/os) bem como as as possíveis deformações que o ativismo gordo causam no campo midiático (cap. 4) e do mercado a partir do conceito de campo de Bourdieu.

Este ativismo vem crescendo e se constituindo a partir das e com as novas formas de fazer política e militância no século XXI.

Busca-se a partir do estudo das práticas entender como são mobilizados estes aspectos, de forma que se entende que as práticas dos agentes do ativismo gordo transformam a realidade, deformando os campos do mercadológico e midiático a partir dos conceitos da teoria praxiológica de Pierre Bourdieu.

6. Capítulo 2: Aspectos da construção da identidade política gorda e o ativismo gordo no Brasil: produtores, propagadores de conteúdo e seus critérios de classificação

Como vimos anteriormente, o ativismo gordo no Brasil é recente e durante pesquisa de campo e pesquisa anterior (RANGEL, 2017), possui forte ligação com a comunicação via *internet* e com o mercado de roupas *plus size*. Neste capítulo é realizada a análise dos dados obtidos nos grupos focais tendo como norte os aspectos da construção identitária política gorda e os aspectos organizacionais e o processo de constituição do ativismo gordo no Brasil, fazendo relação com os pontos centrais do mercado *plus size* e da *internet* enquanto meio e *locus* de socialização e organização.

Nos grupos focais e nas entrevistas semi-estruturadas, a comunicação realizada por nós com os/as participantes foi feita quase integralmente por meio de redes sociais como o *Facebook*. Entramos em contato com ativistas conhecidos, ou seja, com visibilidade na *internet*, conhecidos por meio de pesquisa prévia e também ativistas indicados por outros ativistas por meio da *internet*. Buscou-se contemplar diferentes tipos de ativismos que serão apresentados neste capítulo. O *Whatsapp* foi utilizado para confirmar informações no dia dos encontros. A maioria dos/as ativistas contatados/as se dispuseram a participar dos grupos focais e demonstraram interesse e solidariedade para com a pesquisa científica sobre o tema.

Para conseguir concentrar o maior número de ativistas de localidades diferentes em um mesmo dia, em São Paulo o grupo focal ocorreu no mesmo dia em que o evento de moda *Pop Plus*, no dia 10 de junho de 2017 em sala de reuniões alugada por hora em frente ao evento na Avenida Paulista, tendo um total de 5 participantes e tendo como observador o pesquisador e comunicador Bruno Balog da Silva e moderadora a autora da presente dissertação.

A mesma estratégia foi utilizada no Rio de Janeiro: o grupo focal foi realizado no mesmo dia em que o evento de moda *plus size Hashtag Bazar* no dia 17 de junho de 2017, no *hall* de entrada de um prédio nas mesmas instalações da escola em que ocorria o evento. A observadora foi a cientista social e mestranda em Antropologia Social, Maria Cândida de Azambuja e como moderadora a autora da presente dissertação, contando com um total de 6 participantes.

O grupo focal de Florianópolis foi realizado na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 17 de novembro de 2017. A observadora foi a autora desta dissertação e

como moderadora a orientadora da presente dissertação, a professora doutora em Sociologia Política, Marcia da Silva Mazon com de 5 participantes.

As entrevistas semi-estruturadas contaram com 2 participantes cada, num total de 4 participantes, sendo que uma ocorreu em Florianópolis no dia 18 de novembro de 2016 e a outra no hall de um hotel no Rio de Janeiro no dia 13 de junho de 2017, ambas conduzidas pela autora da presente dissertação.

A idade das/os ativistas gordas/os presentes nos grupos focais e nas entrevistas semi-estruturadas, no total de 20 de participantes (tendo 19 preenchido o formulário de dados posicionais), está entre 23 e 40 anos, sendo a idade média dos participantes de 30,75 anos. Quatorze (14) se declararam brancas/os, 2 pardas/os, 1 negra, 1 mestiça (indígena/asiática) e 1 não respondeu. Nove (9) se declararam autônomos/as, 1 desempregada, 8 profissionais liberais e uma estudante.

6.1 Ordenamento do ativismo gordo

O reconhecimento entre pessoas gordas de que elas formam um grupo que pode e deve se unir para lutar por seus direitos no Brasil é recente. Para que o engajamento contrário à norma social surja é necessário que os *outsiders*, neste caso, pessoas gordas, sintam que estão sendo injustamente julgadas (BECKER, 2008). A forma como as pessoas gordas começaram a se articular de acordo com as informações obtidas durante os grupos focais foi por meio de grupos de bate-papo na internet voltado a pessoas gordas:

Elza: E isso foi indo até que eu conheci um grupo no UOL: gordinhos (incompreensível). Aí tipo, entrei no grupo, chegava lá, as mulheres no nick “gorda 130 quilos”, pô, é o paraíso. Nessa época eu tinha 120 e tipo já usava o UOL, já usava o chat. Aí eu perguntava “como você é?”, “ah, eu sou alta, branca, nem loira nem morena, gorda e alta” e eu falava que eu tinha 76 quilos. Eu não ia falar que eu tinha 120, era muita coisa. As pessoas não têm ideia. Quem não pesa não tem ideia que uma pessoa de 150 quilos pode estar bem, 120 e tal. As pessoas já imaginam uma pessoa deitada na cama, as pessoas não têm noção. A pessoa magra não tem noção.

A *internet*, nesse sentido, não se trata de apenas mais um meio de comunicação para os/as ativistas gordos/as, mas de “um espaço de relação social” (SEGATA, 2016) em que ocorrem como veremos a seguir, discussões e deliberações relacionadas ao ativismo gordo bem como o estabelecimento de laços entre pessoas gordas que provavelmente não teriam a

mesma oportunidade de troca de experiências e informações nessa escala se não fosse pela *internet*.

A possibilidade de conhecer e se identificar com outras pessoas que passavam pelos mesmos problemas é o ponto inicial na organização de um grupo desviante que busca enfrentar as imposições a ele colocadas por causa de seu desvio (criado pela sociedade), fortalecendo sua identidade. Segundo Becker:

Membros de grupos desviantes organizados têm, claro, algo em comum: o desvio. Ele lhes dá um sentimento de destino comum, de estar no mesmo barco. A partir desse sentimento de destino comum, da necessidade de enfrentar os mesmos problemas, desenvolve-se uma cultura desviante: um conjunto de perspectivas e entendimentos sobre como é o mundo e como se deve lidar com ele — e um conjunto de atividades rotineiras baseadas nessas perspectivas. O pertencimento a um grupo desse tipo solidifica a identidade desviante. (2008, p. 673-676)

É a partir da interação inicial, do desenvolvimento da aceitação da identidade gorda, por tanto tempo inculcada como identidade desviante, que é possível a articulação e organização das pessoas gordas em torno dos direitos que buscam conquistar e da norma que buscam contestar. Assim ocorreu com outras minorias políticas como os negros, os indígenas, os gays, as lésbicas, os/as transexuais, as mulheres, dentre outros.

O que une gordos/as no Brasil em um primeiro momento é o desvio (chats do UOL, nos anos 2000) e num segundo momento se constituindo enquanto ativismo o questionamento da acusação do desvio pelos estabelecidos (BECKER, 2008), criando-se redes mais concretas e duradouras a partir da criação de categorias nativas (a partir aproximadamente dos anos de 2012-2013).

A *internet*, no entanto, não é o único meio de aproximação de pessoas gordas para com o ativismo gordo. Cada experiência de “despertar” para o ativismo gordo é única e conta com riqueza de aspectos subjetivos e coletivos, sendo frequente na trajetória das pessoas gordas inúmeras tentativas de emagrecimento e constrangimentos diários como podemos ver no exemplo descritos (para mais relatos de aproximação com o ativismo gordo vide anexo 1²⁵) em uma das entrevistas semi-estruturadas:

*Carolina: É... Já era treta, né. Eu sempre mano, fui a mina zoada do colégio. E aí, a gordinha da escola que todo mundo rejeitava. Eu andava com umas blusas mil vezes mais largas assim. Mas não porque... Eu sempre gostei de blusa mais larga e pá. Mas era muito moletom, tava maior calor e eu de moletom, assim cobrindo, tá ligado. Por *tosse* Vergonha né, do meu corpo. E minha mãe tinha assim, um pensamento foda psicológico. Até hoje ela tem, isso é o mais louco, assim, sabe. Até hoje ela vira para mim e fala "*

²⁵ Os anexos estão presentes no fim trabalho para fornecer mais exemplos presentes nos grupos focais, enriquecendo as descrições mas não atrapalhando a leitura em seu corpo principal com trechos muito longos.

ai, você precisa emagrecer" tipo, então é umas parada muito tensa quando se falava em relação ao meu peso, porque sempre sempre sempre sempre me olhava no espelho e falava "eu preciso emagrecer", "quando eu emagrecer as coisas vão melhorar", " quando eu emagrecer eu vou ser feliz", " quando eu emagrecer as pessoas não vão mais me julgar, eu vou poder fazer o que eu quiser". Era essa a minha visão, assim. E eu tentava de todo jeito emagrecer. Tipo, receitas, vegetarianismo, é... sei lá, de tudo assim. Passava fome às vezes e aí eu não conseguia, ficava ansiosa e comia uma par de fita. Então, assim, nunca resolveu nada disso. E... A minha falta de vontade assim de, de dar procedimento nisso foi vários traumas na minha mente, saca. Por padrão de beleza que é imposto. Você vê, né, mano, não tem nenhuma mulher gorda na televisão e quando tem é ridicularizada, tá ligado. Nada do que vem da imagem de uma pessoa gorda e, principalmente, de uma mulher gorda é positivo na sociedade. Então eu tive vários estralos na minha vida, né tipo. Eu acho que o mais forte assim foi o anarquismo, que tipo, tirou... O ateísmo foi o primeiro assim. Que tirou vários padrões assim da mente. Mas ainda tinha muita coisa, né, pra desconstruir. A minha mente [incompreensível] Aí veio o anarquismo, tipo, uma coisa foi levando à outra, saca. Gostar de, tipo, pesquisar sobre religião me fez gostar de pesquisar sobre filosofia e filosofia me fez gostar de política e aí o anarquismo foi um estralo muito forte. E aí depois do anarquismo, o feminismo, que foi o que me levou a assim tipo, mano o rap foi o que me levou a isso também. O rap me levou a pesquisar sobre tudo, porque me colocava em outro estado de consciência, né. E toda vez que eu escutava uma mina cantando rap eu me sentia representada e aí quando eu ouvi o som da Patrícia foi a mesma fita. E quando eu, tipo, é... A gente começou a trocar ideia, aí várias fitas que eu via dela assim, tipo, como ela lidava com seu corpo, com seu peso era incrível, era muito foda e isso foi me libertando aos poucos. E o processo de composição no meu primeiro disco foi baseado um pouco nisso, já tava nessa desconstrução que é diária, né, cotidiana né. Tem dia que você vai se olhar no espelho devido a vários fatores, sei lá, às vezes alguma coisa pode te deixar mal. Ou um babaca passa na rua, isso não me afeta mais, tipo, "e aí, sua gorda?" e tal, mas sei lá *tosse*. O fato de como os seus familiares te tratam às vezes, tá ligado, são pessoas importantes pra você e você pensa "nossa meu, devia emagrecer", saca, tipo, isso te coloca numa encruzilhada às vezes. Mas o rap, quando a gente terminou de escrever ele, eu já tinha uma consciência assim totalmente livre assim de padrão assim, saca. E aí o trabalho é interno todo dia, desconstrução pá. E isso, e hoje isso é bem diferente assim, né. Ainda bem.*

Essas experiências vão de encontro com os pressupostos teóricos desta pesquisa levando em consideração que os agentes não são simplesmente condicionados pelas estruturas sociais presentes nos sistemas de opressão, nos padrões e normas internalizados, mas ao mesmo tempo, a partir de suas práticas estabelecem princípios duradouros geradores

de escolhas, o *habitus* (BOURDIEU, 1994), sendo ao mesmo tempo estruturado, produto da inculcação e da história coletiva e estruturante na medida em que exterioriza a interioridade, possibilitando o estabelecimento de estratégias dos agentes em campo, como, nesse caso, a integração a algum grupo que reivindique a predominância de ideias pré-concebidas sobre o corpo gordo.

Além de analisar aspectos em comum na aproximação das mulheres e dos homens gordos com o ativismo gordo, foi possível mapear a popularização do termo “gordofobia” por meio da *internet*, sendo principalmente visto pela primeira vez entre 2 e 3 anos atrás (lembrando que os grupos focais foram realizados em 2017), sendo 2014-2015 o ano em que mais pessoas participantes dos grupos focais entraram em contato com o termo. Dois participantes, no entanto, o viram com mais antecedência no idioma inglês, há aproximadamente 5 anos, em 2012.

Outro aspecto importante na definição identitária de um grupo são suas regras (BECKER, 2008). O grupo de pessoas gordas não têm regras formais, no entanto, os/as ativistas gordos/as criam conceitos que estabelecem um senso comum dentro deste grupo do que deve e do que não deve ser perpetuado. É possível citar o exemplo da diferenciação entre pressão estética e gordofobia, essencial no ativismo gordo²⁶. Essa diferenciação diz respeito ao entendimento que a pressão estética é sofrida por todos que convivem em sociedade, tratando-se da pressão sofrida para que se encaixe no padrão de beleza determinado pelos aspectos socio-político-culturais de cada sociedade. Já a gordofobia diz respeito à opressão específica sofrida pelas pessoas gordas, em que há exclusão de espaços públicos por conta da acessibilidade limitada (como não caber em assentos de ônibus ou avião e a falta de roupas) e a patologização sofrida pelas pessoas gordas além da condenação moral de seus corpos e estilos de vida. Conceitos como pressão estética e gordofobia podem ser entendidos como categorias nativa, elaboradas pelo próprio grupo.

Na *internet*, a negociação de regras do grupo fica mais clara. O maior grupo sobre empoderamento gordo do Brasil é o grupo “Baleia”, no *Facebook*. Este grupo conta até o momento com 4.548 membros. Ingressei no grupo em junho de 2017 para fins de pesquisa e desde então venho realizando a observação sistemática das interações estabelecidas entre membros e do conteúdo postado por eles/as. Para que seja possível o ingresso no grupo, é necessário que sejam respondidas três perguntas, sendo elas:

²⁶ Elaboração em relato durante grupo focal reproduzida em Anexo 2 neste trabalho.

A Baleia é um grupo de acolhimento e empoderamento de pessoas gordas. Aqui, não aceitamos o conceito de que o corpo gordo é um corpo doente. O que você acha disso?

Aqui, buscamos acolher pessoas que sofrem gordofobia e informar sobre o gordoativismo. Você conhece algo sobre a causa gorda? Descreva.

Nesse grupo, temos regras claras e severas para manter o espaço seguro. Reflita antes de comentar e LEIA AS REGRAS. Você está de acordo?

Trata-se de um processo de seleção que busca proteger os membros do grupo de possíveis *haters* - pessoas que propagam ódio a pessoas gordas, *fakes* - pessoas que usam perfis falsos (com fotos e nomes falsos) para expor outras pessoas, criar discórdia e/ou propagarem ódio, ou simplesmente pessoas que são gordas mas não estão buscando entrar em contato com conteúdo ativista. Essas perguntas também funcionam como fronteira simbólica, que se pode comparar a um rito de passagem (GENNEP, 2011) em que se é aceito por um grupo, um rito de agregação cibernético.

O estabelecimento de regras para o ordenamento de grupos *on-line* em geral não é criação do ativismo gordo, estando presente desde pequenos grupos de e-mail a grupos maiores (Máximo apud Segata, 2016). As restrições do que pode ser publicado ou não é pauta constante entre os/as ativistas, como Máximo (apud Segata, 2016) coloca, formando “uma espécie de etiqueta” (p. 96). Podemos observar abaixo a lista com as regras do grupo de Facebook “Baleia”:

Bem vinde à Baleia!

BERNARDO BOËCHAT · QUINTA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 2017

A Baleia é um grupo body/fat positive, aberto a todos os sexos, gêneros, orientações sexuais, etc. O que nos une é nossa vivência como pessoas gordas.

Esse grupo se propõe a ser um lugar seguro e empoderador para todes desenvolverem e conversarem sobre amor próprio, questões corporais, gordofobia e outros assuntos delimitados pela vivência gorda.

Pessoas gordas têm preferência para entrar na Baleia. Acreditamos que já existem diversos outros grupos para questões específicas de pessoas magras e este não é um deles. Pessoas que não se identificam/não são identificadas como gordas entrarão no grupo após avaliação da moderação. Não é segregação, é visibilidade. Busque conscientizar-se e respeitar.

Aqui, prezamos pelo debate saudável e pela cordialidade. Não serão admitidos nenhum tipo de discurso gordofóbico, fetichista ou que não respeite o protagonismo de pessoas gordas.

⚠ Links Importantes ⚠

Lista completa de lojas Plus Size

👉 Conceitos e diretrizes fundamentais do grupo 👉

Esse é um grupo para debater exclusivamente questões relacionadas à vivência gorda.

Ser gordo não é doença. Ser gordo não é doença. Ser gordo não é doença. Mas pessoas gordas podem ficar doentes, por serem pessoas, não por serem gordas. Este entendimento é fundamental e prévio à qualquer interação no grupo.

Evite postar casos pessoais, salvo casos extremos, em que você precise de ajuda urgente.

É proibido postar casos de gordofobia na mídia, incluindo notícias e vídeos com teor gordofóbico, mesmo em tom de denúncia. Todos nós já sabemos como a sociedade é gordofóbica. Este tipo de post não ajuda no objetivo principal do grupo: o acolhimento.

Pressão estética e gordofobia não são a mesma coisa. Busque saber a diferença.

Clique aqui para assistir nossa live sobre o assunto.

Quanto mais gordo, maior a gordofobia. Explicitar isso não é diminuir o sofrimento de pessoas gordas menores.

Se você não vive algo, isso não quer dizer que aquilo não existe. Estar no movimento é lutar por todas as pessoas, não só por você.

Todos os posts precisam trazer algum debate ou valor para a comunidade. Selfies aleatórias serão deletadas.

Esse é um grupo de luta e conscientização. Precisamos falar do assunto, mas sem estacionar na lamentação. Nosso objetivo é o empoderamento.

Leia as regras completas do grupo no fim deste texto.

(obrigatório para novatos)

👉 Posts de destaque da comunidade 👉

Baleia Live: Qual a diferença entre pressão estética e gordofobia?

Baleia Live: Por que existem as expressões “gordo maior” e “gordo menor”?

Por que você tem orgulho de ser gordo?

Ser gordo não é sofrimento.

Sobre ser gordo e amor próprio.

👉 Anúncios/Publicidade/Divulgação 👉

A Baleia está aberta a parceiras com marcas relacionadas com o tema gorde. Quer divulgar sua marca no grupo ou apoiar outras atividades da Baleia? Entre em contato com nossa moderadora e responsável pela área, Juliana Rangel.

Esta é a única forma de divulgação permitida no grupo. Posts e comentários de divulgação sem autorização serão deletados.

👉 Grade de posts fixos 👉

Apresente-se

Body Positive Tour (Post para selfies)

Divulgação (Post para divulgar seu trabalho)

🌸 Regras do grupo 🌸

🌸 SEJA VERDADEIRO. Não tenha medo de se expor, de ficar vulnerável, de se abrir. Esse é um espaço seguro para você se amar.

🌸 NADE DE OLHOS ABERTOS. Viu qualquer ação que impeça a realização da última regra? Fale com a gente.

🌸 NUDES NÃO SÃO PERMITIDAS. Nosso objetivo é enaltecer nossos corpos, mas mantenha o material mais ~caliente~ no inbox pessoal de cada um, ok?

🌸 FLERTAR É ÓTIMO, MAS COM RESPEITO. “Clima de paquera e azaração” não é proibido no grupo, mas também não é nosso objetivo principal. Estamos aqui para incentivar o amor próprio e conversar sobre assuntos relacionados. Deixe suas “investidas” para o inbox ou para posts que explicitamente sejam para este fim.

Lembre-se que existem pessoas de diversos gêneros e orientações sexuais no grupo.

🌸 PODE (E DEVE) PROBLEMATIZAR SIM, MAS COM AMOR. Entendam que a amiguinha ou amiguinho não nasceu já todo desconstruído e libertário, por isso, entendamos seu ponto de vista diferente e tentemos fazê-lo entender o nosso da melhor e mais educada maneira possível, combinado? combinado! 💕

🌸 POSTS GORDOFÓBICOS (mesmo em caráter de denúncia) NÃO SÃO PERMITIDOS. Não compartilhe vídeos ridicularizando pessoas gordas ou casos de gordofobia. Nós já sabemos que o mundo é gordofóbico, ninguém precisa ser lembrado disso aqui dentro do grupo.

🌸 POSTS POLÊMICOS SÃO IMPORTANTES para o crescimento da comunidade como um todo. Nem sempre vamos concordar com tudo, e por isso é importante que o debate aconteça. Se você fizer um post polêmico, saiba que isso pode trazer discordâncias ao seu ponto de vista, e não há problema nenhum nisso, desde que seja feito com respeito a sua dignidade. POSTS COM MAIS DE 50 COMENTÁRIOS QUE FOREM APAGADOS PELO DONO DO POST ACARRETARÃO EM BANIMENTO. Se você quer muito apagar seu post, avise para um moderador antes. Vamos tirar print do post inteiro, apagar seu nome e subi-lo novamente.

🌸 USE ALERTA DE GATILHO. Está fazendo um post que pode trazer desconforto para outras pessoas? No topo do seu texto, adicione uma tag com um alerta de gatilho. Exemplo: “[Bariátrica] [Abuso]”.

🌸 NÃO ACEITAMOS POSTS SOBRE CONCURSOS DE BELEZA OU MISS. Neste grupo, não acreditamos que a saída para o amor próprio seja comparar mulheres gordas pela beleza ou fazê-las competir pelo seu corpo. Mesmo que pareça muito empoderador, esse tipo de concurso só reforça a ideia de que mulheres

devem se sentir somente a partir de sua imagem.

🗣️ **NÃO OFENDA.** Num espaço seguro, não há espaço para ofensas pessoais. O mar precisa estar sereno pra pisarmos de boas na areia [#claranunes], já que o mundo lá fora é cruel o bastante com todos nós.

🗣️ **ASSUNTOS BODY POSITIVE TEM PRIORIDADE.** Adoramos outros assuntos e eles têm espaço aqui também, mas não esqueça que o assunto principal é body positive (gordofobia, pressão estética, etc).

🗣️ **EVITE POSTAR LAMENTAÇÕES.** Contar sua história faz parte, principalmente se você nunca teve com quem falar sobre isso, mas todos nós do grupo já conhecemos os pequenos atos de gordofobia diária. Não é necessário fazer um post toda vez que você perceber um. Isso acaba poluindo o grupo e tirando o foto de luta. Se lamentar faz parte do jogo, mas precisamos dar o próximo passo.

🗣️ **ESSE É UM GRUPO DE CONSCIENTIZAÇÃO E LUTA.** É fundamental que você se informe sobre as questões da luta gorda. Debater sem conhecimento é jogar conversa fora.

🗣️ **A LUTA É DE TODES.** Não é porque você não vive algo que isso não existe ou que não merece sua atenção. A luta é para todas as pessoas gordas, não só pra você.

🗣️ **TENHA BOM SENSO NA HORA DE POSTAR.** Poste assuntos que interessem a comunidade, relatos, conteúdos, links. Não faça posts aleatórios ou que não agreguem para o debate. Muitos posts seguidos também não são permitidos.

🗣️ **SELFIES, FOTOS PESSOAIS E DIVULGAÇÃO SOMENTE NOS POSTS ESPECÍFICOS**

🗣️ **POSTS REPETIDOS OU SEM CONTEÚDO SERÃO APAGADOS.**

🗣️ **TODES SÃO BEM VINDES.** Todos estão liberadas pra postar no grupo **PORÉM** nem é preciso dizer que qualquer tipo de opressão ou sequestro de lugar de fala, o/a usuário/a será banido/a.

🗣️ **APRESENTE (NO POST CERTO).** Tode novate pode (e é incentivada a) se apresentar ao grupo no post de apresentações! Posts fora do lugar serão apagados para manter a organização do grupo.

🗣️ **ENALTEÇA O DIFERENTE!** Estar no padrão não é um problema, mas evite colocar posts que fiquem endeusando ou enaltecendo exatamente o padrão que oprime tantas pessoas dentro do grupo.

🗣️ **NÃO É ACEITO, DE FORMA NENHUMA:** machismo, gordofobia, elitismo, etarismo, capacitismo, transfobia, lesbofobia, bifobia, homofobia ou QUALQUER outrofobia.

🗣️ Se alguma postagem te atingir de alguma forma, entre em contato com os ADMs do grupo. Não deixe-se levar por postagens tóxicas e comportamento

indevido;

☞ SÓ DEIXANDO MAIS CLARO DO QUE ACREDITAMOS ESTAR: Não será tolerado NENHUM tipo de preconceito, especialmente gordofóbico.

Nesta lista de regras pode-se observar que se trata de um processo civilizador (ELIAS, 1990) que ao mesmo tempo que acolhe ensina a conter emoções e normas de etiqueta on-line para que seja o convívio pacífico do grupo. Podemos notar também a adoção de termos do movimento LGBTQ+, sem diferenciar identidade de gênero de forma cissexista (homem/mulher). São colocadas normas e orientações explícitas de como postar, quando tirar, criando uma comunidade virtual.

O grupo possui mais de um administrador que muda de tempos em tempos, por disponibilidade ou discussão irreparável entre administradores/as. De acordo com um dos administradores entrevistados, busca-se cada vez mais a inclusão de administradores/as com características diferentes (em especial em relação a gênero e orientação sexual) uma vez que se entende por ele que olhares de diferentes pontos de vista na administração se tornam mais sensíveis para possíveis constrangimentos e opressões contidos nas postagens.

Nota-se nas regras e diretrizes do grupo a sistematização de alguns temas comuns às discussões dentro do ativismo gordo como a diferença entre pressão estética e gordofobia e ser gordo e saúde, num modelo de manual virtual didático por meio de vídeos produzidos por ativistas gordos/as.

O não cumprimento das regras estabelecidas dentre os/as agentes com maior poder deliberativo dentro do campo, regras publicizadas pelos/as administradores/as do grupo, pode resultar em exclusão ou advertência a um membro do grupo, depende do quão grave foi a infração cometida.

É importante levar em consideração, de apesar de terem essa causa em comum, as/os ativistas gordas/os pertencem a muitos outros grupos, sendo heterogêneos em relação a posicionamento político (esquerda, centro, direita e suas variações) bem como níveis de engajamento com o ativismo e em diferentes graus de conhecimento sobre a militância gorda.

Em relação ao posicionamento político, a maioria dos/as ativistas presentes nos grupos focais se identifica com políticas consideradas de esquerda. Alguns/algumas se identificam como anarquistas e outros como progressistas, alguns não sabem definir sua inclinação política, enquanto um participante se considera de centro-direita:

Caio: Eu me considero de esquerda claramente, e eu considero que é... Independente de qualquer posição política se a gente não caminhar para um lugar onde pessoas tenham mais igualdade, onde as pessoas tenham

mais acesso, que a mesma pessoa que luta para o movimento gordo luta pra todo mundo, né.

Adrielle: Eu não sei, pra mim não é claro assim a... Existe um lado que vai favorecer sabe, causas como a dela por exemplo. E é a minha também.

Carla: Eu sou de esquerda, mais pro lado anárquico do que pro neoliberal.

Paulo: Esquerda.

Tiago: Para política eu me considero ou liberal ou centrista, depende da temática. Mas eu sou mais de centro que eu gosto de analisar os dois lados da situação.

No grupo Baleia, no entanto, com uma amostra maior, é possível notar a heterogeneidade dos posicionamentos políticos ali presentes. Enquanto a maioria dos/as ativistas se declara feminista ou pró-feminismo, nos grupos focais algumas ativistas não concordam com esse título como obrigatório para ativistas gordas/os. A ausência de necessidade de definição ideológica mais ampla no movimento e o foco na causa gorda especificamente parece ser uma das características dos movimentos sociais pós-advento das mídias sociais.

Os posicionamentos políticos específicos do grupo também não são homogêneos. Existem diversos conflitos, por exemplo, na definição sobre quem é gordo, na aceitação ou não dos conceitos de “gorda/o maior” e “gorda/o menor”, nas questões relacionadas ao emagrecimento de pessoas gordas, o conflito entre ativistas que entendem questões *body positivity* como parte do ativismo gordo e os que não entendem, bem como em questões mais gerais relacionadas ao esclarecimento sobre conceitos como direitos humanos, privilégio e lugar de fala. Enquanto alguns membros do grupo possuem clareza em relação a conceitos, outros/as entram no grupo trazendo suas experiências pessoais, sem buscar desenvolver aspectos teórico-militantes, ou buscando uma militância menos teórica e buscando apoio. No grupo se diz que há diferentes graus de “desconstrução”²⁷ sobre o tema, sendo frequente que se peça paciência para com novos membros e disposição para o didatismo sobre temas já conhecidos amplamente por militantes mais antigos/as. De acordo com Becker (2008):

A questão de qual é o objetivo ou meta (função) de um grupo — e, conseqüentemente, de que coisas vão ajudar ou atrapalhar a realização desse objetivo — é muitas vezes política. Facções dentro do grupo discordam e manobram para ter sua própria definição da função do grupo aceita. A função do

²⁷ Termo relacionado à desnaturalização de conceitos construídos socialmente e naturalizados no cotidiano como “beleza”, “saúde”, entre outros, dando espaço à reflexão sobre o significado desses conceitos.

grupo ou organização, portanto, é decidida no conflito político, não dada na natureza da organização. (BECKER, 2008, p. 252-255).

Não há uma fórmula pronta do que é certo e errado no ativismo gordo, em especial, os conceitos ainda não são tradicionais ou clássicos ao grupo uma vez que se trata de um ativismo com história recente no Brasil, sendo constantemente revisitados e discutidos pelo grupo, trabalho conhecido pelo grupo como “problematização”, conceito acadêmico popularizado e amplamente utilizado na *internet*.

A sociabilidade via *internet* permite que pessoas se encontrem por possuírem uma característica em comum e se abram umas com as outras por possuírem problemas em comum. Muitas pessoas buscam conselhos ou apenas uma palavra de apoio contando situações difíceis pelas quais passaram por serem gordas naquele dia, no caso do grupo Baleia, por mais que as regras busquem afastar esse tipo de postagem, elas são constantes.

Podemos fazer um paralelo entre os resultados de pesquisa publicada em 2002 por Máximo (apud Segata, 2016) sobre as interações de um grupo de e-mails sobre cibercultura e o significado das interações no grupo Baleia:

Em termos gerais, a autora mostrou que não haviam apenas dados ou fluxos de informação acadêmica sobre a cibercultura, mas um espaço de sociabilidade que requeria a constante manutenção de suas formas organizacionais e simbólicas, por meio da negociação do que ela chamou de regras de fala (MÁXIMO, 2002 apud SEGATA, 2016, p. 96).

Ao invés de “informação acadêmica sobre cibercultura” podemos substituir por “informação sobre militância gorda” e obtemos as mesmas características, sendo observadas nas diretrizes do grupo Baleia, claramente, as regras de fala.

Outro aspecto organizacional importante para o desenvolvimento do ativismo gordo, não necessariamente ligado ao grupo Baleia, é o reconhecimento às pessoas produtoras de conteúdo entre os/as ativistas. Há pessoas citadas frequentemente, havendo as pessoas que publicam com frequência em *blogs* e *sites*, sendo assim, reconhecidas como referências no grupo. Podemos ver alguns exemplos de pessoas consideradas referências de acordo com a propagação de conteúdo em falas presentes nos grupos focais:

Caio: Eu vejo muito a Ju Romano na parte da moda, né, a Ju Romano é uma super referência. É, que tem isso também, gordo não é representado. Então ver uma pessoa gorda que tem uma vida de... Uma vida é... Que é envolvida com a moda, que é envolvida com o bem-estar do corpo, com auto-estima, tem uma importância muito grande. A Flávia Durante, né, a organizadora do Pop Plus. Quem mais? Eu acho que é bastante importante neste meio... o Marcos Magoga, né. O Magoga acho que ele... Muito do que eu... Muito do meu discurso acho que vem muito dos textos que ele

escreve. (...) a Paola que mesmo que muita gente não considere ela eu acho que tem pouquíssimos médicos que falam sobre esse assunto. E ela por ser uma nutricionista, ela ajuda de alguma forma esse meio de campo.

Marcia: Eu queria perguntar pra vocês quem vocês consideram assim uma referência de ativismo gordo no Brasil?

Fernanda: Bernardo.

Clara: Bernardo. Alexandra Gurgel também.

Fernanda: Alexandra Gurgel.

Clara: O Magoga, não sei o nome dele, mas ele tem uns textos, os textos dele são bem no ponto. Com texto, o Bernardo é vídeo, né. A mídia do vídeo eu sei que é mídia em voga hoje em dia mas eu não (incompreensível), mas os vídeos do Bernardo eu vejo. E da Alexandra também.

Fernanda: No geral, tá, aí se for classificar por etapas, que fala de beleza, que fala de moda, que fala de saúde, daí tem os nomes específicos, mas acho que esses 2 falam sobre assuntos comuns e de uma forma clara, simples, que chega no...

Ana: Eu gosto muito da Luiza Junqueira (...)

A maioria das pessoas que são consideradas referências e foram citadas possuem algum meio de comunicação on-line. Luiza Junqueira, Alexandra Gurgel, Bernardo Boechat são mais conhecidos por seus canais no *Youtube*²⁸ (apesar de também produzirem textos para sites, contribuírem para matérias jornalísticas e/ou possuam *blogs* e *Instagram*). Ju Romano possui um blog relacionado à moda²⁹ e Marco Aurélio Domingos Magoga possui dois blogs³⁰. Flávia Durante é conhecida pela organização do evento Pop Plus, maior evento de moda plus size no Brasil, de forma que o evento conta com *website* e página no *Facebook*. Também foram citadas nos grupos focais em trechos não transcritos aqui a jornalista Jéssica Balbino, produtora de conteúdo on-line no *Facebook* e em *blogs*, a cantora Ellen Oléria e a modelo Bia Gremion.

²⁸Em ordem: Canal “Tá Querida” com 474.360 inscritos (<https://www.youtube.com/channel/UCVEVvanoMK9tGclfWLghaKw>); Canal “Alexandrismos” com 333.342 inscritos (<https://www.youtube.com/channel/UC2LQ5jMieMZjb5k5Gprp2JQ>); e Canal “Bernardo Fala” com 41.689 inscritos (<https://www.youtube.com/channel/UCv1RFVLBWD-cqUwocOF2qKQ>). É importante ressaltar que os canais de Youtube citados não tratam exclusivamente da temática gorda.

²⁹ Blog da Ju Romano (www.juromano.com);

³⁰ Blog “A coisa toda” (<http://acoisatoda.com>) e “O grande close” (<https://medium.com/ograndeclose>)

As referências geralmente são entendidas como centralizadoras de informações sobre os avanços nas teorias sobre gordofobia estando divididas, de acordo com os presentes nos grupos focais, entre produtoras de conteúdo sobre gordofobia e ativismo gordo no Brasil e propagadoras desse conteúdo. É importante frisar que nem todos/as ativistas entendem as referências como importantes, sendo contra a centralização de conteúdo ou reconhecimento de lideranças ou influências, bem como pessoas que são contrárias a tipos específicos de pessoas consideradas influências, como as propagadoras de conteúdo como observado em dois grupos focais:

Olívia: (...) Tipo assim, é muito... Assim, uma coisa que falta é tipo alerta que se alguma pessoa se coloca como a voz da militância pode ter certeza, analisa o discurso da pessoa que você vai ficar “hmmm, não, não, não”, problemático pra caramba. Porque tem gente hoje em dia, especialmente com esse boom do youtuber e ai (incompreensível) blogueira, as pessoas, elas querem ficar famosas (incompreensível)

Tiago: Existem referências, só que eu tenho que fazer um parênteses, posso até estar sendo chato... Tem muitas pessoas que estão na militância com o único objetivo de ganhar o pão. A pessoa vai, faz um discurso e a única preocupação dela é quantos likes ela vai conseguir.

Elza: É isso aí.

Tiago: E tem pessoas que têm uma história de vida, até posso citar a Elza, o blog dela não nasceu ontem, ela tá no contínuo histórico dela, então você vê o crescimento dela. E outras pessoas se apropriam dos discursos...*

Elza: Do nada chega lá...

Outro aspecto que se destaca nas falas é a resistência em seguir uma militância (a expressão ‘voz da militância’ em sentido de alerta) e a preocupação em identificar diferentes tipos de ação social: ação racional a fins (WEBER, 1994) – quem deseja *likes* para se sustentar; ação racional a valor (WEBER, 1994): o blog que tem uma história de vida da última fala. Nestes espaços fica claro como regra a denegação do universo econômico: quem entra no grupo deve ser militante legítimo o que exclui evitar o que é considerado oportunismo.

Um dilema quanto a popularização do tema sobre os direitos gordos na internet, com visibilidade para pessoas que vivem da produção de conteúdo via *Youtube* e *Instagram* é identificado na descrição acima com desconfiança. Enquanto uma parcela de ativistas entende que esses canais são importantes para a disseminação das ideias sobre os direitos das pessoas

gordas a todas as pessoas, sejam gordas ou magras, outra parcela entende que a forma como isso está sendo feito é superficial e injusta, uma vez que as pessoas que contribuíram para a criação da teoria no ativismo gordo brasileiro não são creditadas e os porta-vozes acabam por ser mais reconhecidos dentre a maioria do público gordo e não-gordo.

Muitos/as ativistas gordos/as acabam em alguns casos se conhecendo em território *off-line*, de forma que geralmente já sentem que conhecem umas às outras, pois de fato possuem diversas experiências compartilhadas via *internet*. Conhecer uma pessoa não é exclusivo, portanto, ao território *off-line*, uma vez que existe também a criação de vínculos *on-line*. Um momento propício para que ativistas gordos/as se conheçam *off-line* são os grandes eventos de moda *plus size* do país, concentrando-se principalmente em São Paulo com o evento Pop Plus (aproximadamente quatro vezes ao ano) e no Rio de Janeiro com os eventos Big Bazar (sem frequência regular, eventual) e Hashtag Bazar (com frequência mensal ou quinzenal).

Esses eventos são, de maneira geral, considerados como componentes do ativismo gordo uma vez que proporcionam acessibilidade a roupas do manequim daqueles e daquelas que os frequentam. Somado a isto, concentra pessoas gordas no mesmo lugar não apenas com o intuito de consumir, mas também no intuito de socialização, diálogo, conhecimento. Exploramos esses aspectos no capítulo seguinte (cap. 3), descrevendo como ocorrem as interações nesses eventos e analisando a relação entre o ativismo gordo e o mercado de moda *plus size*.

6.2 Definições no ativismo gordo

Mas afinal, o que é ser gordo para o ativismo gordo? O ativismo gordo nega as definições de “acima do peso” e de “obesidade” tais quais definida pelo IMC. Para os/as militantes gordos/as, esse conceito, já traz consigo a ideia de que a pessoa gorda é doente.

A classificação de uma pessoa enquanto gorda pode parecer simples, mas definitivamente foi uma das perguntas em que houve maior variação nas respostas dos/as entrevistados/as, o que pode indicar um processo de identidade em construção. A identidade gorda acompanha consigo uma fluidez muito grande, uma vez que a quantidade de gordura e as massas dos corpos durante a vida variam muito. A partir de qual peso, seria uma pessoa considerada gorda para os/as ativistas? A definição mais recorrente é a que em que se entende que a pessoa pode ser considerada gorda a partir do momento em que encontra dificuldade de

acessibilidade pelo tamanho de seu corpo. Em uma sociedade em que pessoas magras que engordam um pouco já se chamam de “gordas”, esta definição se torna ainda mais delicada.

Enquanto no grupo focal realizado em São Paulo, os/as participantes de forma geral procuravam uma definição mais objetiva a partir de conceitos como patologização e acessibilidade, observamos que no grupo focal realizado em Florianópolis, a subjetividade em relação à definição identitária de gorda aparece mais vezes.

São Paulo:

Natalia: E a medida pra considerar uma pessoa gorda, a partir do quê, qual é o... O que vocês usam pra dizer se a pessoa é gorda ou não-gorda?

Olívia: A partir do momento que ela é patologizada.

Natália: Considerada sobrepeso?

Carla: Eu acho que no atual momento se você não é tipo a Pugliesi [mulher que trabalha para a indústria fitness e mantém blog e canal no Youtube com muitas visualizações e seguidoras/es sobre o corpo e ginástica], todo mundo te considera gordo. Se seu corpo não é extremamente firme, magro, sem... Só de massa magra as pessoas já passam a te patologizar. É...

Olívia: Hmmm (de discordância).

Carla: Não, em escalas diferentes, mas passa. Tanto que meu, eu trabalho na TV e trabalho com a parte de mídia e celebridades. E a Fernanda Vasconcelos emagreceu muito e eu comecei a ouvir as pessoas falando “Não, porque antes ela era gordinha” e eu fiquei “gente, vocês são malucos? Essa mulher sempre foi magra, agora ela tá esquelética.”.

Olívia: Mas o termo patologizar aqui eu tô usando como ser considerado doente. A pessoa, assim, vai ter muita gente que vai considerar gente magra gorda? Sim, porque a sociedade é maluca. Mas assim, mas ser patologizado é diferente que tipo, alguém te achar gordo. Alguém pode achar qualquer pessoa do mundo gorda (incompreensível, interrupção)

Carla: (Incompreensível) A partir do momento que você entra num consultório médico e o médico fala que você precisa emagrecer.

Mariela: Sem olhar seus exames.

Carla: É, sem olhar seus exames. E os médicos hoje começam a fazer isso num peso muito baixo.

Olívia: Mas ainda assim, pra ser patologização, de você ser considerado doente, tipo realmente, que você tenha um CID [Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde], tenha um certo...

Mariela: O IMC...

Olívia: Exatamente, o IMC é uma medida completamente errônea, completamente zoada, mas muitas vezes o IMC serve às vezes pra você definir, tipo, falando cientificamente de quem é considerado doente, quem não é. Só que ainda assim a patologização é muito complexa, tem vários fatores: é ser considerado doente, é você reconhecer um problema estrutural porque uma pessoa que não é gorda ela não vai reconhecer o problema estrutural, ela vai ficar tipo “ah, mas é porque minha mãe me chamava de gorda”, “que minha mãe não me deixava comer pudim” porque... Mas a pessoa que não é gorda não vai saber o que é entalar[quando a pessoa não consegue passar pela catraca do ônibus e também não consegue voltar], não vai saber o que é realmente não ter acesso a um médico. Porque não é nem questão do médico me mandar emagrecer, é questão do médico... Eu não conseguir ser atendida, de eu não conseguir um plano de saúde porque eu já sou considerada doente mesmo sem doença alguma, mesmo sendo uma pessoa de 23 anos extremamente saudável eu não posso ter plano de saúde.

Paulo: É por isso que a militância ela precisa ter camadas é... Diferentes e não se prender só no conceito de autoestima porque tem justamente esta questão, né. Tem muita gente que não tá cabendo só, só porque não tá cabendo no molde 48 da marca de pessoas magras já vai nos grupos de militância...

Olívia: Se reconhece como gordo...

Paulo: Falar “olha como a gordofobia é difícil”.

Olívia: Mas a pauta difere. Que a pauta dessa pessoa não é a mesma pauta.

Paulo: A pauta difere.

Olívia: E isso ferra com a gente porque a gente não consegue se juntar numa causa em comum pra poder conseguir o que a gente quer que é a mudança de política pública.

Florianópolis:

Marcia: Aproveitando isso que vocês estão falando, a partir de que ponto vocês acham, né, se é gorda se é magra. A partir de que ponto uma pessoa é considerada gorda?

Júlia: Controverso.

Clara: Então, já me envolvi numa treta gigante porque eu acho que é completamente subjetivo isso. E, inclusive, depende da onde a pessoa está, tá. (...) Isso também né, dentro do rolê gordativista me identificam como gorda menor, mas eu sei que é altamente subjetivo e rolou uma vez uma treta enorme por isso. Porque assim, botaram sei lá, a foto de 10 meninas com vários pesos ali e mandavam você dizer o que que cada uma, catalogar, eu catalogar, não vai ter todo mundo igual. Não tem como, cara. Não tem como todas responderem igual, então tem muitas meninas que com certeza todo mundo vai dizer assim “não, essa aqui é gorda maior”, “essa aqui não é gorda”, agora vão ter várias ali que vão estar no limite que uma vai dizer (incompreensível) É bem complicado isso. (...)Justamente, a gordofobia, ela tem a ver com a patologização, então IMC, CID e certas coisas a gente (incompreensível) o movimento, eu sei como exemplo da palavra “homossexualismo” foi banida, todo mundo sabe porque tá errado. Porque ismo tá errado, não queremos no movimento. Já foi um CID? Já foi um CID. (...) Então a gente tem que eliminar isso daí, né. Mas é uma meta. Enquanto for fazer isso... O que é não-gorda, fora do padrão, gordo e não sei quê, tananan, é subjetivo.

Júlia: É, eu acho que a gente não consegue responder a partir de que ponto uma pessoa pode ser gorda, mas a gente pode responder que não é por causa do peso dela, não é por causa do IMC, não é por causa da forma que ela é, a gente pode dizer tipo porque não, tipos os nãos, mas tipo, porque ela é gorda não sei como dizer, tipo. E também que gorda não é sentimento, né. Isso é bem importante. (...) Mas a pessoa que é gorda, ela sabe que sei lá. Eu por um tempo fiquei me questionando “será que eu sou gorda mesmo?” por causa dessas tretas assim de ser gorda menor, de ser gorda não sei. E eu ficava tipo “nossa, será que eu não sou gorda e eu tô tipo roubando lugar de fala das mulheres?”, porque meu, é muita pressão. A gente acaba começando o negócio e tem umas que já tão há mais tempo e são mais (gesto de firmes) e daí eu ficava “meu”, passei dias, meses pensando será que é, será que não é.

Mesmo comparando pessoas que estão há mais anos militando pela causa gorda e em contato com o desenvolvimento de categorias nativas sobre os corpos gordos, não há consenso, como podemos observar. As categorias ainda estão em construção e os conceitos são debatidos mais profundamente principalmente a partir de textos *on-line* em *blogs*, *sites* ou perfis pessoais em redes sociais, como também em grupos *on-line* como o Baleia.

É também possível observar a apropriação pelo ativismo gordo de conceitos presentes em outros movimentos sociais, como vimos anteriormente neste capítulo, o movimento LGBTQ+ e a partir da fala acima vemos o conceito de “lugar de fala”, caro ao movimento negro. Os movimentos identitários estabelecem diálogo entre si, especialmente a partir do avanço de teorias interseccionais. Neste sentido uma pista de pesquisa é a de investigar o efeito da teoria ou efeito da linguagem das novas teorias dos movimentos sociais sobre os próprios movimentos sociais.

Para tentar diferenciar pessoas gordas que sofrem mais opressão e outras que sofrem menos por causa da variedade de tamanhos de pessoas gordas, foram criadas as categorias “gorda maior” e “gorda menor”. Essa classificação busca evidenciar o lugar de opressão maior em que está localizada a “gorda maior”. É possível fazer relação com a noção de colorismos³¹ que há no movimento negro, em que quanto mais escura a pigmentação da pele da pessoa, mais preconceito e racismo ela sofrerá, em especial, em países colonizados por europeus. O mesmo aconteceria com as pessoas gordas maiores. Há a preocupação no ativismo gordo de que este seja tomado pelas pautas das gordas menores, excluindo as pautas das gordas maiores que já são mais marginalizadas pela sociedade. Mas como é feita essa classificação? A variedade de corpos gordos é muito grande, o que dificulta a definição. Outra preocupação dentre ativistas gordas/os é de que o próprio ativismo acabe excluindo pessoas que se consideram gordas a partir de outro sistema de classificação criados por eles/as mesmos/as.

Assim, algumas/alguns ativistas gordas/os entendem que a diferenciação entre gordas/os maiores e menores é uma nova maneira negativa de dividir e classificar os corpos gordos³².

Apesar de não existir consenso quanto ao uso dos termos “gorda maior” e “gorda menor” no ativismo gordo, essas categorias são amplamente utilizadas e compreendidas dentre ativistas gordas/os, mesmo dentre aqueles/as que não concordam com as expressões.

³¹ DJOKIC, Aline. Colorismos: o que é e como funciona. Blog blogueiras negras. 27 jan 2015. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/> Acesso em 13 out 2017.

³² Fala em entrevista: - Caio: *A gente fala que o Baleia é um espaço pra pessoas gordas, mas ser gordo é uma coisa muito subjetiva, né. Tem pessoas que claramente você olha e fala “não, essa pessoa ok, claramente sofre disso”, tem pessoas que tão ali no meio do caminho, né. E que podem sofrer de uma hora mas não sofrem em outra. Então tanto que a gente tenta denominar e é ainda um movimento que eu discordo bastante, que é tentar denominar especificamente, cada vez mais dentro do movimento a gente tem uma coisa que se chama “gorda maior” e “gorda menor”, né. Pessoas que são gordas menores são patologizadas mas nem sempre... Não é a pessoa que vai entalar na catraca. E a pessoa gorda maior é aquela que não vai caber na cadeira, então assim, mas mesmo assim são tentativas de denominação de uma coisa que é quase indenominável, é muito difícil.*

Além das categorias de gorda maior e gorda menor, há também a diferenciação entre pessoas magras e pessoas não-gordas. As pessoas magras seriam aquelas que não têm qualquer dificuldade de acesso por causa do tamanho de seus corpos, seja a espaços públicos ou a roupas de seus tamanhos. Essas pessoas também não têm seus corpos constantemente vigiados com o mesmo rigor que as pessoas gordas e nem sofrem a patologização de seus corpos. As pessoas não-gordas são pessoas que não são consideradas magras, mas também não se encaixam como gordas. São pessoas que se encontram no que se entende como um “limbo” pelo ativismo, no popular muitas vezes são chamadas de “gordinhas”, termo considerado pejorativo pelos/as ativistas gordos/as, uma vez que buscaria a diminuição do impacto da característica “gorda”, que para ativistas deve ser normalizada.

Aqui levantamos dois aspectos a considerar. O primeiro que os critérios de classificação são uma tentativa de construir visões de mundo, ou os princípios de visão e de divisão, conforme Bourdieu (1989) pelo movimento gordoativista. Seguindo as pistas de Bourdieu, estranhar os termos da sociedade em geral, como “gordinha”, “fofinha”, ou outros termos considerados pejorativos significa rejeitar estes critérios de classificação. Porém, como mostra a fala de Luiza, o fato de alguém postar no site fotos de meninas e convidar os e as que acessam a uma classificação, mostra ainda a faceta preconceituosa da sociedade: o fato da necessidade de classificação, mostra que a sociedade ainda não consegue assimilar estas pessoas sem que elas sejam vistas como um problema: elas não passam na catraca, e as catracas ainda não são adaptadas para elas; elas quebram as cadeiras e as cadeiras continuam não sendo adaptadas para pessoas com peso superior. Da mesma forma como o homossexualismo foi retirado da categoria das doenças, o que estas falas mostram é o desejo de que a sociedade se liberte do seu preconceito contra pessoas gordas. É somente quando os critérios de classificação forem eliminados, ou seguindo Bourdieu (2005) quando as categorias de classificação atingirem os corpos dos indivíduos (neste caso os olhos daqueles que enxergam o peso de uma pessoa como um problema) é que as instituições passam a existir definitivamente ou, neste caso, a deixar de existir.

O segundo aspecto diz respeito a questão das diferenças de capital cultural e capital econômico entre ativistas: por óbvio, que aqueles em posições privilegiadas na sociedade seja com mais capital cultural ou econômico ou ambos, terão um lugar de fala e um domínio da linguagem diferente. Mesmo que nas falas apareça a necessidade de gordos se coloquem e se mobilizem, nem todos eles/elas serão ouvidos pela sociedade.

Com a fluidez material da identidade gorda, também surge a categoria de “ex-gorda/o”, pessoas que eram gordas e emagreceram. Enquanto há ativistas que entendem que a

vivência das pessoas que foram gordas e hoje são magras é de grande valia para o ativismo gordo, outras pessoas entendem que essas pessoas já não tem mais nada a ver com a militância gorda, já que, muitas vezes as pessoas ex-gordas perpetuam preconceito a partir da ideia de que se as pessoas gordas se esforçarem elas podem emagrecer³³.

É importante frisar que mesmo nos grupos focais em que estavam presentes ativistas gordas/os houve falas que delimitavam o quão gorda uma pessoa pode ser. Os/as ativistas, eles/as mesmos/as outsiders, criam outro grupo de outsiders dentro do próprio grupo ao perceber uma pessoa como “muito gorda para viver” ou “gordona”, “imensa”. Foram destacados três trechos em que se nota a descrição com intuito de definição e classificação dos corpos gordos.

*Elza: A Felipa*³⁴, se você olhar a Felipa, ela não é gorda. Ela não é exatamente gorda. Porque o que que acontece, ela passou por lipo pelo corpo inteiro, ela tem um corpo... A gente não tá aqui pra julgar corpo, mas ela tem um corpo estranho, não necessariamente gordo.*

Maria: Parece o Bob Esponja, não tem gordura. Ela é um quadrado.

Elza: Então assim, ela tem um rosto redondo, mas o corpo mesmo, ela não chega a ser gorda.

³³ Fala em entrevista: Natália: *E a pessoa ex-gorda? Ela pode falar?*

Caio: Pra mim também não. Porque... Já é uma área meio cinzenta... Por que que a pessoa não pode, na minha concepção, não pode falar: porque ela teve a vivência mas não tem mais. Isso é uma coisa muito específica do movimento gordo, né, porque não existe a pessoa que deixa de ser negra, entendeu? Então assim, é uma coisa muito específica. Eu acho que essa pessoa... O problema é que o ex-gordo, ele ganha... O que também é uma coisa muito específica, ele ganha privilégios que ele nunca teve. Quando ele ganha esses privilégios ele tem uma facilidade muito grande de esquecer da onde ele vem. Tem uma facilidade... Tem uma facilidade enorme de esquecer, é... Porque assim, o que é muito vendido no emagrecimento é que você vai deixar de ser infeliz, que você vai poder se vestir bem. Só que isso é vendido como... De uma forma totalmente invertida, ao invés de você debater que na verdade a sociedade não tá preparada pra pessoas gordas, você vai colocar a pessoa gorda como desviante. E a sociedade ela tá ali, ela é indiscutível, ela não pode ser falada. A pessoa gorda que finalmente conseguiu se encaixar. Então assim, a pessoa ex-gorda tem uma facilidade muito grande de entrar nesse lugar. A partir do momento que ela senta numa cadeira e ela cabe, a partir do momento que ela é desejada pelos outros, a partir do momento que ela tem roupa, ela vai ficar tão encantada com aquilo ali, tudo aquilo que a pessoa gorda não tem acesso que é muito fácil ela falar “gente, olha só, tem que emagrecer mesmo, façam o que tiver que fazer, vá fazer a bariátrica sim porque tem que emagrecer, porque não sei o quê”. Então assim, a gente evita de colocar sempre a pessoa ex-gorda falando porque é muito fácil ela virar gordofóbica. A gente brinca dizendo que o ex-gordo é o pior gordofóbico que tem. Porque é aquele que ainda assim...

³⁴ Nome alterado para preservar a identidade da pessoa citada.

Maria: Ela tem ombrão.

(...)

Elza: Pô, a gente (incompreensível). No meu ponto ela tá certa se foi feito isso. Eu não vejo isso acontecer. Eu vejo as meninas “ah, então eu não sou gorda, a minha mãe me chamou de gorda”.

Elza: Eu nunca vi, nunca vi, uma gorda maior chegar e falar “esse lugar de fala é meu”, nunca vi. Mas todo dia tem uma gorda menor querendo saber por que ela tem menos direito do que a outra. Assim, as gordas maiores, na grande maioria, elas são tão ainda fechadas, tirando a (incompreensível) que elas nunca vão brigar por espaço, a gente quer deixar esse espaço. Porque a gente sabe que elas são as mais prejudicadas e tal, eu acabo assim, vai ter gente que vai falar que eu não sou maior, mas eu (incompreensível) e pronto, se quiser... Vai chegar alguém maior pra falar? Beleza, eu sou a primeira a sair. Pra mim (incompreensível). Mas assim, não chegam. Desistem.

(...)

Após uma ativista ser citada

*Maria: Imensa? A imensa *faz sinal de imensa*.*

Elza: É, a imensa.

Aqui de novo, é importante considerar que mesmo que o fato não esteja no horizonte das participantes do grupo focal, as pessoas possuem capital cultural e econômico diverso tão bem como trajetórias familiares e profissionais diversas. Em posições mais privilegiadas as falas terão impactos diferentes.

Pode-se observar pelas falas que há vigilância minuciosa dentre ativistas gordos/as no intuito de classificar quem faz e quem não faz parte do grupo e ainda uma necessidade de diferenciação ainda estabelecendo um padrão. Por um lado, há a pessoa que não é gorda o suficiente, apenas tem um corpo “quadrado” (como no exemplo acima) e por outro lado há a pessoa que é gorda demais, considerada “imensa”. Enquanto esses tipos de percepções aparecem, existem ativistas gordos/as que combatem essa ideia e buscam incluir e acolher as pessoas gordas de maneira geral.

Estes problemas na definição de quem pertence e de quem não pertence ao grupo das pessoas gordas dificulta o avanço de pautas gordas e promove os “rachas”, a divisão entre grupos com concepções diferentes sobre o ativismo, sendo possível falar em ativismos gordos no plural. Os rachas também são causados por divergência de construção teórica sobre os

problemas enfrentados por pessoas gordas de maneira geral, sendo que, muitas vezes, ocorrem publicamente por meio de discussões sobre algum tema na *internet* (vide anexo 5).

Enquanto alguns movimentos se encontram em nível avançado em teoria e ação política, é possível observar o desenvolvimento inicial do que pode vir a ser um movimento gordo organizado de maneira mais centralizada a partir da criação de conceitos comuns reconhecidos pelo grupo, como pudemos ver na criação de categorias como “gorda maior e gorda menor”: “No extremo, alguns desviantes (homossexuais e viciados em drogas são bons exemplos) desenvolvem ideologias completas para explicar por que estão certos e por que os que os desaprovam e punem estão errados.” (BECKER, p. 196, 2008).

Veremos agora em que aspectos as pessoas gordas vem desenvolvendo uma teoria ativista a partir da criação de significados compartilhados, norteadas por suas principais pautas, criando categorias nativas que buscam romper com a ideia que entendem, preconceituosa, que se faz delas, a partir das contribuições das pessoas gordas presentes nas entrevistas e grupos focais.

6.3 Principais pautas do ativismo gordo

6.3.1 Patologização do corpo gordo

Como já mencionado na introdução, a representação de saúde aparece enquanto instrumento de patologização das pessoas gordas, endossando o discurso que as criticam. Esse discurso geralmente individualiza e afere culpa ao indivíduo, postulando que este tem culpa pelo descontrole sobre seu corpo, entendendo o corpo como moldável à força de vontade. Quando o problema está no corpo, a solução é modificá-lo por meio de dietas, cirurgias e/ou atividade física. Esse discurso reforça o preconceito e a estigmatização da mulher gorda, tratando-a como o “outro” indesejado. A vigilância sobre os corpos atinge outro nível quando aumentam os instrumentos de quantificação e mensuração dos corpos a partir de análises estatísticas, características do biopoder (FOUCAULT, 2008).

Ainda Bourdieu (2005) afirma que “tudo na gênese do habitus feminino e nas condições de sua realização concorre para fazer da experiência feminina com o corpo o limite da experiência universal do corpo para o outro” (p. 79), incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. A relação com o próprio corpo não se reduz a uma imagem do corpo, representação subjetiva associada a autoestima. Interpõe-se

entre cada agente e seu corpo esquemas nos quais um grupo deposita suas estruturas fundamentais. Para as meninas: ela é grande demais para uma menina. As taxonomias hierarquizam as propriedades mais frequentes entre os dominantes: magro/gordo; elegante/grosseiro (BOURDIEU, 2013, p. 80).

A patologização (conceito comum às/aos ativistas) aparece durante os grupos focais como um dos principais mecanismos legitimadores da gordofobia, de forma que a mobilização do poder sobre as pessoas gordas é frequentemente reivindicada por meio da distinção “eu” e “a/o outra/o” na qual estabelece-se uma divisão tal qual a que Elias (2000) propõe entre estabelecidos – aqueles/as que se adequam às noções de saúde presentes no discurso médico moderno – e os/as *outsiders* – aquelas/es que fogem à norma.

Caio: (...) É visto pela sociedade dessa maneira. Então isso sempre foi um ponto de atrito entre meus pais e eu. Eu fiz dieta a vida inteira, a vida inteira eu fui pro nutricionista, a vida inteira eu vi todas as barbaridades do mundo. Então assim, da mesma... Enquanto eu tinha um apoio maior por ser gay, eu não tinha um apoio por ser gordo. Eu não tinha o apoio de outras pessoas que diziam “tá tudo bem”, entendeu? “Você não precisa fazer essa dieta louca, você não precisa se matar, você não precisa ter vergonha de quem você é”, isso tudo eu tive que aprender na raça. E ainda tô aprendendo, então é uma coisa que você tem que aprender na raça e lógico que eu percebi que tinha um movimento falando, até porque 2 anos atrás eu tava na fila da bariátrica, né. Então assim, tudo pra mim começou no dia que eu desisti de fazer. Eu desisti de fazer um dia antes, né. Eu tinha marcado, eu ia ser internado e aí eu desisti. Eu desisti e eu falei “não, eu vou emagrecer sozinho”, daí eu comecei, entrei na academia, não sei o quê, quer dizer, entrei pela décima vez na academia, entrei na vigésima dieta... E eu comecei a perceber que não era por aí, que eu posso sim buscar um estilo de vida mais saudável... Que tem isso também, o gordo ele oscila entre ser super saudável, entre muitas aspás, quer dizer, comer alimentação (incompreensível) e fazer academia ou não fazer nada. Não tem, o gordo não tem o direito de ficar no meio do caminho. Eu não tô preocupado em emagrecer porque eu tô preocupado com a minha saúde, sabe? Em não ser sedentário, eu tô preocupado em comer bem, mas isso não quer dizer em momento nenhum que eu quero mudar o meu corpo. Esse meio do caminho não existe, esse meio do caminho não é colocado. Quando eu comecei a perceber que existia esse meio do caminho e que talvez eu poderia começar a tentar entrar por aí, isso foi através do movimento.

As reivindicações dos/as ativistas gordos/as acabam influenciando e sendo influenciadas, em especial, por teorias construtivistas sobre obesidade enquanto doença. O mundo social no sentido construtivista de acordo com Lupton (2000) é dialético, as pessoas o criam e são criadas por ele. O discurso racional e técnico da medicina leva à crença de que a natureza é separada do mundo social, incerto e dinâmico, escamoteando seus aspectos socioculturais. O corpo, complexo, tem intrínsecos a ele os aspectos natural e cultural, objetivo e subjetivo. O discurso dominante não é passivamente circunscrito no corpo, sendo o próprio responsável por reproduzir diferentes discursos.

Seguindo de perto Bourdieu, Lupton (2000) afirma que os corpos que resistem à auto-regulação são considerados desviantes e não-civilizados, sendo culpabilizados por serem doentes, revelando assim o aspecto moral da doença. São os inimigos da norma, descontrolados que precisam ser combatidos. Em se tratando de mulheres, há essa perspectiva reforçada pela pressão estética numa sociedade ainda majoritariamente machista e objetificadora. A ideia de um empreendedorismo do de si mesmo/a, tal qual levanta Lupton (2013), recorrente nas sociedades neoliberais e parte de sua ideologia, corrobora para a estigmatização do corpo gordo. A ideia de que os seres humanos são moldáveis a depender da determinação, da perseverança e da força de vontade, havendo assim ganhadores/as e perdedores/as num esquema de mérito que faz parte da importância que ganha a ideia de responsabilização do indivíduo por parte do Estado em fazer “boas escolhas” em relação à sua saúde e corpo, de forma que se adeque ao ideal de “cidadão empreendedor em sociedades neoliberais” (LUPTON, 2013, p. 104).

De acordo com a nutricionista Sophie Deram (2014), que adota uma perspectiva de encontro a ideia de *body positivity*, inclusive assumindo ouvir os movimentos *body positivity* para desenvolver sua perspectiva nutricional, as dietas restritivas, ou seja, em que há controle ou eliminação de algum grupo alimentar da dieta, resultam geralmente em compulsão alimentar e no reganho ainda maior de peso, como na fala do ativista gordo citada acima. A contestação da “verdade” produzida pelos diagnósticos e práticas médicas leva muitos/as dos/as ativistas gordos/as à resistência a partir da compreensão de que seus corpos são gordos e podem ser saudáveis sem a necessidade de emagrecimento.

Além da normatização e patologização dos corpos gordos permitida também pelo discurso médico dominante, há a “gordofobia médica”, entendida pelas/os ativistas gordas/os como um conjunto de práticas médicas que envolvem emagrecer a qualquer custo, independentemente de uma perspectiva mais ampla de saúde, envolvendo constrangimento

do/a paciente gordo/a e prescrição compulsória de dietas e/ou da cirurgia bariátrica como meios de emagrecimento.

Ana: Eu vou dizer que eu sofro muito com os médicos. É tipo, eu fiquei com trauma de médico, eu realmente... [...]Até quando às vezes eu vou por causa de gripe e tal você já sai com uma dieta lá. Então não sei, cada vez que eu tenho que ir no médico é como se fosse um sofrimento, é um negócio de “eu não vou me abalar”, sei lá, aqueles mantras, sabe “não vou me abalar”. Mas eu acho que eu sinto muito de médico assim, claro, eu sinto de outras pessoas mas eu consigo ignorar mais. É que médico tem um diploma pra dizer que eu sou uma coisa ruim, entendeu? E daí esse problema desse aval médico me deixa muito chateada e tipo.

Júlia: Como autoridade.

Ana: É, como se minha opinião pessoal, tipo, não eu não vou emagrecer, não vou conseguir, não valesse. Às vezes até quando eu tava fazendo exercício, agora eu não faço mais, mas quando eu fazia eu chegava e dizia que eu tava fazendo ele dizia que era mentira, que eu não devia estar fazendo, que se eu tivesse fazendo eu não estaria gorda. Eles têm um diploma pra fazer essas merdas. Acho que é o que eu me lembre assim de mim acho que é o ponto que eu mais me sinto atacada.

Júlia: Eu não sofro tanto com médico porque primeiro: eu nunca mais fui. Tenho que ir muito urgentemente pra fazer várias coisas, mas talvez por esse... Por muito tempo ter sentido que eu sou uma pessoa que importa, sabe, que eu sou menos porque eu sou gorda e tal e por tudo que passou assim eu meio que inconscientemente parei de ir assim, parei de querer.

³⁵

Como podemos ver, a autoridade médica muitas vezes é utilizada como instrumento de inferiorização e desumanização das pessoas gordas. A redução das pessoas gordas a um número, calculado a partir do IMC, resulta muitas vezes em negligência médica e em diagnósticos superficiais, sem contar no sofrimento infligido às pessoas gordas que ficam desassistidas e se afastam dos serviços de profissionais da área da saúde (SILVA & CANTISANI, 2018). Dessa forma, as pessoas gordas se tornam um grupo fragilizado do qual o direito à saúde é usurpado pela violência verbal e psicológica por parte de profissionais da saúde à qual é frequentemente exposto em seu cotidiano. Há indícios de que as pesquisas científicas na área da saúde, condicionadas pela cultura, seu período histórico e localização geográfica, tendem a buscar maior correlação entre pessoas consideradas obesas e doenças crônicas, promovendo dados tendenciosos em que está permeado o julgamento moralista sobre os corpos gordos (LUPTON, 2013; SILVIA & CANTISANI, 2018).

³⁵ Para mais relatos sobre gordofobia médica vide anexo 3.

No entanto, é preciso levar em consideração que essas reivindicações de ativistas gordas/os está sendo cada vez mais ouvida por parte de profissionais da saúde embora ainda haja muita resistência em relação a alguns pontos como se é possível ou não ser saudável e gorda/o. A concepção ampla de saúde, que não leva em consideração apenas a saúde metabólica, mas aspectos como saúde mental, moradia, acesso ao transporte e ao lazer, acesso a alimentos livres de agrotóxico e não superindustrializados, acesso à educação entre outros aspectos, leva profissionais de saúde a buscarem compreender as especificidades dos grupos que têm direitos usurpados de si.

Podemos citar como exemplo o curso de extensão sobre gordofobia oferecido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de março a abril de 2017 coordenado pela professora Marcia da Silva Mazon, tendo como palestrantes a própria professora, eu, a doutoranda do programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Bárbara Amorim e as graduandas do curso de nutrição da UFSC, Jacobina Cantisani e Bárbara Silva. Este curso foi oferecido a todos os membros da comunidade, sendo a aberto a estudantes da UFSC ou não, de qualquer curso ou curso algum. O percentual de inscritos/as no curso (52 pessoas) foi de 92% de profissionais ou estudantes da área da saúde, sendo a maioria estudantes do curso de nutrição.

O avanço da perspectiva compreensiva a partir da concepção ampliada de saúde inclui pautas de diversos movimentos sociais como LGBTQ+, movimentos feministas e movimento negro. Há grande contribuição no Brasil no entendimento da gordofobia, nos últimos 10 anos, em especial em produção teórica feita por profissionais da área da psicologia (STENZEL, 2002; VASCONCELOS & SUDO, 2004), sendo menor a contribuição nacional nas áreas da nutrição e ainda menor na área da medicina. Os estudos sobre os corpos gordos na área da saúde no Brasil focam majoritariamente em dados estatísticos e em aspectos que auxiliam a identificação de patologias no corpo gordo.

6.3.2 Acessibilidade

A falta de acesso de pessoas gordas a espaços públicos ou impedimento do direito de ir e vir por seu tamanho é pauta constante do ativismo gordo. Enquanto pessoas magras não precisam se preocupar se vão caber na poltrona do cinema, na poltrona do avião, passar pela catraca do ônibus, ter roupa para ir ao trabalho, entre outros exemplos, as pessoas gordas passam por essas situações cotidianamente, sendo que estas causam sofrimento e ansiedade, além de muitas vezes desembocar na simples falta de acesso a direitos comuns.

As pessoas gordas mais afetadas nesses casos são as pessoas gordas e pobres, no caso da acessibilidade às roupas, hoje em dia, o mercado *plus size* ainda atua como mercado de nicho, ou seja, é raro haver alguma marca de varejo *plus size*. Assim, a maioria das lojas *plus size* são pequenas produções, o que encarece o valor das peças de roupas.

A falta de acessibilidade a pessoas gordas também impede o direito de ir e vir, garantido pela constituição brasileira, em transportes como o ônibus e o avião³⁶, como podemos observar no relato a seguir:

Júlia: Acho que eu vou começar falando de acessibilidade porque eu não passei na catraca hoje. (...) daí assim fui tentar passar, não, né, aí de novo, daí ficam aquelas pessoas atrás de você, tem um monte de gente olhando pra você, daí olhar pro motorista e falar “por favor, posso ficar na frente?” e esperar que ele não seja um, né, um babaca. Mas até que não né, até que eles são bem legais, os que eu peguei pelo menos foram legais. Hoje que eu também fui passar, não deu, tentei de novo, não deu, daí ele deixou eu ficar na frente de boa.

Marcia: Você já viveu a experiência com algum motorista que falou não?

Júlia: Eu já vi muitos cobradores que não fazem absolutamente nada, eles veem que tu tá ali sofrendo tentando passar e eles não são capazes de pegar a mãozinha deles e empurrar assim. Tem vários que fazem isso, são bem legais, tipo, valeu cara. Tipo quando eu tô passando, eles tão ali pegam e empurram assim um pouquinho pra mim passar. Teve uma vez que tipo, eu entalei, não, eu fiquei ali quase chorando, quase comecei a chorar ali no meio, o ônibus tava cheio, lotado e o cobrador tava assim (ignorando). E eu ali tentando passar, desesperada que o ônibus não ia conseguir andar, que não ia conseguir seguir o caminho porque eu tava ali trancada. Mas daí eu fiz uma força, me machuquei muito, o braço, aí quase que... Eu me segurei, mas quase que eu saí chorando dali (incompreensível). E daí claro, todo mundo olhando, todo mundo... Eu não me importo muito, né, mas às vezes a gente se importa. Geralmente eu não me importo, mas às vezes dá aquela coisa. E... Mas ainda não peguei nenhum que fosse mal-educado, grosso, coisa assim, isso não. Não sei como é que eu reagiria. Não sei, porque às vezes eu sou uma pessoa que bato de frente, mas às vezes eu baixo a cabeça (incompreensível). Mas de não ajudar só assim, de não ajudar, de não... De não ajudar meu, tá vendo que tá difícil, né. Como se tipo nem queria que eu tivesse ali ali sabe, tipo bah, você tá tentando passar por que você tá existindo, sabe, por que você tá existindo aí, a gente sente essas coisas, né.³⁷

³⁶ Tendo já ocorrido em diversos casos a discussão sobre pessoas gordas serem obrigadas a comprar dois assentos (POULAIN, 2013). Também o aumento do valor de seguro de saúde para pessoas gordas foi discutido em vários países (POULAIN, 2013).

³⁷ É possível encontrar relatos semelhantes em matérias jornalísticas, sendo sua recorrência e o sentimento de humilhação por quem a sofre muito comum, como nesta matéria da Record (RIC mais) de 2018:

Além de muitas vezes impedir um direito básico, presente na constituição, como podemos ver, essas violências diárias sofridas pelas pessoas gordas provocam sofrimento e a sensação de “não caber”, de ter o corpo errado para fazer parte do mundo. Assim, na maioria das vezes as pessoas gordas entendem que elas são o problema - o desvio da norma - e que para resolver esse problema devem emagrecer.

A falta de acessibilidade interfere também no proveito do lazer, muitas vezes as cadeiras em restaurantes, cinemas, teatros, dentre outros estabelecimentos, é pequena demais para pessoas gordas, não promovendo o conforto ou mesmo o acesso a esses ambientes culturais. Nos relatos presentes nos grupos focais, pessoas gordas afirmaram que deixaram de frequentar alguns ambientes por não se sentirem confortáveis ou simplesmente por não caberem.

A falta de design de produtos em consultórios médicos³⁸, de dentista, entre outros profissionais da saúde, como cadeiras e macas capaz de suportar pessoas gordas não só as afasta dos serviços de saúde como também pode levar à morte³⁹. Para mais relatos sobre a falta de acessibilidade, vide anexo 4.

A exclusão social significa que a privação do direito deixa de ser individual e passa a ser coletiva, excluindo todo um grupo do acesso a direitos básicos. Apesar da exclusão ser social, o julgamento é individual, o indivíduo deveria ser responsável por seus hábitos e pela economia de si mesmo, pela dieta balanceada, restrição alimentar e atividade física regular. O indivíduo que não cumpre com esses preceitos está cometendo excessos, é um incivilizado (ELIAS, 1990) que precisa se ajustar às normas sociais. A falta de acessibilidade também faz parte do processo de estigmatização (GOFFMANN, 1988), colocando a pessoa que não se encaixa na norma como “anormal”, de forma que não há a noção de que se diminuem as possibilidades da pessoa gorda ao restringir-lhe o acesso na medida em que a pessoa gorda é considerada menos do que uma pessoa.

6.3.3 Representatividade

A representatividade gorda, como definido pelos agentes do ativismo gordo, é considerado outro ponto importante para o avanço do entendimento das pessoas gordas

<https://ricmais.com.br/sc/noticias/mulher-fica-presa-em-catraca-de-onibus-e-desabafa-me-senti-um-lixo> Acesso 14 set 2018.

³⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL17711-5606,00.html> Acesso em 2 mar 2017.

³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/paciente-obeso-morre-a-espera-de-maca-especial-para-ser-transferido-a-uti-em-cuiaba.ghtml> Acesso em 3 set 2018.

enquanto indivíduos normais. Esta representatividade se daria principalmente na mídia, tratando-se da retratação das pessoas tanto em matérias jornalísticas como em ficções (novelas e séries). Nesse aspecto, pesquisadores da área da comunicação vem contribuindo com análises sobre a quantidade e a qualidade da representatividade gorda na televisão e no cinema. A discussão sobre representatividade é tratada mais detalhadamente no capítulo 4 desta dissertação.

6.4 Aspectos organizacionais do ativismo gordo

No ativismo gordo são possíveis várias formas de ações políticas. Como não há centralidade na organização política deste ativismo, ocorrem ações dissipadas envolvendo as pautas gordas.

Natália: E vocês participam de grupos de ativismo gordo que se encontram presencialmente?

Maria: Não.

Bruna: Não.

Elza: Só em evento mesmo...

Bruna: (incompreensível) os únicos encontros que eu vi marcando foi essa festa do biquíni, né.

Tiago: Foi quando? Não sei porque encheu... Acho que a Elza deve saber. E logo em seguida foi desmanchado. (incompreensível) 2012-2013 começou a discutir isso, aí teve um encontro aqui no Museu de Belas Artes, acho que tinha umas 300/400 pessoas.*

Elza: Mas você lembra quem que era que tava (incompreensível) isso?

Tiago: Não me recordo não.

Natália: E antes do Facebook era por meio da onde que...?

Tiago: Tinha Orkut, tinha Twitter...

Elza: Eu comecei no UOL, na sala...

Tiago: Foi no bate-papo.

Elza: E os fóruns eram no Yahoo. Ai Orkut...

Bruna: Eu nunca (incompreensível). Comecei agora (incompreensível)

A *internet* é o principal catalisador do ativismo gordo, sendo mais difícil a organização a partir de encontros presenciais, dos quais muitas/os ativistas sentem falta (vide anexo 6). Quando os encontros presenciais ocorrem geralmente são esporádicos como em “rodas de conversa”, como pode-se perceber nesta pesquisa, realizadas por diferentes agentes como universitárias/os na universidade, ativistas individualmente em suas casas, em exibição de filmes em cinemas alternativos, em eventos musicais e em eventos feministas. Esses eventos esporádicos auxiliam na divulgação das pautas do ativismo gordo.

6.4.1 Práticas ativistas

Segundo Bourdieu (1989) o que vai definir o poder sobre um campo, não é a sociedade pensada como um ente externo que influencia as ações dos indivíduos de maneira dicotômica, mas as práticas dos agentes que carregam em si aspectos estruturados e estruturantes. Apesar de grande parte do ativismo se concentrar e se articular pela internet, existem diversas modalidades de ativismo gordo que podem ser elencadas a partir da pesquisa de campo. Nesta seção descrevo esses ativismos e como os/as militantes atuam em cada um deles.

6.4.1.1 Comunicação e Artes

Música - O Rap é um poderoso instrumento de contestação do status quo, nesta modalidade as gordas marcam presença com o grupo Rap Plus Size, formado pelas musicistas Sara Donato e Issa Paz. O grupo escreve letras críticas sobre os padrões impostos aos corpos por meio dos grandes meios de propagação de informação e por meio do discurso médico. Contestam estes padrões e reafirmam sua identidade gorda em suas letras.

Trecho da música IMC da dupla:
“Corre na esteira em busca do falso padrão perfeito
Corre pra compra pra produto milagroso com
imediatefeito
Herbalife, chá verde, tranque a boca fique sem
comer
Sem falar, reagir aqui se não tem direito de
escolher
Quis me ensina obedece, mais nunca foi boa aluna

Quer esconde preconceito preocupado com minha
coluna
"Sara é a saúde, perca peso, emagreça "
Se molde entre na faca, faz plástica e enlouqueça
Não quero suas dicas, nem suas teorias estáticas
Prefiro a prática e só respeito me basta
Não aceito suas tendências é tudo beleza enlatada
Te recomendo fazer dieta, comece ficando de boca
calada”

Trecho da música “Toda grandona”:

TO PE-SA-DO-NA

GOSTOSA, TODA GRANDONA

SOU GORDA, JOGO A BUNDONA

Os hits mais conhecidos da dupla sobre o tema de gordofobia, “IMC” (2016) e “Toda grandona” (2018) possuem clipes exibidos no *Youtube*. O clipe de “Toda grandona” possui no momento 294.931 visualizações, 30 mil “gostei” e 2.100 “não gostei”⁴⁰. É importante salientar que a música “Toda grandona” foi composta tendo em vista a festa “Toda grandona” realizada por um grupo de ativistas buscando trazer um espaço seguro para que as pessoas gordas possam dançar e se divertir.

As festas mais populares direcionadas às pessoas gordas foram as do Grupo Baleia, tendo eu realizado observação participante na festa Baleia ocorrida no dia 15 de junho de 2017. Esta festa é organizada por administradores do grupo e ocorreu ao ar livre em uma rua no centro do Rio de Janeiro, não havendo custo algum para os/as participantes. O DJ foi um dos administradores do grupo, Bernardo Boechat. A festa contava com equipamento de som e também com apresentações artísticas de dança e canto. Apesar de não haver apenas pessoas gordas, eu, particularmente, nunca havia presenciado maior concentração de pessoas gordas na minha vida. Todas encontravam-se aparentemente na mesma faixa etária que eu, que tenho 28 anos, sendo que muitas das músicas tocadas eram principalmente dos anos 90, fazendo a alegria das pessoas ali presentes. A época vivida pelo grupo de faixa etária da maioria dos/as ativistas entrevistados/as para esta pesquisa e presentes nesta festa coincide com um período em que as dietas e repressão ao corpo gordo foram altamente disseminados, logo após o decreto da batalha contra a obesidade por parte de órgãos de saúde nacionais e internacionais.

As pessoas gordas pareciam em sua maioria mulheres de diversas orientações sexuais e homens gays, todos vestidos de maneira bem festiva e sem esconder seus corpos gordos, acentuando suas curvas. Eu, que magra não sou, tive um sentimento de libertação, não só pela identificação com os corpos ao meu redor mas também pelo compartilhamento dos valores presentes nas apresentações artísticas, valores que entendem os corpos gordos como belos e não necessariamente doentes, como qualquer outro corpo, percepção pessoal a qual não faço menção em mais nenhum momento desta dissertação, sendo o relato pura e simplesmente parte desta observação participante em que me senti, em grande parte, imersa, quando não

⁴⁰ O Youtube possui as ferramentas “gostei” e “não gostei” para que os usuários possam se expressar sobre os vídeos assistidos. Cada usuário pode gostar ou desgostar de um vídeo uma única vez.

estava mais atenta aos comportamentos ao meu redor. Durante a observação-participante senti admiração e gratidão pelas pessoas gordas ali presentes. Fui acompanhada de uma amiga e um amigo magros que compartilharam do bem-estar da celebração e em momento algum se sentiram excluídos ou envergonhados. Durante o evento foram distribuídas senhas e realizados sorteios de roupas *plus size* e eram frequentemente ditas palavras positivas pelo DJ e amigos em incentivo às pessoas gordas e seus corpos.

A ocupação do espaço público por parte das pessoas gordas carrega em si um simbolismo forte. Em ações como ocupações de praia em que se usam menos roupas, como veremos no capítulo 4, elas atingem ainda mais pessoas.

Também em música podemos citar MC Carol que busca mostrar que mulheres gordas e negras têm espaço⁴¹, apesar de suas letras não falarem diretamente sobre ser gorda em uma sociedade gordofóbica, algumas de suas letras mais recentes falam sobre respeito ao corpo da mulher e feminismo. Rejeitando os critérios de classificação estabelecidos, cria-se por parte das cantoras uma nova forma de categorizar a realidade com potencial transformador de sua percepção.

6.4.1.2. Ilustração

Como uma das pautas do ativismo gordo é o aumento de representatividade positiva relacionada às pessoas gordas, as ilustrações de pessoas gordas fazendo coisas normais em seu dia-a-dia ou representadas como super-heroínas, por exemplo, auxilia na possibilidade de criação de novos significados a serem atribuídos às pessoas gordas. Uma das ativistas que esteve presente no grupo focal realizado em Florianópolis foi a designer e ilustradora Laila Langhammer Alves que busca aumentar a representatividade feminina gorda por meio de ilustrações que utilizam as oposições assimétricas de forma re-estruturante, ou seja deslocando as características antes negativas e estigmatizantes e em seu lugar representando as mulheres gordas a partir de características positivas.

Figura 1 – Ilustração de Mulher Maravilha gorda

⁴¹ <https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2017/10/mc-carol-quero-mostrar-que-gordas-e-negras-tem-espaco.html>



Fonte: ALVES, Laila. (lailalanghammeralves). Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/lailalanghammeralves> Acesso em: 1 set. 2018.

6.4.1.3 Dança

Existem alguns espaços que são vedados simbolicamente às pessoas gordas. Estes espaços são geralmente espaços em que há exibição do corpo e/ou ligados à sensualidade. A profissão de bailarina é um desses espaços majoritariamente ocupados por pessoas magras. Nos grupo focal em São Paulo pudemos conversar com bailarinas do Grupo Me Gusta, grupo de dança formado por mulheres gordas que se apresentam em eventos abertos ao público ou privados como festas em boates, eventos *plus size*, entre outros.

Também presente em um dos grupos focais realizados esteve a bailarina Jussara Belchior, integrante do grupo de dança Cena 11. Como forma de arte-militância, Jussara estreou o espetáculo “Peso bruto” em que interpreta as dores e delícias de ter um corpo gordo por meio de uma interpretação sensível e forte.

Figura 2 – Foto da performance “Peso bruto” de Jussara Belchior



Fonte: Tiago de Mattos Lautert/ Facebook

Performances artísticas como essas vem crescendo no Brasil. Frequentemente são realizados convites para performances de artistas gordos/as que tocam a temática da gordofobia não apenas na dança, como também no teatro.

6.4.1.4 Literatura, ficção e cinema

O livro de Larissa Siriani “Amor plus size”, publicado em 2016, relata a história de uma adolescente de 17 anos e mais de 100 quilos que mesmo vivendo em uma sociedade que busca emagrecê-la a qualquer custo, traça uma trajetória de empoderamento em relação ao seu corpo. Os agentes que contam histórias que colocam personagens gordas/os em situações cotidianas, lutam no campo contra o processo de desumanização e estigmatização das pessoas gordas, não reduzindo as histórias ao seu corpo e trazendo maior densidade à construção de personagens.

Também no Brasil, podemos citar como exemplo, os quadrinhos *on-line* “Eu sou Toni”, com histórias cotidianas sobre a personagem gorda, Toni, por sua criadora, Marília Almeida, que descreve o objetivo de seu processo criativo durante um dos grupos focais realizados:

Marília: E foi daí que eu comecei a desenhar a Toni e fazer os posts, que eles foram crescendo conforme eu fui fazendo... Pra mostrar que uma pessoa gorda além de tudo não é a gorda, que é uma pessoa, que ela faz qualquer coisa ou não conforme o corpo dela. Então... E aí foi meio que a minha luta foi pra... Mas é criar essa representatividade em história, entretenimento.

O foco nessa modalidade de ativismo é o empoderamento de pessoas gordas a partir do aumento de sua representatividade normalizada como podemos observar a partir do relato acima. A representatividade em novelas, filmes e séries é discutida mais detalhadamente no capítulo 4 desta dissertação.

Outro livro lançado recentemente, no ano de 2017, foi o livro “Gordelícias: crônicas de quatro mulheres felizes com seu próprio corpo”. Fazendo parte de um ativismo mais *mainstream*, o livro escrito por atrizes gordas consagradas na televisão brasileira, divulga os preconceitos e limitações sofridas por essas atrizes em uma coletânea de crônicas. Apesar do termo do título “gordelícia” ser considerado ofensivo ou equivocado por parte de militantes que entendem que é uma busca de amenizar a característica “gorda”, a maior visibilidade que essas atrizes têm em relação às escritoras anteriormente citadas, possibilita maior divulgação para as pessoas gordas e magras que não tem acesso ou não fazem parte de nenhum grupo de discussão virtual sobre o tema.

6.4.1.5 Fotografia

Diversos projetos fotográficos buscam revelar formas de corpos gordos de maneira sensível, muitas vezes transformando o olhar para o corpo gordo geralmente escondido e negado. Este olhar é capaz de transformar a própria concepção de beleza que muitas pessoas criaram a partir da disseminação da ideia de um padrão de beleza ideal.

Figura 3: Foto das modelos Bia Gremion e Genize Ribeiro

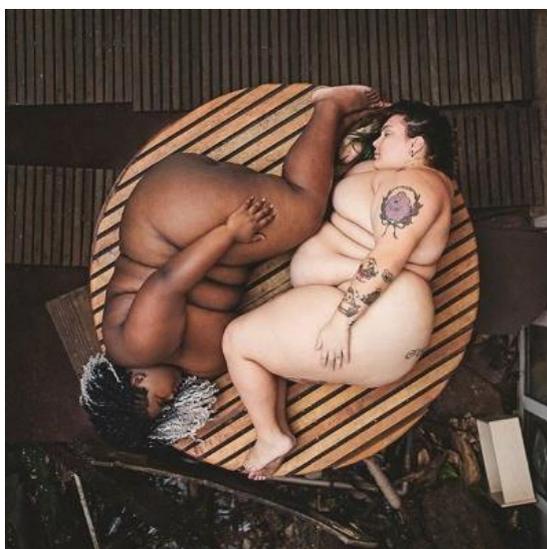


Foto de: Fernando Schlaepfer. Presentes na foto as modelos Bia Gremion e Genize Ribeiro. Divulgação: Instagram - Genize Ribeiro.

6.4.1.6 Teatro

Iniciado em 2017 o Grupo “Gatos Gordos”, busca por meio de apresentações teatrais questionar os padrões de beleza e opressões sofridas por pessoas gordas, lançando em 2018 o espetáculo intitulado “Gordofolia”, patrocinado pelo PROAC (Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo).⁴² Este espetáculo busca denunciar a partir de vivências de pessoas gordas, atrizes e atores do próprio espetáculo, os preconceitos sofridos no cotidiano de pessoas gordas de uma forma leve e bem-humorada.

6.4.1.7 Moda

Disponibilizar roupas que sirvam em pessoas gordas faz parte da acessibilidade, possibilitando o ir e vir, a possibilidade de trabalhar, ter acesso ao lazer com roupas de sair ou ir à praia. Disponibilizar roupas que sirvam e que façam com que pessoas gordas se sintam bem e na moda é o que vem ocorrendo no momento corrente com a ampliação de marcas feitas especificamente para o público gordo. Como veremos no capítulo 3, a moda além de vestir e melhorar a auto-estima das pessoas gordas, conta com eventos que fazem parte do espaço de diálogo e socialização de ativistas. Os principais eventos de moda *plus size* no Brasil são o Hashtag Bazar, o Pop Plus e o Big Bazar.

É necessário pontuar, como já mencionado anteriormente, que o acesso à moda que além de vestir faça com que pessoas se sintam bem nas roupas ainda é restrito principalmente às classes média e alta, de forma que as roupas para pessoas gordas que são também baratas são difíceis de encontrar e geralmente não são do gosto da pessoa que está comprando, servindo apenas para que a pessoa gorda não fique nua, sendo o capital econômico determinante neste sentido. Há ainda também a limitação de numeração, tanto em lojas *plus size* populares como em lojas de marcas mais restritas, reafirmando uma posição de que há pessoas que são “gordas demais” para serem vestidas, estando estas mais vulneráveis nesse sentido.

6.4.1.8 Redes sociais, blogs e sites

As redes sociais e os blogs são os locais de ativismo gordo mais proeminentes e expressivos do ativismo gordo no Brasil. São inúmeras as páginas em diversas redes sociais como Facebook, Youtube e Instagram, sendo que essas três redes sociais muitas vezes se integram fazendo parte de um mesmo esquema de divulgação, ou seja, uma pessoa pode ter

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zsdspx1XwA> Acesso em 10 jul 2018.

ao mesmo tempo Facebook, Youtube e Instagram, os principais da atualidade, e divulgar suas ideias a produção por todos essas redes sociais de maneira diferenciada. É principalmente por meio desses veículos que as informações entre ativistas gordos/as circula; torna possível o acesso a aspectos mais detalhados da troca de informação e construção do conhecimento nessas redes sociais, blogs e sites em trabalho anterior (RANGEL, 2017). No entanto, é necessário reserva ao considerar esses ambientes *on-line* apenas como lugares de circulação de informação; são igualmente lugares de criação e afirmação de vínculos e afetos que influenciam nas formas que o ativismo gordo vai tomando.

Os/as produtores/as de conteúdo são considerados contemporaneamente “*influencers*”, termo estadunidense adotado para pessoas que influenciam hábitos e costumes via *internet*. Algumas pessoas que produzem conteúdo sobre gordofobia e ativismo gordo têm a possibilidade de lucrar com esse trabalho, lucro esse visto por parte de outros/as ativistas de maneira cautelosa e muitas vezes julgado negativamente como uma “venda” do ativismo para consumo. Ainda é recente a ideia de pensar alguém que opte por sobreviver ao mesmo tempo em que milita, como se houvesse oposição entre o mercado e os afetos ou a ação política. Zelizer (2011) nomeia esta separação como mundos hostis que faz parte de uma visão reducionista do mercado que não percebe que tanto os significados das relações sociais como o significado do dinheiro podem ser alterados quando há o atravessamento destas fronteiras.

6.4.1.9 Rádio

O rádio é outro meio de comunicação utilizado por ativistas no processo de conscientização da população sobre o que é a gordofobia. Um exemplo é o documentário radiofônico “O peso do preconceito”, que, segundo suas autoras Bruna Clara Floriano Cardoso e Nádia Régia Almeida Couto: “busca informar sobre o preconceito, descaso e invisibilidade das pessoas gordas.” (CARDOSO & COUTO, 2017). A socialização da causa por meio dos meios de comunicação faz com que haja seu reconhecimento crescente por parte do público, aumentando o entendimento da condição de excluídos do grupo de pessoas gordas por parte de pessoas magras e gordas que ainda não o percebem e naturalizam.

As autoras postulam pelo jornalismo de causas argumentando por meio de artigo acadêmico, de forma que o documentário radiofônico além de forma de militância por meio da comunicação também se circunscreve no ativismo acadêmico que veremos a seguir.

6.4.1.10 Academia

Ativismo acadêmico: O aumento de trabalhos tratando a questão do ativismo gordo e reconhecendo conceitos como o de gordofobia, por si só já trazem, aos poucos, maior legitimidade às pautas gordas, aspecto trazido pelos próprios ativistas, no entendimento de que é necessário realizar o combate técnico conceitual no campo acadêmico, fazendo parte da disputa de conceitos e teorias.

Caio: (...) quanto mais estudos tiver, quanto mais a academia falar sobre esse assunto, mais a gente vai conseguir ter estofo pra conseguir fazer alguma coisa que tenha relevância.

Nos Estados Unidos e no Reino Unido, por exemplo, o debate sobre gordofobia e ativismo gordo na academia já existe há algum tempo, tendo inclusive o Annual International Weight Stigma Conference⁴³, que este ano (2018) esteve em sua sexta edição, tendo ocorrido anteriormente em Birmingham, Canterbury, Reykjavik, Vancouver e Praga desde 2013. As organizações centralizadas como as estadunidenses NAAFA – National Association to Advance Fat Acceptance, sem fins lucrativos (criada em 1969) e a HAES - Health at Every Size também criada nos anos 60, auxiliam na concentração de pesquisas sobre o tema.

No Brasil não foi possível encontrar um grupo de estudos sobre pessoas gordas que não envolva especificamente a questão do emagrecimento, alimentação e/ou obesidade, sendo os mais notáveis a ABESO - Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, criada em 1986, “na mesma época em que a desnutrição passou a ser um problema menor do que o excesso de peso e a obesidade”⁴⁴ e o GENTA - Grupo Especializado em Nutrição, Transtornos Alimentares e Obesidade. Assim, nenhuma dessas organizações trata dos direitos das pessoas gordas.

No Brasil, pudemos mapear trabalhos que vem se desenvolvendo na área da saúde (SILVA & CANTISANI, 2018), das Artes e Comunicação (RIBEIRO, 2016; PROTÁSIO et al, 2017; SIRIANI, 2016), da administração (Jamilé Souza, previsto), da Museologia (Ana Luiza Lima, previsto), da Sociologia e Antropologia (RANGEL, 2017; MONTALBETTI, 2017) e da Psicologia (VASCONCELOS & SUDO, 2004). A maioria das contribuições

⁴³ “The Weight Stigma Conference is an inter-disciplinary event that brings together scholars and practitioners from a range of backgrounds (e.g., public health, government and public policy, psychology, medicine, sociology, anthropology, allied health professions, education, sports and exercise science, social sciences, media studies, business, law, activism, and the lay public) to consider research, policy, rhetoric, and practice around the issue of weight stigma.” <https://stigmaconference.com/>

⁴⁴ <http://www.abeso.org.br/noticia/unidos-em-prol-da-qualidade-de-vida>

acadêmicas é realizada por autoras gordas, havendo, no entanto, contribuição também de autoras magras.

As pesquisas sobre gordofobia são mais recentes do que pesquisas sobre outros tipos de opressão como o machismo, o racismo e a homofobia. Isso também pode se dever ao fato de a gordofobia ter sido uma opressão institucionalizada e legitimada mais recentemente, como vimos, a partir do século XVIII, enquanto outras opressões têm a história mais longa de institucionalização e legitimação.

Entendemos que a presente dissertação está circunscrita neste campo como contribuinte para a divulgação da causa gorda, dentro das discussões sobre direitos humanos, não a eximindo de seu aspecto militante para além da contribuição teórico-acadêmica à Sociologia Política.

Apontamos para o fato de que essas ações militantes passaram a ocorrer recentemente, em especial entre 2016 e 2018, e as elencamos aqui também para mapeá-las e sistematizá-las para pesquisas futuras sobre o tema.

Todos os exemplos citados de modalidades presentes no ativismo gordo são estratégias (BOURDIEU, 1989) que são capazes de deslocar as percepções e conceitos, fazendo parte tanto do embate teórico em relação aos corpos gordos quanto à resistência física em relação à ocupação de espaços negados por pessoas que têm esses corpos. Assim, as posições tomadas pelos agentes dependem da situação e da posição dos outros agentes no campo.

6.4.2 Representatividade, militância do lacre e militância do sofrimento

A *internet* como meio principal de comunicação do ativismo gordo traz consigo possibilidades de ativismo diferentes das que tradicionalmente se desenvolveram na história dos movimentos sociais como greves, ocupações, passeatas, entre outros. As *hashtags*, os canais no Youtube, os *stories*⁴⁵ no *Instagram* trazem uma nova linguagem aos movimentos sociais, parte crucial na história e organização do ativismo gordo no Brasil.

Como já é lugar comum falar, a rapidez e o imediatismo com o qual a comunicação *on-line* se desenvolve promove a descentralização dos movimentos sociais engajados

⁴⁵ Vídeos de curta duração (até 60 segundos) que deixam de poder ser visualizados no Instagram após 24 horas de sua postagem.

principalmente via *internet* (CASTELLS, 2013), bem como a efemeridade em muitas ações realizadas pelos/as ativistas gordos/as.

Existem militantes que como maior contribuição postam suas fotos em redes sociais. Essas fotos geralmente enaltecem as formas do corpo gordo e enaltecem as auras de juventude e estilo.

Enquanto uma parcela de ativistas entende essas práticas como importantes para a auto-afirmação da identidade gorda e para aumento da representatividade de pessoas gordas fazendo atividades cotidianas, normalizando o corpo gordo, outras/os ativistas gordas/os realizam a crítica a esse ativismo o considerando individualista, entendendo que limitar-se a postagem de fotos serve para inflar o ego agregar *likes*, limitando o ativismo em âmbito coletivo, sendo chamada pelas/os próprios de militância do “lacre”. A expressão “lacreção” significa “obter sucesso”. A importância das imagens é assinalada por Castells (2013) enquanto uma das características dos movimentos sociais que se organizam por meio da *internet*.

Pode-se encarar a individualização do ativismo como uma das características dos movimentos pós-revolução digital que cria simulacros em que se pode manipular a representação de si (vide anexo 8) – uma das características que vai influenciar na criação de um movimento gordo radical (Radfat) como veremos a seguir neste capítulo. Como espaço para publicização da imagem, a *internet* não é espaço exatamente seguro em que as pessoas gordas recebem apenas elogios por exibirem seus corpos.

Temos como exemplo o caso da adolescente brasileira Dielly Santos, de 17 anos que se suicidou no dia 16 de maio de 2018⁴⁶, tendo sido um dos motivos atribuídos a este ato, a gordofobia sofrida em rede social na internet. Mesmo após o suicídio da adolescente foi possível registrar inúmeros comentários gordofóbicos direcionados a Dielly em páginas que noticiavam seu suicídio e mesmo em sua página pessoal no *Facebook*.

Figura 4 – Fotos de Dielly Santos e prints de postagens em seu Facebook



Fonte: OTTO, Isabella. O suicídio da adolescente Dielly Santos e o falso body positivity. Capricho. 27 maio 2018. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/> Acesso em 28 maio 2018.

O suicídio foi amplamente divulgado em páginas de militantes gordas/os sobre gordofobia, buscando conscientizar as pessoas do sofrimento que palavras e atitudes negativas e violentas podem causar às pessoas gordas. A banalização da violência verbal e psicológica para com as pessoas gordas é disseminada muito por causa da culpabilização individual citada anteriormente, em que a pessoa que tem uma característica desviante não soube se enquadrar às regras sociais. Além disso, a desumanização faz parte do processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988), sendo os corpos gordos considerados em uma categoria abaixo da do ser humano, tendo identidades deterioradas. São considerados corpos abjetos (BUTLER, 2002), corpos que são sistematicamente excluídos, considerados corpos que não deveriam existir e que não têm uma vida considerada legítima, portanto, não sendo passíveis de luto.

Em relação a ataques a pessoas gordas na internet, em especial em redes sociais online, ativistas gordos/as frequentemente publicam em grupos ativistas pedindo que outros membros do grupo auxiliem na denúncia e em postagens apoiando e elogiando a pessoa gorda que está sendo criticada, muitas vezes por meio de agressão verbal, por seu tamanho. São realizados verdadeiros mutirões como estratégia de resistência, criando uma rede de

solidariedade entre as pessoas gordas. As redes sociais, por terem poucas regras formais, muitas vezes se tornam verdadeiros campos de guerra em que o embate é direto e há menos filtro no que pode ou não pode ser dito pela proteção de não se conhecer a pessoa ofendida, não estar fisicamente na frente dela e muitas vezes poder permanecer no anonimato. Se há em curso um processo civilizador dentro dos grupos *on-line* ativistas gordas/os, fora dos grupos o mesmo não ocorre, sendo as regras poucas e escassas e as punições para quem comete gordofobia, por exemplo, praticamente inexistentes.

Como vimos anteriormente neste capítulo, o compartilhamento de experiências entre pessoas gordas é processo essencial na construção de um grupo *outsider* que contesta a ordem que o discrimina e exclui. O compartilhamento de experiências de sofrimento abre espaço para a libertação e acolhimento das pessoas que sofreram algum tipo de violência ou constrangimento relacionado à gordofobia. Durante os grupos focais, muitos dos relatos foram emocionados ao se resgatarem lembranças dolorosas que trazem atrelados à a categoria gorda adjetivos como horrível, lixo, nojenta, revelando a pressão para que se tenha ódio do corpo gordo.

Júlia: E aí é isso, ele retrata mulheres gordas. E ela falou “que coisa horrível, você acha isso bonito?”. Isso sou eu. Isso que ela falou, isso é eu, sabe. E ela falou pra mim aquilo.

Tiago: Você vai ver por exemplo, na televisão, os personagens magros, então você (incompreensível) quando você olha “nossa, eu sou um lixo”. Aí tem coisa muito pior “ah, vamos no cinema?”, a cadeira não cabe. “Ah, o que a gente pode fazer?”

Olívia: Pode ver, é muito discurso das páginas fetichistas. Por exemplo, admiradores de gorda, essa página, você pode perceber que a maioria dos textos se constroem assim. Começa o texto fazendo tipo assim “você é gorda, você é uma baleia nojenta, não sei o quê”, não, ele quer destruir a autoestima da pessoa, autoestima nula pra reconstruir. Ele fala “eu sou o salvador da sua autoestima, eu gosto do seu corpo assim”...

A presença desses relatos em grupos de militância *on-line* e *off-line*, nem sempre é vista como positiva, sendo considerada como gatilho, um comentário que pode vir a causar sofrimento desnecessário a algum membro do grupo e trazer apenas aspectos negativos já conhecidos sobre a gordofobia, sem acrescentar à luta anti-gordofóbica. Há quem considere esses relatos “militância do sofrimento”, nome pejorativo atribuído por alguns/algumas

militantes gordas à predominância de relatos sobre sofrimentos diários vividos por pessoas gordas sem que esses ofereçam qualquer bônus às pessoas gordas, apenas ônus.

A preocupação com a imobilidade em relação ao avanço das pautas gordas foi frequentemente demonstrada durante os grupos focais. A sensação passada é a de que o movimento parece estar aprisionado e congelado dentro da *internet*, não fazendo parte de mudanças reais na vida das pessoas gordas, em especial, na vida das pessoas gordas e pobres. Podemos notar que há distorção em diversas áreas do campo cultural (mídia, artes, comunicação) em que o discurso ativista sobre gordo se faz notar ainda que de maneira tímida. A percepção de que a *internet* está separada do “mundo real” ainda é predominante e muitas vezes não se nota que as mudanças e todo o diálogo que ocorre em redes sociais *on-line* faz parte do próprio reconhecimento do problema e criação de uma identidade capaz de criar um ativismo e transformar a realidade, ainda que ainda em estágios iniciais.

6.4.3 Radfat

Por causa de inúmeros rachas, ou seja, rupturas dentro do ativismo gordo entre quem entenda que o ativismo deve ser aberto a questões subjetivas - pautas como auto-aceitação e aumento de auto-estima - e pessoas que entendem que essas pautas fazem parte de outro movimento e que o ativismo gordo deve tratar questões mais urgentes da esfera pública como a acessibilidade e a gordofobia médica que causam vítimas mortais dentre as pessoas gordas, há a indicação de uma iniciação do que tem se chamado de Radfat, ou ativismo gordo radical.

A urgência das pautas gordas não daria margem a dedicar o ativismo à auto-aceitação individual de cada pessoa gorda (anexo 7). Assim, a opinião de um dos participantes do grupo focal é de que este tipo de ativismo não leva em consideração as individualidades e acaba cometendo o erro de adotar uma tática agressiva em um momento em que o ativismo gordo ainda está em construção e necessita maior divulgação para pessoas além das gordas:

Caio: Assim, porque dentro do movimento social a gente vai ver uma resposta muito forte... Na minha visão, o radicalismo entra quando entra agressividade. Quando a gente tenta impor as ideias de uma forma agressiva. Porém, eu entendo essa tática de ativismo. Eu entendo que você ser massacrado o tempo inteiro por uma determinada característica sendo ela ser mulher, ser gordo, ser LGBT e tudo mais, eu entendo a pessoa responder de forma agressiva. Faz parte. Eu acho que da mesma forma como você é agredido você acaba agredindo de volta. Então o discurso ele é agressivo nesse ponto. Eu só acho, na minha opinião muito pessoal de que isso não seja a melhor tática. Isso é uma tática que mais afasta as pessoas do que aproxima. (...)

O que eu acho que é mais efetivo, mas o radical pra mim seria isso, seria esse lugar de pessoas que acham que gordo só tem que lidar com gordo, que acham que gordo não tem que ter magro perto, quando uma pessoa magra é gordofóbica ela faz isso porque ela não gosta de você, porque ela... Tem muita gente que tem esse discurso. “Ah, mina magra, ela é gordofóbica, porque ela é uma escrota, porque ela quer te ver mal”... Mas a gente tem que levar em conta que a mina magra, não que a gente tem que passar pano pra isso, né, passar a mão na cabeça da pessoa, mas tem que lembrar que é uma pessoa que às vezes nunca nem ouviu outra coisa. A pessoa nunca nem ouviu que uma pessoa gorda possa ter respeito, uma coisa que a pessoa nunca nem ouviu que tá tudo bem ser gordo.

O *Radfat* priorizaria as questões coletivas sobre as individuais, e materiais sobre abstratas, entendendo que problemas relacionados à autoestima baixa, por exemplo, já seriam tratadas pelo ativismo do *body positivity*. Apresenta-se assim uma necessidade do ativismo da separação mais clara do dualismo indivíduo/coletividade para que suas pautas sejam ouvidas. Não se irá aprofundar na análise desta vertente do ativismo gordo, ainda uma tendência muito embrionária, mas aponta-se a iminência deste ativismo no momento atual.

7. Capítulo 3: Mercado e ativismo gordo

Exploramos neste capítulo as formas como ocorrem as aproximações entre mercado e ativismo gordo, analisando as relações entre os afetos e o mercado e a representação das pessoas gordas de acordo com apresentação física, valor e moral.

As raízes do ativismo gordo estadunidense são imbricadas ao movimento *hippie* no fim dos anos 70 e início dos anos 80, e ao movimento feminista, sendo o Fat Underground a mais relevante organização gorda, tendo como propulsor o falecimento da cantora Cass Elliot, entendido como negligência médica (BUSS, 1975⁴⁷). Este movimento fez duras críticas ao capitalismo e à indústria alimentícia, condenando o mercado, enfatizando os componentes alimentares e a indústria da dieta, na qual as pessoas tentariam o emagrecimento por meio de dietas restritivas, mesmo, de acordo com o *Fat Underground*, tendo índices de pelo menos 90% de fracasso, buscando a aceitação social. Atualmente nos Estados Unidos, apesar de sua origem do anticapitalista, há, como no Brasil, a crescente a mercantilização do ativismo, por meio do consumo de mercadoria e da utilização de fotos em redes sociais na internet para reafirmar esse ativismo.

Já as raízes do ativismo gordo brasileiro, mais recente, estão intrinsecamente ligadas ao mercado *plus size* de roupas e às redes sociais na *internet*. No entanto, há necessidade de diferenciação desses dois âmbitos (mercado e ativismo) por parte da maioria das ativistas gordas. Seguem alguns exemplos de diferenciação presentes nos grupos focais:

Olívia: Ó, tecnicamente falando como uma pessoa que estudou moda, tem uma marca e trabalha com isso, é o seguinte: plus size é o nome do mercado e não nome de corpo.

Luiza: Pode falar. Basicamente o termo plus size é pra roupa, não é pra pessoa. A pessoa é gorda, plus size é o que veste o gordo e a pessoa grande, né, porque também tem gente com uma ossatura maior, plus size também serve pra essas pessoas. Mas plus size é um termo pra roupa. Agora tão começando a falar de gordo na televisão e com essa história da Anitta todo mundo tá falando “modelos plus size”, gente elas não são plus size, elas são modelos gordas. Parece que o termo ainda é muito pejorativo, né, um negócio muito ainda... Gordo ainda traz uma coisa ruim e que eles têm medo de falar.

⁴⁷ BUSS, Shirl. Fat Underground. Los angeles, 1975.

<https://www.youtube.com/watch?v=UPYRZCXjoRo&feature=youtu.be> A primeira aparição do Fat Underground foi em 1974 no Dia da Igualdade das Mulheres acusando a profissão médica de ter assassinado Cass Elliot, integrante da banda The Mamas & The Papas.

Tiago: São. No início, teve o grupo fat, depois plus size, todo mundo andava junto. E depois percebeu-se que eram questões bem diferentes. Tanto na parte mercadológica, ou seja, é vender roupa (incompreensível), não tem uma discussão política sobre a pessoa gorda. Então do movimento fat que surgiu plus, depois se ramificou. Ficou a questão plus size só com a questão mercadológica de ser modelo, até a questão da militância que é de inclusão, direitos sociais, falar da discriminação.

Carolina: E existe o movimento plus size. Não, existe a indústria plus size. Que não é movimento. É indústria. Indústria só serve pra criar padrões. Produzir padrões. Que é assim que ela lucra: linha de produção, né. A indústria plus size, ela não é movimento gordo e nunca vai ser. É... O movimento gordo, pelo que eu vejo, que a gente vê, que a gente transita nos espaços, eu ainda acho que, eu não conheço todos eles, são muitos. Mas eu vejo uma forte... Uma forte.... um forte levante, né.

A necessidade de diferenciação demonstra a desconfiança para com a qual o ativismo gordo enxerga a possível apropriação de suas pautas para fins lucrativos. Para compreender as relações entre ativismo gordo e mercado, utilizamos a teoria de Zelizer (2011) sobre a relação entre as esferas da intimidade e da economia. Zelizer (2011) se interessa principalmente em entender como se relacionam as transações econômicas e as relações de afeto entre as pessoas. Para a autora, a compreensão sobre essa relação seria possível em 3 diferentes visões:

- 1) Os que acreditam que se tratam de duas esferas hostis e ressalta apenas as relações de força, ignorando as relações de sentido: a da intimidade relacionada à sentimento e solidariedade, e a esfera econômica relacionada à cálculo e eficiência. Se misturadas corrompem uma à outra, nessas qualidades que as caracterizam. O argumento das esferas hostis é difundido cotidianamente, num dito popular: “amigos, amigos... negócios à parte”. Apesar de que por vezes aspectos de uma esfera influenciam negativamente uma à outra (por ex. em casos de corrupção em empresas), essa não é uma regra visto que também há mistura de intimidade e relações econômicas em atividades consideradas moralmente positivas na sociedade (por ex. pagar pensão aos filhos/as quando divorciado/a). Mesmo com a ideia de esferas hostis, a autora pontua que essas duas esferas constantemente se relacionam de uma maneira não-hostil: “Numa ampla gama de relações íntimas, as pessoas conseguem integrar as transferências monetárias a redes maiores de obrigações mútuas sem destruir os laços sociais envolvidos. O dinheiro coabita regularmente com a intimidade e até mesmo a sustenta” (ZELIZER, 2011, p. 34).

2) A visão defendida por reducionistas em relação à economia, cultura e política, que Zelizer (2011) chama de “nada além de...?” ou mercado subordinado: ressalta relações de sentido e desconsidera as relações de força. Na visão de reducionistas econômicos, por exemplo, as transferências são todas vistas como trocas racionais compensadoras e sempre há construção de significados, não distinguindo as relações íntimas de outros tipos de relações em que há troca econômica, como, por exemplo, a compra de um carro. Nesse tipo de argumentação só uma esfera é importante. Apesar de em determinados casos essa forma de pensar auxilie a perceber como determinado aspecto influencia na cultura e na política, a autora a considera incompleta para compreender a complexidade da relação entre as duas esferas. Assim como na visão reducionista econômica, reducionistas culturalistas e reducionistas políticos não veriam “nada além de cultura” e “nada além de política”, reduzindo esferas complexas a apenas uma interpretação.

3) Vidas conexas ou mercados múltiplos:

(...) as pessoas criam vidas conexas pela diferenciação de seus laços sociais múltiplos entre si, marcando os limites entre os laços diferentes por meio de práticas cotidianas, sustentando os laços por meio de atividades conjuntas (inclusive atividades econômicas), mas negociando constantemente o conteúdo exato de laços sociais importantes. (ZELIZER, 2011, p. 37)

Quando a atividade econômica se cruza com as relações sociais a marcação de limites e diferenciação da relação são mais enfáticas. As pessoas renegociam os laços conforme aparecem problemas ou as relações ficam confusas. A ideia de esferas hostis surge do esforço para demarcar os limites. A esfera jurídica influencia e é influenciada pelas demarcações e diferenciações dos laços na sociedade.

A necessidade de uma separação entre ativismo gordo e mercado, demonstrado a partir da desconfiança por parte de ativistas para com quem lucra com as pautas do ativismo gordo, sendo essas pessoas tachadas de oportunistas, se encaixa na visão de que a esfera da intimidade e a esfera econômica trata-se de duas esferas hostis. A percepção do mercado majoritariamente como uma esfera hostil em relação ao ativismo gordo, não se construiu de maneira gratuita. As principais indústrias que tiveram o público gordo como foco enquanto consumidores nos últimos anos foram a indústria farmacêutica- com inibidores de apetite, laxantes, entre outros - e a indústria alimentícia com a venda de produtos light e diet

(POULAIN, 2013), ambas com foco no emagrecimento por meio da restrição alimentar. O emagrecimento compulsório presente nessas indústrias bem como em prescrições médicas é um dos pontos principais de combate por parte do ativismo gordo. Como afirma Poulain (2016, p. 16): “a obesidade pode ser um mercado formidável – capaz de fazer sonhar um diretor de marketing ou uma indústria farmacêutica.”

Além disso, o mercado *plus size* de roupas, por exemplo, não utiliza o termo “gordo/a”, adotando termos do inglês que amenizam essa característica como “curvy” e “plus size”.

Porém, esse distanciamento que veio sendo construído entre as necessidades do ativismo gordo e o mercado de roupas *plus size* vem se tornando mais conexo com o próprio fortalecimento do ativismo gordo. Pessoas que são ativistas gordas lançam marcas que buscam celebrar não as “curvas e a auto-estima” de maneira genérica como algumas marcas *plus size* desconectadas ao ativismo faziam, mas celebram a própria gordura, de forma que a roupa passa a ser não só uma maneira de se expressar em relação a preferências de estilo, mas como forma de afirmação ativista.

Figura 5 – Página virtual de venda de camiseta com a mensagem “gorda”

Página Principal / CAMISETÃO / CAMISETÃO - GORDA

CAMISETÃO - GORDA

Ref: MO9000 COMPRAR SEGURA

Eu não sou "cheinha", "fofinha" ou "fortinha". Chega de diminutivos, eu sou é gorda! Ser gordo não é desvio de caráter, não deveria ser motivo de vergonha. Precisamos viver numa sociedade inclusiva, em que possamos lutar juntos contra qualquer tipo de preconceito. <3

[Tabela de Medidas](#) [Lista de Desejo](#)

Selecione a opção para TAMANHO:

G4 G5 G6

R\$ 119,00 [COMPRAR](#)

Fonte: Site da loja Oh querida⁴⁸

A utilização da camiseta acima pode ser vista como uma forma de resistência, de uma pessoa que não busca esconder o seu traço desviante, mas o carrega com orgulho, presente inclusive na descrição da camiseta no próprio site. A festa citada no capítulo 2, “Toda

⁴⁸ Disponível em: <https://www.ohquerida.com.br/camisetao/camiseta-gorda> Acesso em mai 2018.

grandona”, também é uma marca de roupas que busca trazer empoderamento para as pessoas gordas. Diversas marcas que conectam as duas esferas, de forma que a afetividade está presente nos produtos consumidos, vem surgindo com o fortalecimento do ativismo gordo no Brasil. A própria existência de eventos de moda *plus size* nas principais capitais do país influencia no crescimento deste tipo de loja, uma vez que abre espaço para atuação dessas marcas.

Com a negociação de posições, como o próprio reconhecimento de que a consumidora ou o consumidor da marca não é “gordinho, cheinho, plus size, curvy”⁴⁹, mas gordo/a, faz com que as esferas do afeto (com os valores da militância gorda) e do mercado, se tornem cada vez mais parte da interpretação de “vidas conexas”, de forma que, no Brasil, elas encontram-se interligadas.

Portanto, uma parcela de ativistas presentes nos grupos focais entendem que a existência do mercado de roupas *plus size* realiza uma ponte para a criação de redes de comunicação entre pessoas gordas além de satisfazer uma necessidade primordial para a realização de atividades cotidianas: a vestimenta. A vestimenta é tratada no ativismo gordo como parte do direito à acessibilidade uma vez que não é possível sair de casa para trabalhar, para o lazer qualquer outra atividade em público sem a disponibilidade de roupas para trajar.

Caio: Então a internet pra mim é fundamental porque é muito difícil a gente trazer a pessoa pra rua até porque a pessoa gorda não vai à rua, a pessoa gorda ela é impossibilitada de sair na rua o tempo inteiro. Porque ela não tem roupa pra sair de casa, a pessoa gorda entra facilmente em depressão, né, uma pessoa que não consegue... Que não tem roupa pra sair de casa, quando tem roupa o transporte público...

A vestimenta tem, portanto, forte valor simbólico na luta do ativismo gordo.

7.1 Eventos plus size

Como parte da pesquisa, foi realizada a observação-participante em 3 eventos de moda plus size no Brasil: “Plus Model Brasil + Painel Diva Moda e Estilo” ocorrido em Joinville – Santa Catarina em maio de 2017⁵⁰, “Pop Plus” em São Paulo ocorrido entre os

⁵⁰ Fui convidada a participar de uma mesa redonda sobre gordofobia pela organizadora do evento devido à visibilidade proporcionada pelo curso de extensão “O que é gordofobia?” ministrado por mim, professora Marcia da Silva Mazon, Bárbara Amorim, Jacobina Cantisani e Barbara Leone entre março e maio de 2017 em parceria com a Pró-reitoria de Extensão da UFSC e o programa Escola de Verão.

dias 10 e 11 de junho de 2017 e “*Hashtag Bazar*” no Rio de Janeiro ocorrido no dia 17 de junho de 2017. Com organização e perspectivas diferentes, trago um breve relato das observações realizadas em cada um desses eventos.

Eu e Bárbara Amorim, doutoranda do programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSC, fomos convidadas por uma das organizadoras do evento, Letícia Assis, para falarmos em um painel (roda de conversa) sobre gordofobia e pressão estética. O convite foi feito pela participação de Letícia no Curso de Extensão sobre Gordofobia do qual fizemos parte da organização e execução. O evento ocorreu em um grande espaço para eventos, neste espaço ficavam dispostas estandes com roupas disponíveis para que os/as consumidores/as experimentassem e comprassem. Não houve grande circulação de pessoas ao que uma das organizadoras do evento atribuiu ao preconceito. Durante o dia foram realizadas rodas de conversa com temas como “pressão estética x gordofobia”, “troca de experiências” e “mercado plus size”. As rodas de conversa, apesar de terem pouca participação do público, trouxeram discussões importantes relacionadas ao ativismo gordo como a gordofobia médica em geral com destaque para a violência obstétrica e a falta de roupas acessíveis a pessoas gordas e pobres.

Além do evento de moda, também acontecia um concurso de beleza no local, o “*Plus model Brasil*”, que foi o evento do final do dia 6 de maio de 2017. Durante o concurso de beleza as mulheres desfilaram com roupas das lojas que estavam expondo em estandes. Mesmo dentre as organizadoras havia discordância em relação à importância de um concurso de beleza entre mulheres modelos de moda plus size (nem todas eram gordas). No ativismo gordo, há críticas em relação à criação de um novo padrão de beleza inatingível dentre as mulheres gordas, fomentado pela indústria *plus size* para vender mais como veremos neste capítulo mais adiante. Como podemos ver no relato abaixo em entrevista realizada em Florianópolis, há dissonância entre empoderamento e representatividade e esse tipo de representação que concursos de beleza impulsionam:

Carolina: Tipo, isso tá sendo garantido. É o maior progresso que eu vejo assim que as minas gordas estão tendo mais representatividade em várias áreas e que a voz tá sendo ativa de várias maneiras, tipo, mano, “eu sou gorda, você me respeita”, tá ligado. É poucas e é isso. Mas ainda é aquilo, né. De reduzir muito a post de facebook e aí quando a mina gorda sai na playboy não é benefício nenhum, tá ligado? Não é empoderador, não é. Por mais que fale “ah, é empoderador porque eu me sinto representada”. Tá, mais representatividade é sobre o quê afinal de contas? É sobre ocupar espaços que a gente não pode ocupar ou sobre ocupar espaços que nunca deixaram a gente ocupar porque nunca deu lucro e agora dá? Saca?

A ligação do ativismo gordo com o feminismo no Brasil aparece mais sutilmente do que nos Estados Unidos. Como analisado no capítulo 2, não há uma unificação do posicionamento político dentro do ativismo gordo, sendo que nem todas/os ativistas se consideram feministas. No entanto, é inegável a influência dos feminismos sobre o ativismo gordo no que concerne ao direito ao corpo e o direito da mulher de manifestá-lo como quiser.

As rodas de conversa, não estão presentes em todo evento de moda plus size. Uma das organizadoras do Hashtag Bazar *Plus Size*, relata que tentou trazer discussões sobre o ativismo gordo para os eventos mas não obteve êxito, dizendo que é muito mais fácil atrair pessoas para o consumo do que para o ativismo. Um dos motivos levantados por ela seria a forma como o ativismo gordo se apresenta, trazendo uma carga de tristeza muito grande, a considerada por alguns/algumas ativistas como “militância do sofrimento” como citada anteriormente no capítulo 2. O evento *Hashtag Bazar* ocorrido no dia 17 de junho de 2017 em uma escola no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro é o evento mais recorrente de moda *plus size*, criando uma sociabilidade mais concreta dentre as pessoas que o frequentam. Como é mais corriqueiro, o clima é informal e muitas pessoas se conhecem e param para conversar umas com as outras, sendo a grande maioria de participantes mulheres.

O evento *Pop Plus* no qual realizei observação-participante no dia 11 de junho de 2017, é o maior evento de moda plus size do Brasil. O evento foi realizado em um espaço para eventos na Avenida Paulista em São Paulo. Da mesma forma que os demais eventos, as lojas dispõem suas roupas em estandes e as pessoas circulam livremente pelo espaço sem que haja qualquer taxa para entrada. O evento, além da exposição de roupas, diferentemente dos demais eventos observados anteriormente, contava com apresentações artísticas como a apresentação do grupo de dança “Me gusta” e a realização de atividade física na própria Avenida Paulista. Não houve no evento espaço para “rodas de conversa”. As roupas em geral são caras e voltadas a um público jovem, sendo as pessoas participantes principalmente mulheres e homens gays.

Para Bourdieu e Passeron (2008) as diferenças sociais não são produto apenas da desigualdade de distribuição econômica, mas fazem parte de um esquema de diferenciação de distintos capitais simbólicos e materiais que compõem a reprodução cultural. Enquanto o capital econômico envolve a renda, os bens privados e os salários, o capital cultural se refere aos saberes, ao acesso ao conhecimento formal institucionalizado (reconhecido por títulos). Já o capital social se refere às redes de relações que podem ser revertidas em capital, como por exemplo, quando o pai de um indivíduo conhece o dono de uma empresa e consegue um estágio para ele.

É possível observar na interação das pessoas nos eventos de moda e grupos no *Facebook* que o que é determinante na consolidação da identidade enquanto militante gordo/a, como parte de um grupo e se reconhecendo e sendo reconhecido por seus pares como atuante de fato é o capital cultural e o capital social sobre o capital econômico. Apesar de as roupas nesses eventos serem caras de maneira geral, nem todas as pessoas as compram, podendo por vezes ganhá-las. O compartilhamento de vocabulário e conceitos semelhantes, além da relação entre grupos que se conhecem - em especial relacionados a pessoas consideradas famosas no meio do ativismo gordo - é o que consolida laços entre ativistas gordos/as, havendo pessoas de diferentes classes sociais dentre ativistas como podemos observar na pequena amostra coletada durante os grupos focais na Tabela 2. Em relação ao capital cultural, durante os grupos focais também foi possível perceber, de que apesar de nem todas as pessoas participantes possuírem títulos de formação superior, em algum momento houve contato com a universidade, seja em espaços de formação, seja em espaços de militância.

As/os ativistas gordas/os produtores de conteúdo parecem ser as/os detentores desse capital cultural, enquanto outra parcela de ativistas, a maior parcela, parece aceitar de forma mais passiva os conceitos, categorias e teorias criadas em especial na internet, ocorrendo portanto, uma sobreposição de poderes na concepção da linguagem estabelecida entre ativistas gordas/os em que o capital cultural é dominante.

Observa-se que esses espaços são os principais de encontro de ativistas gordos/as off-line e também momento propício para que pessoas que se conhecem apenas via *internet* se conheçam pessoalmente, sendo realizadas diversas apresentações durante estes eventos.

A carência de espaços *off-line* para encontro de pessoas gordas foi observada em mais de um grupo focal realizado por nós. Durante os grupos focais ou ao fim deles, foi possível ver participantes combinando de se encontrarem algum dia, propondo “um bar” ou simplesmente “sair para conversar”.

Existem críticas severas a alguns eventos *plus size* como o fato da limitação das numerações que por vezes vão até o manequim 54 a 60, de forma que pessoas gordas consideradas gordas maiores protestam pois são excluídas da acessibilidade às roupas proporcionadas pelos eventos. Aqui, mais uma vez, se reforça a ideia de um grupo *outsider* (BECKER, 2008) dentro do grupo *outsider* de pessoas gordas como podemos ver no relato presente em grupo focal abaixo:

Paulo: E uma lógica muito perversa também é o uso do termo plus size, principalmente em lojas de moda, é, associando com pessoas gordas ele acaba por definir exatamente o quão gordo você pode ser. É... Nós somos uma loja inclusiva e temos uma sessão plus size desde que você vista até esse 54 numa grade pequena, né. Então eu acho muito complicado que o ativismo gordo use esse termo de mercado como a Olívia diz porque é uma coisa que acaba também por ser assimilada justamente pra excluir. Pra falar “ok, né, não, pode ser gordo, olha, legal, mas até aqui.”.*

Outra crítica é em relação aos preços altos das roupas. Uma vez que as marcas de roupas presentes nos eventos não produzem em grande escala fica difícil estabelecer os mesmos preços que as roupas disponíveis em lojas de varejo como Renner, Marisa e C & A, excluindo assim pessoas com menor poder de consumo. A ideia de inclusão é então reivindicada pelas gordas maiores e por consumidores pertencentes às classes populares. As pessoas que realizam as críticas entendem que existe um comodismo por parte dos eventos *plus size* que teriam foco em vender e não realmente na inclusão ou nas pautas do ativismo gordo, enquanto as pessoas que organizam os eventos *plus size* e são gordas afirmam que se preocupam com essas pautas e buscam sempre melhorar nesses aspectos.

7.2 Boa gorda: estratégia e padrão de beleza

A crescente participação da moda *plus size* na indústria de roupas não se deve apenas a uma onda de inclusão e acessibilidade. O crescimento da população gorda no Brasil abre a perspectiva de um público que não estava/está sendo alcançado pelas tendências da moda, um público de consumidoras/es.

Para atender a esse público, práticas publicitárias e de mercado foram realizadas para atrair essas/es consumidoras/es. Há pouco tempo atrás, não havia a noção de “ativista gorda/o”, de forma que a percepção majoritária sobre a gordura era negativa conforme possível observar nas oposições assimétricas da Tabela 5. A estigmatização (GOFFMAN, 1988) fez com que as características relacionadas às pessoas gordas fossem amenizadas pelo mercado, bem como a própria característica “gorda” não existisse em campanhas publicitárias.

A partir dessa higienização da característica gorda, foi criada uma imagem de “mulher plus size”, ou como chamo nesta dissertação, uma imagem de “boa gorda”. Observemos a matéria abaixo do site Ego⁵¹:

24 de setembro de 2014

Miss plus size responde a polêmica: 'Gorda não pode ser saudável?'

Aline Zattar postou resposta a um seguidor e ainda publicou resultado de seu exame de sangue mostrando que seu colesterol é bom.

do EGO, no Rio

Imagem 3: Exame de Aline Zattar: saudável Fonte: site EGO

Aline Zattar, a miss **plus size** e primeira gordinha a **estrelar um ensaio do Paparazzo**, não gostou de certos comentários em suas redes sociais sobre sua silhueta. Mais um especificamente irritou a modelo e a fez dar uma resposta com direito a cópia de seu exame de sangue e tudo.

"Puro colesterol", escreveu o seguidor no comentário de uma de suas fotos.

"Por que uma gorda não pode ser saudável? Decidi fazer esse post para tentar mostrar para pessoas preconceituosas, das quais vim lendo comentários como: 'puro colesterol'. Cara, meu colesterol é muito melhor do que o de muita gente que não tem sobrepeso por aí! Não é porque você está acima do peso que isso é sinônimo de saúde podre!", desabafou ela.

"Ninguém aqui está fazendo apologia a obesidade, muito pelo contrário, o que pelo menos eu quero é que as pessoas se amem! E, a partir desse momento, cuidem-se mais. Pois quando você ama consequentemente você cuida. Venho me cuidando muito mais depois que passei a me aceitar e me amar. Minha saúde está muito melhor hoje do que quando vivia em função de emagrecer e me obrigar a emagrecer, mil e umas bagas e fórmulas. Meu objetivo hoje é ser saudável! Tudo o que é demais é problema: gordura demais, magreza demais. Chega de tanto preconceito! Chega desse pensamento doentio! Isso, sim, mata e causa muito mais problemas do que um brigadeiro". postou ela.

Alguns elementos dessa matéria são essenciais para que se entenda o que se quer dizer com a ideia de “boa gorda”. Primeiramente, a modelo *plus size* é atacada por ser gorda, visto que isso implicaria uma oposição assimétrica ao conceito de saúde, ou seja, que a

⁵¹ Um dos sites de fofoca mais acessados do Brasil na internet, possuindo 12,69% dos acessos dentro do portal globo.com que é o sexto site mais acessado do Brasil. (ALEXA.com, 2015), tendo sido extinto no ano de 2017. Este site foi estudado para a disciplina de Sociologia dos mercados e Sociologia da Saúde (UFSC – 2016), ocasião em que foram estudadas 200 matérias com a palavra “gorda” desse site.

mulher seria não-saudável, doente. Para responder a essas críticas a modelo comprova, utilizando a legitimidade do discurso médico sobre saúde-doença ao mostrar o exame de sangue, a sua saúde. Muitas mulheres gordas geralmente justificam sua saúde, ou seja, comprovam que estão saudáveis, contra-argumentando que esse não é motivo suficiente para que se preocupem em emagrecer. São feitas alusões a um estilo de vida ligado ao consumo de alimentos considerados saudáveis e atividades físicas regulares, como, por exemplo, nem outra matéria do mesmo site “Candidata ao Miss Plus Size Carioca se gaba: 'Com a saúde em dia' - "Sou gordinha desde criança, mas sempre pratiquei esportes.” .

Sobre as justificativas é possível utilizar o estudo de Goffman que coloca que : “(...) quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (2002, p. 41). Para ser aceita enquanto gorda, a mulher busca refutar os ideais sobre a mulher gorda mostrando suas características de acordo com o ideal de mulher magra conforme a tabela apresentada no capítulo 2.

A boa gorda também é “bonita de rosto”, ou seja, com traços finos e branca, demarcando aspectos eurocêntricos na identificação de beleza. Se maquia e se cuida. Não é “relaxada” e geralmente não tem celulites ou estrias⁵². A “boa gorda” contesta algumas oposições assimétricas, mas segue justificando a forma como escolheu cuidar do seu corpo. É importante notar também que *plus size* de maneira geral não vem se consolidando como um movimento de aceitação dos corpos, mas como um segmento de mercado voltado à venda de produtos estéticos que melhorem ou se adequem à mulher gorda, uma esfera hostil em relação ao ativismo gordo com raras exceções.

Figura 6 – Modelo plus size

⁵² Ou as estrias e celulites são apagadas de suas fotos por meio de programas como o *photoshop* por editores de campanhas publicitárias ou por elas mesmas.



Fonte: Site Ford Models Brasil⁵³

Vai assim se construindo a fachada de “boa gorda” de acordo com a aparência e maneira de forma que o indivíduo “acentua certos aspectos e dissimula outros” (GOFFMAN, 2002, p. 67) na expectativa de que a representação que está construindo de gorda não seja falseada pela plateia. A “boa gorda” ainda que busque justificar-se ainda recebe fortes críticas, sendo a aparência e os valores morais aos quais essa aparência é relacionada ainda dominantes na visão do auditório.

Nos comentários de outra matéria do mesmo site “Thaís Oliveira é eleita a 'Mais Bela Gordinha do Rio 2016’” na seção dos comentários um dos comentaristas anônimos denominado apenas Roberto diz “O premio é um rodizio na churrascaria e 3 pote de nutella” (sic), ou seja, a pessoa gorda ainda é visto como uma gluttona e hedonista, com pouco autocontrole.

Goffman (2002) argumenta que existe um conjunto de fachadas pré-estabelecidas sobre as quais a atriz geralmente seleciona a que melhor lhe couber, raramente novas fachadas são criadas. Daí a dificuldade de conciliação entre a idealização de gorda do auditório e toda a ideia de representação que este tem e do que é apresentado de maneira diferente pela “boa gorda”.

Mais do que atuação por parte dos indivíduos, é possível entender essa representação como uma estratégia do agente no campo (BOURDIEU, 1989), em que as modelos buscam

⁵³ Disponível em: <http://www.fordmodels.com.br/curve/view/18/aline-zattar> Acesso em mai 2018.

se posicionar em relação aos seus empregadores e ao público, uma vez que esta é sua fonte de renda. No entanto, a partir busca pela adequação de um padrão aceitável para uma mulher gorda, o posicionamento do mercado em manter padrões de beleza estabelecidos socialmente relacionados ao machismo e ao colonialismo acabam criando um novo padrão de beleza em que a maioria das mulheres gordas não se encaixam, auxiliando na manutenção do poder simbólico.

A evolução desse padrão de beleza no mercado da moda *plus size* pode ser observada com a criação de concursos de beleza *plus size*. Nestes concursos, fontes de lucro para seus/suas organizadores/as, geralmente é premiada a mulher gorda que mais se encaixa nos padrões de beleza estabelecidos socialmente e pelo mercado de moda *plus size*. É possível perceber no ativismo gordo, um posicionamento majoritariamente contrário a esse tipo de concurso, havendo, no entanto, modelos *plus size* e ativistas gordas que frequentemente dizem que participar desses concursos trata-se realmente de uma estratégia, uma vez que possibilita maior visibilidade para a conquista de novos trabalhos na área da moda.

7.3 Propagandas

Como já mencionado neste capítulo, há no movimento gordo a crítica à mobilização da ideia de representatividade gorda por parte do mercado. A percepção das pessoas gordas enquanto consumidoras, no entanto, não se deu apenas por parte do mercado de moda *plus size*. Com a consolidação das reivindicações por direitos humanos, houve o crescimento do reconhecimento da ausência de representatividade dos grupos minoritários (negros, população LGBTQ+, pessoas gordas, etc.) e entendendo que a necessidade de atender às demandas desses grupos é potencialmente lucrativa, esses grupos passam a ser representados em propagandas. Neste cenário, a inclusão passa a ser um valor de mercado.

Uma das mudanças que temos acompanhado recentemente, é a diminuição da quantidade de propaganda com mulheres trajando roupas de banho, sendo hipersexualizadas⁵⁴, apesar de essas ainda existirem.

⁵⁴ LESSA, Isabela. O antes e depois das campanhas de cerveja. Site meio e mensagem. 2 fev 2017. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2017/02/02/o-antes-e-depois-das-campanhas-de-cerveja.html> Acesso em 3 jan 2018.

As pessoas gordas passaram a ser incluídas no que ficou conhecido como “cota” no ativismo gordo. Nessas propagandas em que as pessoas gordas aparecem, normalmente há um representante de vários grupos desviantes.

Figura 7 – Foto da campanha “Dona dessa beleza” da Avon - 2016



Fonte: AVONBR. Dona dessa beleza |Avon|. 5 nov 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d34Xs45k5R0> Acesso em 10 jun 2017.

Na imagem acima, podemos ver a campanha “Dona dessa beleza” da Avon, veiculada em 2016, que incluiu uma mulher transexual e negra, uma mulher gorda, uma mulher com síndrome de Down, uma mulher com deficiência auditiva, uma mulher com deficiência visual e uma mulher negra. Nesta propaganda busca-se a representação de mulheres frequentemente excluídas pela comunicação publicitária. Não apenas nessa propaganda, mas em diversas outras como a campanha da marca de cerveja SKOL “Redondo é sair do seu quadrado”⁵⁵, lançada em 2017 e “Metamorfose ambulante” também lançada em 2017⁵⁶, quando as pessoas gordas são retratadas, são colocadas ao lado de outros grupos tidos como desviantes, como observado acima, buscando trazer mais diversidade à campanha. Essa “inclusão”, portanto, não é feita de forma natural, uma vez que na vida cotidiana não existe um “clubes dos desviantes”, havendo contato permanente entre grupos considerados desviantes e grupos considerados estabelecidos.

Essas propagandas, no entanto, mostram um avanço em relação às representações de consumidores/as que costumam invisibilizar os grupos desviantes. Neste sentido, as campanhas publicitárias chamam a atenção para a inclusão dos grupos desviantes, ainda que de maneira enfática e não-naturalizada, por meio das, como mencionadas anteriormente “cotas” citadas por ativistas gordas/os em grupos focais:

⁵⁵ SKOL. No verão Skol, redondo é sair do seu quadrado. 4 jan 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9FsVvGDDL4> Acesso em 7 jan 2017.

⁵⁶ Maníacos por cinema. Skol toca Raul o maior coro coletivo de metamorfose ambulante. 7 jan 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QWDDoKOEzjo> Acesso em 4 mar 2018.

Paulo: Desde o pink Money [exploração do poder de compra do público LGBT]. Então agora a nova onda são as pessoas gordas é, então adaptar certos discursos é... De empoderamento, de autoestima e de beleza, mas sempre com a intenção de vender alguma coisa e nunca atacando as causas reais da sociedade.

Olívia: Um exemplo claro disso que eu... Não sei se eu posso citar nome de empresa aqui. Pra mim tanto faz, pode falar, mas é só porque assim, não sei, por exemplo. Eu fiz uma campanha da Avon, me chamaram por causa do meu discurso, por causa do que eu falo e eu aceitei porque né, precisamos trabalhar. Porém, assim, é... Foi uma coisa, uma campanha de beleza, tipo era uma marca de cosméticos, eu vi futuramente como trabalho, especialmente na sociedade capitalista que nós precisamos trabalhar ainda mais...

Paulo: Sim.

Mariela: Pagar boletos.

Olívia: Pra pagar boletos. Pagaram bem, né. Empresa grande paga bem. E aí eles fizeram essa campanha e tudo mais, a gente... E aí era eu, uma menina negra, uma menina trans, uma menina com síndrome de down e uma menina... Uma menina cega. Eles colocaram todo mundo ali no mesmo balaio e é nós.

Natália: É dona da...

Olívia: Dona da sua beleza. Sim. E assim, o que aconteceu: eles, é... Mesmo, mesmo sendo uma campanha puramente publicitária e capitalista e... Eles queriam se apropriar do discurso, isso era bem claro.

Aqui, podemos ver a afetividade e a esfera econômica percebida nestes relatos como esferas hostis (ZELIZER, 2011) mesmo na tentativa de inclusão, percebida como oportunismo. Olívia coloca sua participação na campanha como uma estratégia dentro do campo econômico (BOURDIEU, 1989) em relação aos seus empregadores para que possa pagar suas contas, colocando a necessidade econômica mais imediata de sobrevivência sobre suas crenças militantes.

Enquanto por um lado, há a tendência à inserção de pessoas fora dos padrões midiáticos anteriormente estabelecidos, por outro lado, ainda há a prevalência de propagandas que utilizam grupos minoritários em relação a poder para fazer chacota. Enquanto racismo é considerado crime e homofobia se encaminha para o mesmo enquadramento jurídico, a gordofobia ainda não tem o mesmo reconhecimento que outros

preconceitos. Isso faz com que haja menor inibição no momento de externar o preconceito como podemos ver na propaganda realizada por uma academia de ginástica abaixo:

Figura 8 – Propaganda gordofóbica de academia



Fonte: Dono de academia é denunciado ao Procon por gordofobia. Hoje em dia. 18 jul 2017. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/hoje-em-dia/videos/-dono-de-academia-e-denunciado-ao-procon-por-gordofobia-18072017> Acesso em 20 jul 2017.

Apesar de não haver criminalização da gordofobia, a propaganda acima foi denunciada ao Procon e o proprietário da academia foi autuado, podendo pagar mais de 3 mil reais em multa. O que chama a atenção neste caso é o uso por parte do Procon e dos canais midiáticos anunciando o caso como “gordofobia”, palavra até pouco tempo desconhecida e preconceito enquadrado como supérfluo. O que antes era considerado piada, passa a ser considerado violência, contando por parte de órgãos jurídicos inclusive para a conscientização da população como podemos ver na imagem abaixo divulgada pelo órgão Conselho Nacional de Justiça (CNJ):

Figura 9: Imagem explicativa sobre gordofobia



Fonte: CONSELLHO NACIONAL DE JUSTIÇA (cnj.official). Gordofobia: mitos e verdades. Post do Facebook. 27 jun 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/cnj.official/posts/as-pessoas-gordas-enfrentam-diversos-problemas-seja-na-hora-de-comprar-roupa-esc/2111400765599339/> Acesso em 30 jun 2018.

As pessoas gordas enfrentam diversos problemas, seja na hora de comprar roupa, escolher um lugar para se sentar ou passar em uma catraca. O mundo não é inclusivo. Além disso, conviver com diversos comentários ou observações sobre seu corpo é muito comum e desagradável.

Dificuldade recorrente entre as pessoas gordas é a de fazer um plano de saúde. Muitos deles têm a prática abusiva de se negar a aceitar pessoas com doenças preexistentes, como a obesidade mórbida, doença listada e classificada pela [Organização Mundial da Saúde](#). Mas essa recusa é proibida, de acordo com a Lei n. 9.656/1998. Em 2016, a [Agência Nacional de Saúde Suplementar](#), que regula os planos de saúde, editou súmula normativa para reforçar o entendimento de que práticas discriminatórias são proibidas (<http://bit.ly/Sumula27ANS>).

Ainda sobre planos de saúde, a Terceira Turma do [Superior Tribunal de Justiça \(STJ\)](#) decidiu que eles são obrigados a custear a internação de pacientes com obesidade mórbida em hospitais ou clínicas especializadas em emagrecimento, caso seja a indicação do médico, ainda que não haja previsão contratual para tal cobertura. Conheça a decisão: <http://bit.ly/TratamentoGarantido>

O preconceito ou a intolerância dirigidos a pessoas gordas são conhecidos por "gordofobia". Isso ainda não é crime, mas existe um projeto de lei tramitando na Câmara dos Deputados (PL n. 1.011/2011) que inclui o bullying no rol dos crimes contra a honra do Código Penal. Além do mais, esse tipo de comportamento e atitude fere e adocece a sociedade. Confira em <http://bit.ly/BullyingnoCodigoPenal>

Observa-se a relação entre as esferas econômica e da intimidade mais uma vez. Aqui é possível observar como a esfera jurídica influencia e é influenciada pelas demarcações e diferenciações dos laços na sociedade. Enquanto esferas conexas (ZELIZER, 2011), a demarcação dessas esferas se dá não apenas por meio das relações informais, mas também pelo estabelecimento de regras e leis formais que são frequentemente renegociadas a depender da transformação da visão de valores sobre determinados temas, como no caso da gordofobia.

Na visão de reducionistas econômicos, colocados por Zelizer (2011) no grupo de visão “Nada além de...?”, é possível enquadrar a pessoa gorda, dependendo do cenário, tanto enquanto lucro quanto enquanto despesa. Pode-se entender a pessoa gorda enquanto lucro nos mercados de alimentos dietéticos, pela indústria farmacêutica relacionada a medicamentos com objetivo de emagrecimento e pelo mercado de roupas *plus size*.

No mercado de seguros de saúde, no entanto, a pessoa gorda é vista como despesa, bem como por serviços de saúde, como por exemplo, pelo Sistema Único de Saúde (SUS). É frequente ouvir em programas de notícias na televisão que “pessoas obesas custaram aos cofres públicos X reais”. A percepção coloca a pessoa gorda como uma pessoa com uma falha moral, que não pôde se controlar e tornou-se além de gorda, um fardo para os cofres públicos.

8. Capítulo 4: A mídia e o ativismo gordo

Ao pensarmos nos campos que estruturam a sociedade e são estruturados por ela, a mídia é um terreno fértil para refletirmos sobre as relações de poder uma vez que a produção cotidiana de notícias e a representação de personagens ficcionais influenciam fortemente as percepções dos agentes em sociedade. Bourdieu (1997) entende a televisão, bem como a imprensa de forma geral como uma forma de colonização do pensamento e de “manutenção da ordem simbólica”, tendo papel relevante dentro da disputa política e econômica por representações sociais dominantes. A televisão, privilegiaria o entretenimento em detrimento da educação. De acordo com o autor, a mídia estaria subordinada aos campos político e econômico.

As novelas, por exemplo, são relevantes na reflexão sobre o imaginário brasileiro (RODRIGUES & ARCOVERDE, 2014). Ao pensarmos na criação de personagens nas ficções podemos lembrar de diversos clichês relacionados à identidade física de personagens: a empregada do lar negra, a “loira burra”, o “gordo engraçado”, o “gay afeminado”, etc. A criação de personagens estereotipados acaba sendo retroalimentada pelo público, não criando uma ideia, mas reforçando certas ideias dominantes existentes na sociedade por meio de sua constante repetição e exibição.

Segundo Bourdieu (1997), a televisão disfarça seu papel de criadora de impressões colocando-se como mera observadora. A forma como isso acontece, não é neutra, há disputa entre agentes pela autoridade do campo, sendo que há influência do imaginário da elite econômica e política, de forma que grupos minoritários raramente foram e são representados em posição de poder (ROSO, 2002; SANTOS, 2016). Para Vasconcelos et al (2004), a mídia trata-se de:

um canal de informação e reprodução de uma prática discursiva, logo ideológica, socializa os fatos e normas e atua como um agente organizador do espaço social, ocupando, portanto, um papel central para a consolidação dessas representações que passam, então a assumirem um caráter coletivo normalizador na constituição de uma identidade e subjetividade específicas. (p. 66)

Como Becker (2008) afirma, todo grupo possui suas próprias regras sociais. O não cumprimento dessas regras por um determinado indivíduo combinado com a acusação, ou seja, com a percepção e condenação de sua conduta por parte do coletivo, faz com que este indivíduo seja considerado um *outsider*. Então, as regras sociais fazem parte da normalização, ou seja, adequação do indivíduo às normas sociais em que é necessário

reconhecimento do grupo social pertencente para que a pessoa seja acusada ou não - muitas vezes as pessoas não correspondem às normas sociais vigentes e nem por isso são excluídas ou tratadas como *outsiders*, a comoção social vai depender das circunstâncias em que as normas foram desrespeitadas. As pessoas gordas geralmente são julgadas, tendo atreladas a si características típicas das representações sociais atribuídas a elas (preguiçosas, descontroladas, feias, etc.).

O grupo de pessoas gordas não está instalado em posição de poder em relação às pessoas magras, de forma que é possível pensar nas categorias de estabelecidos e *outsiders* segundo Elias (2000) para pensar nas relações de poder imbuídas no processo de estigmatização das pessoas gordas enquanto grupo é necessário compreender que a estigmatização eficaz só é possível quando o grupo estigmatizador está em posições de poder da qual o grupo estigmatizado é excluído.

Como grupo preterido na sociedade, a mulher gorda em especial é representada de maneira rasa, de forma que em geral suas características são reduzidas e a gordura passa a defini-la enquanto ser humano, fazendo então parte de um processo de estigmatização.

De acordo com Goffman (1988), indivíduos estigmatizados são aqueles que não correspondem às expectativas de normalidade que adquirimos por meio das representações coletivas da normalidade. Esses indivíduos exibem atributos depreciativos e assim “deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN, 1988, p. 12). Por meio desse estigma haveria a desumanização desse indivíduo.

Aqui podemos ver um exemplo disso na novela brasileira “Amor à vida”, de autoria de Walcyr Carrasco, exibida pela Rede Globo no ano de 2014, trazido por Rodrigues e Arcoverde (2014):

Perséfone é mostrada como indesejável (tanto sexualmente quanto socialmente) por ser gorda. A representação da personagem se deu de maneira gordofóbica ao reduzi-la a uma característica – que é a de ser gorda e ao desumanizá-la e objetificá-la. A novela reforça os preconceitos, ao invés de discuti-los de forma a revertê-los.

A repugnância e rejeição às pessoas gordas não se trata de mero desgosto pessoal. Como Bourdieu coloca em “A distinção” (2013) o gosto não é neutro, trata-se de uma forma de classificar e distinguir-se de todas as características geralmente atreladas ao “ser gordo”.

Como vimos na introdução, houve um período em que ser gordo/robusto ligava as pessoas às classes mais abastadas, no entanto, após a transição nutricional, o poder da escolha balanceada dos alimentos passou a ser considerada própria das classes abastadas enquanto a alimentação altamente calórica passou a ser ligada às classes populares (POULAIN, 2013).

Segundo Bourdieu (2013) pessoa gorda estaria associada ao gosto bárbaro, o gosto de necessidade. Por seu descontrole não se privam de alimentos gordurosos relacionados às classes trabalhadoras: “Estas transformações da estrutura do consumo alimentar são acompanhadas por um aumento das despesas em matéria de higiene ou cuidados corporais - ou seja, para a saúde e ao mesmo tempo para a beleza” (Bourdieu. 2013, p. 171). Assim, estariam ligadas a um estilo de vida de pessoas que fazem escolhas pobres. A ideia de escolha individual sem levar em consideração outros aspectos socioeconômicos faz com que se tenha a ideia, segundo Bourdieu (2013) de que essas pessoas têm o que merecem uma vez que assim o escolheram. Comer e beber, dessa perspectiva, é uma arte que exige moderação, que sacrifica o prazer momentâneo aos prospectos bem-estares futuros, prática que faz parte do bem viver das classes abastadas, fazendo parte da economia das vontades em que se centra a distinção que as classes abastadas procuram manter em relação às classes populares.

As representações do corpo gordo na grande mídia brasileira passam por diversos estereótipos ligados ao seu estilo de vida como construído no imaginário social como a “gorda engraçada”, “o gordo preguiçoso”, “a amiga gorda” tendo predominância no gênero de comédia (RODRIGUES & ARCOVERDE, 2014; PEREIRA & OLIVEIRA, 2016). Esta representação faz parte do processo de estigmatização dos corpos gordos (pertencentes tanto a classes sociais mais abastadas quanto às classes populares), em especial da mulher gorda que tem menos possibilidades de representação de papéis em novelas e séries. Assim, as características da pessoa gorda são definidas em oposição às características da pessoa magra.

Para auxiliar na análise de conteúdo das representações midiáticas utilizo o conceito de oposições assimétricas, de Feres Junior (2004), que o utilizou a analisar o desprezo principalmente do povo estadunidense pelos povos hispano-americanos:

Devemos notar que estas primeiras manifestações de desprezo pelos hispanoamericanos já eram construídas na forma de oposições assimétricas. Cada uma das características negativas atribuídas a eles, dominados por clérigos (católico), indolentes, ignorantes, supersticiosos, incapazes de se esforçar e desprovidos de iniciativa, correspondem univocamente a uma característica positiva da auto-imagem americana: protestante (portanto, anticatólico), trabalhador, educado, racional, industrioso e provido de espírito de iniciativa. Dado que esses adjetivos pejorativos descrevem estilos de vida, hábitos e costumes, eles podem ser agrupados sob a denominação de oposições culturais assimétricas. (p. 58 e 59)

Enquanto as formas de oposições assimétricas, que Feres Junior estuda, tem um forte aspecto territorial, proponho o uso das mesmas entre grupos diferentes, que convivem no

mesmo território: pessoas gordas e pessoas não-gordas. Sobre o par contraconceitual Feres Junior (2004) inspira-se em Koselleck que coloca que: “é baseado semanticamente no contraste consciente de um nome específico com uma classificação genérica” (FERES JUNIOR, 2004, p. 77)

Essa forma de oposições assimétricas traz conceitos e contraconceitos de ordem moral e física, demarcando como colocado pelo autor: os estilos de vida. Assim, busca se distanciar dos contraconceitos relacionados às pessoas gordas como forma de distinção.

Tabela 5. Oposições assimétricas⁵⁷

Conceito	Contraconceito
Melhor	Pior
Feliz	Infeliz-depressiva
Definida	Indefinida
Sonho	Pesadelo
Com valor	Sem valor
Difícil	Fácil

Ativa	Preguiçosa
Motivação	Desmotivação
Preocupada (com saúde e beleza)	Relaxada
Higiênica	Nojenta
Ótimo	Péssimo
Orgulho	Pena-evergonhada
Saudável	Doente
Bonita	Feia

⁵⁷ Tabela realizada a partir do levantamento de matérias do site Ego em 2017.

Controlada	Descontrolada
Normal	Anormal

No entanto, tratando-se de um campo, as relações em seu interior não são estanques. É preciso pensar na movimentação dos agentes dentro do mesmo pensando nas possíveis distorções que o ativismo gordo e o movimento *body positivity* trazem ao campo midiático.

Neste capítulo veremos alguns exemplos de manifestações midiáticas em que é possível ver o desdobramento da influência do ativismo gordo bem como de movimentos como o anti-*bullying*, o movimento negro, o movimento LGBTQ+ e o movimento *body positivity* trazem à representatividade das mulheres gordas na grande mídia.

Nas últimas décadas a presença dos corpos gordos vem sendo tratada como um problema de saúde pública ou “epidemia da obesidade”, em especial a partir de 2000 quando a OMS publica um relatório chamando a atenção para tal epidemia (POULAIN, 2013). Sendo frequentemente abordado de maneira trágica em programas de notícia. Nesses programas, imagens de pessoas gordas frequentemente são representadas “cortando sua cabeça”, ou seja, suas imagens aparecem apenas do pescoço para baixo, as descaracterizando e desumanizando. Dentre os atores e as atrizes de novelas e séries brasileiras, é difícil pensar em protagonistas gordos ou gordas.

No entanto, nos últimos anos, com o crescimento do movimento *body positivity* e coincidindo com a ampliação do mercado de roupas *plus size* no Brasil, há uma maior abertura para um tratamento diferenciado a pessoas gordas.

O movimento *body positivity*, sendo usado o termo em inglês no Brasil (mais conhecido como *body positive*, é de influência estadunidense e diz respeito à aceitação das pessoas em relação aos seus corpos, se referindo principalmente à melhora de autoestima das pessoas de todas as formas, incluindo todos os tipos de corpos, principalmente aqueles fora do padrão⁵⁸. Diferencia-se do ativismo gordo na medida em que o ativismo gordo é um movimento pelos direitos específicos das pessoas gordas como acessibilidade, emprego,

⁵⁸ “(...) they’re working to fight not just for fat acceptance, but racial justice, trans and queer inclusivity, and the rights of disabled folks as well.” ALPATRAUM, Lux. A short story of ‘body positivity’. Fusion TV (website). 11 jun 2017. Disponível em: <https://fusion.tv/story/582813/a-short-history-of-body-positivity/> Acesso em 3 jul 2017.

GURGEL, Alexandra. Body positive: o que é o movimento + dicas de como começar a ter uma imagem corporal positiva. Blog da Ju Romano. 2 ago 2017. Disponível em: <http://juromano.com/comportamento/body-positive-o-que-e-dicas-de-como-ter-uma-imagem-corporal-positiva> Acesso em 3 mai 2018.

saúde, etc. enquanto o movimento *body positivity* envolve principalmente questões subjetivas como o amor-próprio e a auto-estima elevada.

Como vimos na introdução e no primeiro capítulo, o corpo gordo não foi sempre considerado feio ou indesejado, tendo a transição nutricional contribuído em grande parte para a transformação das atribuições valorativas ao corpo gordo. Segundo Vigarello (2012) a partir do século XVII são adotadas palavras relacionadas à determinação da gradação de gordura no corpo como “roliço”, “gordão”, “gordinho”, “pançudo”, etc. Mas já a partir do final do século XVI se desenvolvem as técnicas de emagrecimento com contribuição de artefatos de moda criados para iludir sobre o tamanho do corpo para que este pareça menor, utilizando roupas como espartilhos e cintas que passam a ser adotadas em larga escala no século XVII, tomando-se o corpo magro como ideal para as mulheres.

A mídia tem papel fundamental na propagação do padrão de corpo considerado ideal. A prevalência de um tipo de corpo, cor, tipo de cabelo, cor dos olhos, dentre outras características entre as protagonistas de novelas, dançarinas, apresentadoras, etc. faz parte da criação de um padrão de beleza propagado pela mídia.

Brownell (1991) segundo Azevedo e Morgan (AZEVEDO & MORGAN, 1998) discorre sobre duas crenças falsas que estão ligadas à busca do corpo ideal: 1) a noção de que qualquer pessoa que siga as prescrições culturais de uma dieta ideal e de exercícios pode moldar seu corpo e atingir o ideal sem levar em consideração a limitação genética; 2) Passa a acreditar-se que a forma física ideal depende apenas do esforço pessoal e o fracasso é tido como falta de “conotações simbólicas de sucesso” como autocontrole, liberação sexual, competência, autodisciplina em oposição à fraqueza e preguiça. O emagrecimento significaria sucesso na profissão, relações sociais e relacionamentos amorosos.

O padrão das modelos de passarela adotado a partir dos anos 60 é de mulheres extremamente magras (KLEIN & CLARK, 2009). Nos anos 2000 este padrão começou a ser supervisionado com maior atenção por órgãos reguladores⁵⁹, sendo denunciada a pressão que as modelos sofriam para se manterem magras como transtornos alimentares tais quais a

⁵⁹ WARD, Lucy. Fashion magazines agree to ban use of unhealthily thin models. The Guardian. 22 jun 2000. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2000/jun/22/lucyward> Acesso em 4 jun 2018.

Anúncio com modelo magra demais é proibido por agência reguladora. BBC Brasil. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/06/anuncio-com-modelo-magra-demais-e-proibido-por-agencia-reguladora.html> Acesso em 3 jul 2018.

Modelos magras demais não serão mais aceitas nas passarelas. Gazeta do povo: Viverbem. 22 set 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/moda-e-beleza/novas-regras-para-modelos-magras-demais/> Acesso em: 3 mai 2018.

bulimia e a anorexia, como também dietas restritivas e atividade física intensa (KLEIN & CLARK, 2009; MOYA et al, 2007).

A transição descrita no capítulo 3 em que o mercado passa a incorporar mulheres com corpos maiores que 44 ou 46, ou seja, quando há aumento em seu valor de mercado, coincide com o aumento de representações de pessoas gordas de maneira mais “aceitável”.

Até atualmente, a imagem de mulher gorda perpetrada pela grande mídia (quando não se está falando sobre o perigo da obesidade) é majoritariamente a de engraçada (RODRIGUES & ARCOVERDE, 2014).

Figura 10 – Personagem Zezé na novela Avenida Brasil exibida em 2012 pela Rede Globo



Fonte: Blog “O jeito de ver o mundo”⁶⁰. Out 2012.

Durante os grupos focais realizados nesta pesquisa e analisados no capítulo 2, muitas vezes o tema da importância da representatividade na mídia foi tratado como podemos ver a seguir:

Tiago: Só que, o que que a mídia faz? “Você quer chegar a um ponto que você não consegue nem sair de casa e passar pela sua porta?”. As pessoas que assistem isso, primeira coisa: medo. A imprensa... A imprensa não, a mídia em si joga o medo nas pessoas. Principalmente nas mulheres. Agora...

Elza: Eu cresci ouvindo que eu ia ficar igual a Dona Redonda, igual acho que vocês também devem ter ouvido.

Bruna: É...

Elza: E ia acontecer comigo igual a Dona Redonda, que eu ia explodir de comer. (incompreensível)

⁶⁰Disponível em: <http://ojeitodudadeveromundo.blogspot.com/2012/10/eu-querer-ver-tu-me-chamar-de-amendoim.html> Acesso em 3 mai 2017.

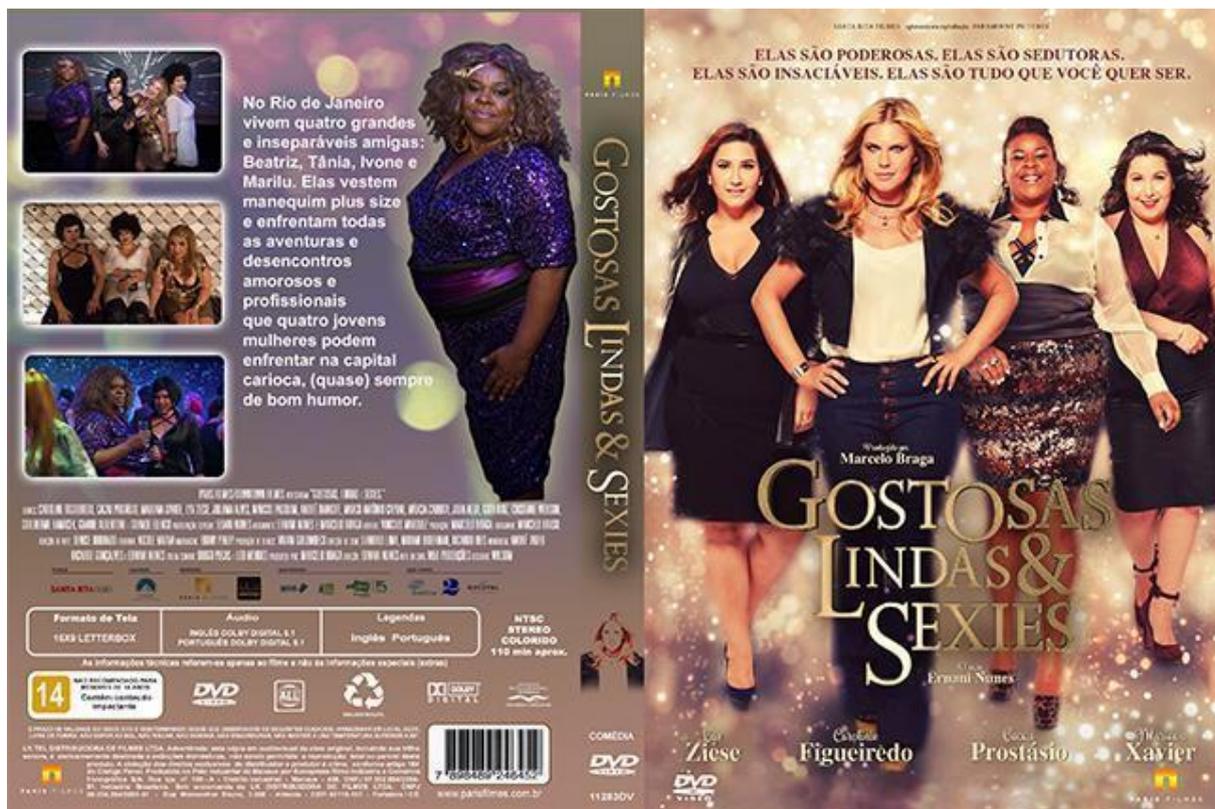
Maria: Minha tia quando perguntava “já tá namorando?” “não” “também, gorda, quem vai te querer?”. Tem sempre uma tia maldita, né. Tipo, eu não namorava porque...

Neste caso, a referência a uma personagem gorda coíbe e aterroriza as pessoas gordas comparadas à Dona Redonda, funcionando não só como elemento estigmatizador mas também como grau normativo. Compara-se a pessoa gorda a uma aberração, utilizam-se hipérboles, marcando as pessoas gordas muitas vezes desde a infância, demarcando o corpo gordo como um excesso perigoso, sendo que personagens midiáticos auxiliam na construção desse imaginário.

No entanto, recentemente, é possível ver algumas variações nesta imagem decorrentes da crescente visibilidade que o ativismo gordo vem alcançando, e é nessas variações que este capítulo está focado. Usaremos alguns exemplos que demonstram um aumento exponencial na mídia alternativa e gradual na grande mídia para mostrar a direção que essas mudanças estão tomando.

Além da televisão, o cinema também faz parte da luta dentro do campo midiático. Em 2017 foi lançado o filme brasileiro, dirigido por Ernani Nunes, “Gostasas, lindas e sexies”, que apresenta como protagonistas 4 mulheres que não correspondem ao padrão magro de mulheres protagonistas exibido pela mídia comumente. O filme foi exibido nos cinemas nacionais e trata-se de uma comédia.

Figura 11 - Capa e contracapa do DVD do filme “Gostasas, lindas e sexies”



Fonte: Site “Gigantes das capas”. Disponível em <http://www.gigantedascapas.net/2017/09/gostasas-lindas-e-sexies.html> Acesso em 10 out 2017.

Apresenta algumas cenas que representam o sofrimento da mulher gorda de classe média na sociedade brasileira, como por exemplo, a dificuldade em conseguir um táxi quando se tem o corpo gordo. Nesta cena específica, as mulheres resistem e conseguem parar o táxi depois de muitos protestos. Esta cena foi descrita pois é um dos pontos altos do filme em relação à representação da mulher gorda, que conta com algumas cenas semelhantes. No entanto, o roteiro do filme em geral cai em lugar comum em relação à representação da mulher gorda. Cacau Protásio, atriz gorda e negra que representa uma das protagonistas do filme, está em um papel que não seria esperado para uma mulher com suas características: o papel de empresária rica. No entanto, este papel trata-se de uma representação cômica, em que as perucas e o figurino tiram a credibilidade do que seria uma posição de poder para esta mulher. Nota-se também que as mulheres mais gordas têm frequentemente o figurino mais esdrúxulo enquanto a protagonista magra (Caroline Figueiredo), tida como “fora dos padrões” assume papel de sexy com figurino menos jocoso na maioria das cenas.

Ainda que seja inédito um filme com mais de uma protagonista gorda no Brasil, filme que busca discutir o lugar das mulheres gordas na sociedade, a mulher gorda aparece neste filme como o esdrúxulo, o grotesco como coloca Bourdieu em “A distinção”(2013). Apesar de buscar discutir o tema da gordofobia em algumas cenas, assim como no caso da

personagem Perséfone de Amor à Vida (RODRIGUES & ARCOVERDE, 2014), a personagem gorda é alvo de piadas de senso comum, tanto em situações encenadas como na própria narrativa. A diferença na retratação entre o filme e a novela, é de que diferentemente da novela em que Perséfone é retratada como virgem quase durante toda a trama, no filme “Gostasas, lindas e *sexies*” a sexualidade da mulher gorda é retratada de forma mais natural, sendo assim retratada com alvo de desejo, diferente do que ocorre na novela de Walcyr Carrasco.

Nos Estados Unidos, algumas séries vêm chamando a atenção pelo lugar protagonista dado a pessoas gordas como *Mike & Molly* (2010-2016) e *Drop Dead Diva* (2009-2014).

Mas foi na Inglaterra que surgiu uma série que tem uma protagonista gorda e não é uma comédia, trata-se da série *My mad fat diary* (2013-2015). *My mad fat diary* conta a história de uma adolescente que dentre várias características, é também gorda. A série não foca apenas neste aspecto, trazendo profundidade à construção da personagem ao trabalhar suas outras características bem como ao mostrá-la em situações cotidianas comuns à maioria dos adolescentes como em relações escolares, familiares e amorosas.

No ano de 2018, a novela da Rede Globo, voltada ao público adolescente, “Malhação”, exibida de segunda a sexta-feira no final da tarde retrata uma jovem gorda, Úrsula, vítima de bullying interpretada pela atriz Guilhermina Libanio de 20 anos. De acordo com a atriz, ainda falta representatividade gorda nas novelas:

Principalmente de gordas como protagonistas. Sinto falta de mulheres fazendo papéis em que ser gorda não é uma questão, entende? Eu espero que daqui pra frente possamos ver mulheres gordas, sensuais e bem-sucedidas, gordas fazendo a mocinha, a vilã. Vamos sair do estereótipo de gorda engraçada.⁶¹⁶²

Há um interesse na inclusão da discussão na novela para jovens, apesar de essa discussão ainda ser levada, como no caso da matéria sobre o “Vai ter gorda na praia” no tom da compreensão sobre o bullying, definido por Ristum (2010) como:

De modo geral, conceitua-se bullying como abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimentos de impotência, raiva e medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar,

⁶¹ Disponível em: <http://www.gigantedascapas.net/2017/09/gostasas-lindas-e-sexies.html> Acesso em dez 2017.

⁶² <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/vitima-de-bullying-atriz-de-malhacao-vira-referencia-pede-mais-gordas-na-tv--20328?cpid=txt>

bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras. (RISTUM, 2010, p. 96)

A definição de bullying diz respeito a um tipo de ação que pode ocorrer com pessoas gordas mas não é exclusivo a elas. A gordofobia trata com especificidade a violência física e simbólica sofrida pelas pessoas gordas, podendo assimilar-se a outras violências mais estruturadas sofridas por outros grupos sociais como no caso do racismo e da homofobia.

Em uma das cenas de Malhação, a personagem amiga magra de Úrsula corrige um colega que se dirigiu a ela como “gorda” dizendo que o correto não é o termo gorda, e sim “*plus size*”, como vimos no capítulo 3, posicionamento contrário à unanimidade das/os ativistas gordas/os entrevistadas nos grupos focais.

Neste caso, bem como na matéria exibida no Programa da Fátima sobre a intervenção “Vai ter gorda na praia” (DIÁRIO CATARINENSE, 2017), o desvio só se torna aceitável quando é dissimulado, disfarçado, maquiado, higienizado. É necessário amenizá-lo (chamando, por exemplo, gordas de “*plus size*” e justificá-lo (explicando que as mulheres são saudáveis do ponto de vista médico-metabólico).

Os/as ativistas gordos/as demonstraram durante os grupos focais preocupação em relação à pouca quantidade de representatividade gorda e sobre a qualidade dessa representatividade:

Júlia: Que eu sinto falta da representatividade assim e eu queria fazer por exemplo, quando você perguntou, pegar e falar tal artista, tal coisa, tal ilustrador que representa gorda. Tem bastante pessoas, mulheres que eu sigo, um grupo de mulheres ilustradoras que também representam gordo, mas tipo, tem o padrão e de vez em quando desenham gordas. Então eu sinto... Eu sinto essa falta. Porque é a minha área, né, minha área. Eu percebo que eu tô procurando assim, eu vejo que tem alguma que desenha, eu falo pô, peraí, vou seguir.

Telma: (Incompreensível). Esse negócio da representatividade eu acho bem complicado assim. Tipo, agora começou meio a moda assim de ter... Colocar gordo. Avon, natura... Mas eu não sei se isso é representatividade realmente... Tem uma pessoa gorda ali, é legal porque as pessoas meio que acostumam a ver, né, e naturalizar. Mas traz algum benefício político e as pessoas ficam menos gordofóbicas por causa disso? Eu não sei, é uma questão assim, é uma pergunta que eu não sei realmente. Talvez sim, talvez não.

Júlia: Eu acho que o maior problema é que fica só nisso.

Telma: É.

Júlia: Tipo, já tem representatividade, então tá bom (incompreensível)

Clara: (incompreensível) capitalizando...

Telma: Sim.

Fernanda: Eu tirei essa palavra do facebook já inclusive, tenho bastante cuidado, embora eu goste muito da semântica, mas pelo rumo que tomou.

Marcia: Qual palavra?

Fernanda: Representatividade. Que não adianta quando tu fala com dono de loja, quando fala com empresário, quando fala com médico... Fala essa palavra a impressão que a pessoa tem, cada um tem a impressão que as pessoas que vivem essa dor precisam que essa pessoa absorva. E passa muito pelo fundo comercial. Virou moda, virou bacana, virou moderno...

Ocupar lugares que são negados aos grupos desviantes com uma mudança em sua valoração simbólica - por exemplo, a gorda asquerosa na praia que passa a ser um ser de direitos que faz parte de grupos, possui conceitos e redes que a apóiam, a gorda solitária que passa a ser protagonista com vida direito à vida amorosa, - gera um impacto nas representações e nas percepções das pessoas em relação às pessoas gordas.

É importante levar em consideração o contexto político e social que possibilita a inclusão da mulher gorda em papéis de destaque, antes não ocupados por elas. Documentos como o relatório da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986) em que se amplia a definição de saúde para além dos aspectos biológicos, entendendo sua ligação com aspectos socioeconômicos como citados no relatório: moradia, alimentação, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer, acesso a bens e serviços essenciais trazem mudanças necessárias na implementação de políticas de saúde brasileiras, buscando as incorporar no Sistema Único de Saúde (SUS). Também as políticas progressistas da Secretaria de Direitos Humanos no Brasil nos últimos anos, têm levado em consideração as demandas das minorias políticas e econômicas do país como os indígenas, negros, idosos, LGBT, etc. O Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos extinto durante o governo de Michel Temer em 2016 também vinha atuando especificamente na inclusão dessas pautas.

Trazendo um exemplo de mídia impressa, citamos a capa da revista Galileu da Editora Globo de janeiro de 2017, de circulação nacional, no valor de 14 reais, que traz a discussão sobre o que seria um corpo capa de revista. A matéria de 14 páginas traz dados sobre o

começo da estigmatização da gordura e sobre o conceito de saúde de forma ampliada colocando que não necessariamente uma pessoa por ser gorda é doente. Traz também depoimentos de pessoas gordas que sofreram gordofobia e agora entendem seus corpos como políticos e resistem além de fotos de pessoas gordas sem alterações, com estrias, celulites e dobras. A revista que tem como característica matérias mais longas e aprofundadas que o comum e disponibilizou espaço para ativistas gordos expressarem sua voz e pautas, além de ter utilizado os termos empregados pelo ativismo gordo como gordofobia.

Figura 12 - Capa da Revista Galileu - edição janeiro de 2017



Fonte: REVISTA GALILEU (@revistagalileu). “Gordofobia: obesidade não é sinônimo de doença e o corpo ideal para aparecer na capa de revista é aquele que você tem. Nos vemos nas bancas?”. 27 dez 2016, 1:55PM. Twitter.⁶³

A apropriação de conceitos próprios do ativismo gordo por parte de textos jornalísticos demonstra o alcance que a criação de significados sobre o que é ser gordo vem atingindo. Se em um primeiro momento após a integração ao grupo como Becker (2008) coloca, o indivíduo desviante aprende como lidar com seu desvio com o mínimo de contratempo para possibilitar sua integração social com o mínimo de inconvenientes, em um

⁶³ Disponível em: <https://twitter.com/revistagalileu/status/813775389336227840> Acesso em dez 2017.

segundo momento, no caso do ativismo gordo, busca-se criar significados para combater o discurso dominante sobre as pessoas gordas. A história sobre a estigmatização dos corpos gordos e discursos médicos alternativos - em relação ao discurso oficial sobre obesidade por muitos anos - passa a ser publicizado com maior frequência. Esse espaço crescente faz parte da transformação que o ativismo gordo busca alcançar em várias esferas em sua estratégia como menciona um dos entrevistados desta pesquisa:

Caio: Então assim, é um movimento embrionário que aos poucos vai... Quanto mais representatividade tiver, quanto mais gente falando sobre isso, quanto mais estudos tiver, quanto mais a academia falar sobre esse assunto, mais a gente vai conseguir ter estofa pra conseguir fazer alguma coisa que tenha relevância.

Temos como exemplo a reportagem feita por um programa local da RBS⁶⁴, filiada à Rede Globo, sobre a ocupação da praia Mole em Florianópolis por mulheres gordas no dia 6 de fevereiro de 2017, com nome de “Vai ter gorda na praia” sendo a segunda edição do evento na cidade, organizado pelo coletivo “Sim, sou diva”⁶⁵. Este tipo de intervenção militante aconteceu não somente em Florianópolis, tendo ocorrido sua primeira realização dia 10 de janeiro de 2016 em Salvador, Bahia⁶⁶, local com a maior quantidade de edições do evento, quatro. Outras edições do “Vai ter gorda na praia” ocorreram em Recife⁶⁷ (2018) e no Rio de Janeiro⁶⁸. O objetivo da ação é juntar mulheres que, pela pressão estética e pela gordofobia foram oprimidas pelo formato gordo de seus corpos e deixaram de ir à praia. A ideia é de libertação, de usar um biquíni ou um maiô (que nem sempre esteve disponível para mulheres gordas e ainda não o é para as mulheres gordas e pobres) e juntas exigirem respeito e liberdade.

A organização e divulgação deste tipo de evento é feita principalmente pelo *Facebook*. Nas páginas dos eventos é comum acompanhar uma onda de comentários atacando as mulheres gordas, as chamando de nojentas, doentes, dentre outras características

⁶⁴ Atual NSC TV.

⁶⁵ Coletivo de Modelos de moda plus size de Florianópolis e região.

⁶⁶ CALDEIRA, João Paulo. Movimento vai ter gorda na praia realiza ato em Salvador. Jornal GGN. 11 jan 2016. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/movimento-vai-ter-gorda-na-praia-realiza-ato-em-salvador> Acesso em 8 dez 2017.

⁶⁷ Vai ter gorda: modelos plus size farão protesto em Recife contra a gordofobia. Diário de Pernambuco. 13 mar 2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/03/13/internas_viver.744882/vai-ter-gorda-modelos-plus-size-farao-protesto-no-recife-contra-a-gor.shtml Acesso em 22 jul 2018.

⁶⁸ DUARTE, Gabriele. Movimento ‘Vai ter gorda na praia, sim’ chega a Florianópolis neste domingo. Diário Catarinense/ClicRBS. 12 fev 2016. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/02/movimento-vai-ter-gorda-na-praia-sim-chega-a-florianopolis-neste-domingo-4973923.html> Acesso em 3 nov 2017.

negativas geralmente associadas a elas bem como uma grande quantidade de piadas. O evento de Florianópolis em 2017 foi fortemente criticado no grupo fechado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no *Facebook*, com uma grande quantidade de piadas direcionadas às mulheres gordas, frequentemente referidas como “baleias”. Vale salientar que o grupo não conta somente com estudantes da UFSC, contando atualmente (até julho de 2017) com aproximadamente 49.000 participantes. No entanto, para as mulheres gordas que organizavam o evento ficou a imagem do que “os estudantes da UFSC estavam falando”.

Estive no evento de Florianópolis em 2017 e pelo fato de posteriormente ter sido coberto pelo Programa da Fátima, programa nacional exibido no período da manhã pela Rede Globo, volto o olhar para essa cobertura jornalística específica. O evento reuniu aproximadamente 30 mulheres gordas e tive a oportunidade de conversar com algumas delas. Foi neste mesmo evento que entrei em contato com uma das informantes do campo que auxiliou ao longo da pesquisa, Letícia de Assis, fundadora do coletivo “Sim, sou diva”. Com ponto de encontro em um dos bares da praia, as mulheres se encontraram e mantiveram-se sentadas separadas em grupos, eu que não conhecia ninguém me aproximei me apresentando como pesquisadora e fazendo algumas perguntas. A praia foi escolhida especificamente por ser considerada uma praia frequentada por surfistas e “bombados”⁶⁹. Algumas já se conheciam do primeiro encontro e do coletivo “Sim, sou diva”, outras viram o evento no *Facebook* e resolveram participar assim como eu. Até a equipe jornalística da RBS abordar as mulheres para a realização da matéria, o grupo ainda não havia se juntado para tratar de qualquer assunto.

Após a realização das matérias jornalísticas (mais de um repórter entrevistou as mulheres presentes na intervenção), o grupo se juntou para tratar de questões relacionadas ao que as mulheres presentes na intervenção tinham em comum: o fato de serem gordas. O encontro tratou-se de um desabafo coletivo em que as mulheres compartilharam histórias de sofrimento e superação em relação ao formato e tamanho de seus corpos, identificando-se com as histórias umas das outras. Deste encontro, no entanto, não saíram propostas de ações efetivas para a melhoria da vida dessas mulheres, tendo sido um encontro que proporcionou um momento catártico e o encontro entre essas mulheres (muitas delas se adicionaram em suas redes sociais *on-line*, inclusive eu).

A socialização de sofrimentos e vivências semelhantes auxilia na coesão do grupo com traços desviantes, fora da norma social. De acordo com Becker (2008, p. 670-671), a

⁶⁹ Pessoas com corpo tonificado pelos músculos decorrente, geralmente, de atividade física intensa em academias.

entrada em um grupo desviante organizado seria o passo final em sua carreira de *outsider* “Quando uma pessoa faz um movimento definido para entrar num grupo organizado — ou quando percebe e aceita o fato de que já o fez —, isso tem forte impacto sobre sua concepção de si mesma.”. Esta articulação para além da *internet* em uma ação efetiva cria para as próprias ativistas uma nova percepção de si mesmas bem como a afirmação da identidade desviada.

A matéria, exibida localmente, foi ao ar no Programa da Fátima⁷⁰ enfatizou a auto-estima e o bom-humor das mulheres gordas vestidas para aproveitar um dia na praia. A narrativa da reportagem começa tratando do assunto do *bullying*, igualando o *bullying* com pessoas com nariz grande ou muito magras ao preconceito que as pessoas gordas sofrem. Fátima Bernardes anuncia a matéria não sem antes enfatizar que o “Vai ter gorda na praia” é um projeto que também valoriza a saúde. As mulheres gordas na reportagem, enfileiradas usando trajes de banho, explicam que usam a palavra gorda sem medo, preferindo essa a “fofinha” ou “gordinha”. Também dizem não se importar para a opinião dos outros e que todas afirmam que já fizeram dieta. É enfatizada a alegria das mulheres.

A ação das militantes gordas foi divulgada de maneira positiva por diversos veículos, no entanto sendo transmitida em uma linguagem mais amena tratando as mulheres como plus size ao invés de gordas, apesar do fato das matérias darem espaço para as mulheres se colocarem como gordas e focando na auto-estima das mesmas.

Algumas das mulheres do coletivo “Sim, sou diva” receberam roupas de banho de marcas de roupas *plus size* que entendiam o evento como uma boa oportunidade para apresentar roupas de banho para mulheres gordas disponíveis em suas lojas.

Uma matéria sobre o “Vai ter gorda na praia” em Florianópolis no ano de 2017, no entanto, apresenta uma crítica negativa à intervenção. Esta matéria publicada no site “Jornal livre - o jornal em prol da liberdade” critica o evento, o chamando de fracasso por relatando que houve a reunião de apenas 20 pessoas. A matéria faz chacota das ativistas colocando que nunca foi proibido por lei que uma mulher gorda fosse à praia, não levando em consideração a violência simbólica sofrida por essas agentes. Esta matéria é aqui citada pois com a *internet* é possível que uma quantidade maior de veículos expresse diferentes pontos de vista sobre um determinado evento. A adição da *internet* à crítica imediata no campo da mídia move as posições dos agentes, uma vez que é possível a interpretação de um evento por meio da resposta quase imediata bem como sua réplica e tréplica, tornando os espectros ideológicos

⁷⁰ Programa matinal da Rede Globo apresentado por Fátima Bernardes.

de combate dentro do campo de forma mais clara nesta polarização entre quem ache o movimento gordo uma piada e quem o ache legítimo.

A legitimidade de uma concepção dominante no campo, como coloca Bourdieu (1998), depende da disposição do poder nos campos político, cultural e científico relacionado aos capitais econômico e cultural. O capital cultural, em especial ligado à mídia e à saúde (no caso da saúde a partir da legitimação do discurso médico com a obtenção do capital cultural institucionalizado), opera em grande parte contra as pessoas gordas.

Ainda nessa onda de matérias sobre o tema de mulher gorda ou gordofobia em grandes veículos de comunicação, foi publicada em dezembro de 2017 a matéria da British Broadcasting Corporation (BBC) intitulada “A gente não quer mais ser visto como doente”: a vida de quem é alvo de gordofobia”. A matéria traz o relato de pessoas gordas que enfrentaram a gordofobia e hoje em dia não perseguem dietas ou tentam mudar seus corpos, trazendo temas relacionados à violência simbólica sofrida pelas pessoas gordas como a falta de acessibilidade na locomoção (ônibus, aviões, etc.), a autoaceitação, a exclusão, e o suicídio. A matéria descreve de maneira crítica o emagrecimento compulsório e a classificação de obesidade enquanto doença.

A matéria teve maior repercussão quando o comediante e apresentador⁷¹ brasileiro Danilo Gentili fez o seguinte comentário no *Twitter* sobre a foto publicada de uma das mulheres que contribuiu para a matéria, a jornalista e *youtuber* Alexandra Gurgel:

Figura 13 – Tweet de Danilo Gentili sobre Alexandra Gurgel



⁷¹ Do programa de entrevistas (talk show) “The Noite” exibido desde 2014, à meia-noite, de segunda a sexta-feira, no canal Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Fonte: Jornalista responde post de Danilo Gentili, e hashtag contra gordofobia viraliza. IG DELAS. 27 dez 2017.⁷²

Como mencionado anteriormente, a rápida comunicação via internet modifica as relações de poder antes estruturadas no campo midiático. Como visto nos capítulos anteriores, a repetição de piadas sobre o descontrole e gulodice das pessoas gordas acaba por estigmatizá-las e reduzi-las a uma imagem não-realista de seus estilos de vida. Este tuíte⁷³ de Danilo Gentili recebeu 5.027 curtidas e 501 retuítes⁷⁴. Alexandra Gurgel, a quem o comentário foi direcionado, respondeu ao tuíte lançando um vídeo e sugerindo a campanha por meio da *hashtag*⁷⁵ #GordofobiaNãoÉPiada⁷⁶. A campanha consistia em fortalecer o apoio entre pessoas gordas que já passaram por situações semelhantes à que Alexandra Gurgel acabara de passar por meio de relatos realizados via *Twitter* e *Instagram* em que as pessoas detalhavam uma experiência semelhante.

Este é um exemplo de estratégia discursiva em que se subvertem as estruturas do jogo no campo. A estratégia, segundo Bourdieu (2004, p. 81), produto do sentido prático “trata-se do “instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente, suposta pelo estruturalismo (que recorre por exemplo à noção de inconsciente)”, coloca-se assim no jogo dentro do campo, havendo uma disputa pela construção de significados em relação à pessoa gorda.

Como vimos no exemplo da cobertura do “Vai ter gorda na praia” e neste evento sobre a matéria da BBC que culminou em uma reação resistente por parte da *youtuber* e outras pessoas engajadas, a *internet* é onde há maior possibilidade de expressar as divergências no campo uma vez que as posições dos agentes em diferentes pólos se tornam claras.

Levando em consideração o cenário da *internet* enquanto parte do campo midiático, um dos canais de comunicação *on-line* que vem fazendo parte da tomada de posições a partir da expressão de opiniões é o *Youtube*. Com o *Youtube* é possível que qualquer pessoa crie seu próprio canal e produza vídeos para todo o público que queira ou tenha acesso a eles.

⁷² Disponível em: <http://delas.ig.com.br/comportamento/2017-12-27/gordofobia-danilo-gentili.html> Acesso em 27 dez 2017.

⁷³ Mensagem curta postada no Twitter.

⁷⁴ Compartilhamento de mensagem via Twitter.

⁷⁵ A *hashtag* é um mecanismo presente no Instagram e no Twitter que permite a busca de pessoas que estão postando sobre um determinado tema. Um retuíte trata-se de um compartilhamento a partir da reprodução de uma mensagem.

⁷⁶ <http://delas.ig.com.br/comportamento/2017-12-27/gordofobia-danilo-gentili.html>

Profissionais que trabalham com a produção de vídeos no *Youtube* - conhecidos como *youtubers* - fazem parte da influência na formação de opinião de públicos de diversas idades que acompanham temas que lhes interessem. Isto vem chamando a atenção de grupos midiáticos alternativos como o Mídia Ninja - Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, definido como:

rede descentralizada de mídia de esquerda, com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. Sua abordagem é conhecida pela militância sociopolítica, declarando-se ser uma alternativa à imprensa tradicional. O grupo ganhou repercussão internacional na transmissão dos protestos no Brasil em 2013.^[11]

Atualmente, além das transmissões em fluxo de vídeo em tempo real, pela Internet, usando câmeras de celulares e uma unidade móvel,^[12] a rede possui um portal de notícias.^[13] A estrutura da Mídia Ninja faz uso das redes sociais, como Facebook, Twitter, Flickr, Tumblr e Instagram na divulgação de notícias. (MÍDIA NINJA, 2018)

A Mídia Ninja se interessou pela ampliação da discussão sobre gordofobia em seu canal no Youtube convidando um ativista gordo para produzir conteúdo relacionado ao tema, como relatado em grupo focal:

Natália: Aproveitando que você mencionou o vídeo, como que foi esse negócio de começar a fazer os vídeos, de trabalhar junto com a Mídia Ninja?

Caio: [...] Mas falando da questão da Mídia Ninja, em paralelo com o Baleia, lá atrás, eu comecei a fazer no início do ano de 2017, no começo de 2017 eu comecei um canal no Youtube que eu já queria fazer há muito tempo. Então era um canal que não falava de nada disso e continua inclusive não falando, tá. Eu não falo desse assunto especificamente, é um canal que tem uma pegada um pouco mais leve, mais cotidiana e tudo mais. Só que como eu acabei ficando amigo da Alexandra e a Alexandra já falava de amor próprio e também não tinha uma veia muito ativista, mas falava mais de amor próprio, o canal da Alexandra vai falar mais da questão da pressão estética também pra pessoas gordas, né. Mas não tinha (incompreensível) da gordofobia, mesmo que hoje em dia se fale em gordofobia pra falar de pressão estética. É... A partir dela a gente teve uma aproximação da Dríade que é do Mídia Ninja, ela se aproximou da Alexandra porque ela queria fazer um canal, alguma coisa na Mídia Ninja que fosse relacionada ao movimento gordo, né. Não o movimento gordo, mas falar da vivência das pessoas gordas. E aí a Alexandra falou comigo, se você toparia fazer, mas a gente começou a sentar e fazer isso. E aí que nasceu. Por que que aconteceu isso? Porque teve um movimento, se não me engano foi em Santa Catarina, ou em algum lugar, não sei... Que algumas

mulheres gordas se juntaram para ir à praia pela primeira vez, né. E aí teve um super... Foram sei lá, 12, 15, o que já é uma vitória, mas só que na visão da mídia isso é um fracasso. E aí teve até um post, que chegou a ter um post do MBL, do Movimento Brasil Livre, falando desse movimento e ridicularizando mais e o Mídia Ninja quis fazer uma resposta. Fazendo, trazendo a mesma ideia pro Rio, né. E aí falaram com a Alexandra, que a Alexandra já tinha uma certa importância dentro desse meio de falar com pessoas gordas e a Alexandra falou comigo porque sabia que eu também tava envolvido nisso de alguma forma. Mesmo que eu tivesse muito embrionariamente envolvido. Eu não tava muito envolvido nessa época. A gente sentou, conversou, e aí que nasceu o “gordes na praia” que foi o primeiro evento que a gente fez lá no Arpoador. Fez transmissão pro Mídia Ninja... Foi o primeiro lugar onde eu realmente falei sobre o assunto, é... Abertamente, né. Aí a gente continuou a conversar até que o Mídia Ninja começou a, com um novo posicionamento de mídia deles, começou a criar a parte dos colunistas, né, criou um site à parte com as colunas do Ninja. E aí foi nesse lugar que apareceu... Tem lá o Freixo, tem o Boulos, tem uma galera lá e a Dríade me chamou pra fazer. E aí eu falei pra ela que eu gostaria de fazer em vídeo, como eu gosto de fazer vídeo eu acho que eu quero fazer em vídeo. Até que um dia eu tinha que entregar o primeiro vídeo ia ser sobre isso, né, ia ser sobre o movimento gordo, eu não sabia o que fazer até que eu resolvi gravar aquele primeiro vídeo, né, sobre o que é gordofobia. E aí deu super certo, foram tipo 2 milhões de visualizações, mas eu fiquei tipo... Não tinha ideia de que ia viralizar dessa forma, né. E foi muito legal porque eu acho que o bom do Mídia Ninja, ele tem muita gente envolvida, né. Só na página deles tem mais de 1 milhão de pessoas então a chance daquilo ser um canal muito grande pra conseguir falar sobre esse assunto é muito grande, né. Então fazendo esse vídeo e isso dando certo, eu comecei a me animar mais ainda de continuar fazendo e eu faço quinzenalmente os vídeos pra eles sempre sobre... Tocando esse assunto. E tem tido uma resposta super positiva, super negativa também, lógico, que é um assunto muito delicado. Agora, muito legal saber que esses vídeos tão sendo usados em outros lugares, em escolas, em outros espaços onde esse assunto quase não entra e que muita gente começou a debater sobre isso, né. Foi uma porta de entrada pra muita gente saber que isso existe. Tanto que a gente ainda fica... A gente fala muito nisso, que o movimento gordo não é validado ainda, não é um movimento que é tipo como válido. E a gente tem a mídia bombardeamento pra que esse movimento não seja realmente validado. Então pela primeira vez muita gente entrou em contato com a palavra gordofobia através daquele vídeo.

O vídeo citado por Caio teve mais de 1 milhão de visualizações no canal da Mídia Ninja no *Youtube*. Como podemos ver pelo relato de Caio, ele se refere à ação “Vai ter gorda na Praia em Florianópolis” e à matéria com crítica negativa do *Jornal Livre*, ligado ao MBL, à essa ação já citada neste capítulo. O alcance do vídeo bem como os comentários a ele, tornam possível mapear parte da reação ao ativismo gordo em relação ao que é propagado por

essa mídia alternativa. Novamente, nota-se a polarização em que ao mesmo tempo em que há muitas pessoas a favor da mensagem produzida, a maioria das pessoas contesta a saúde das pessoas gordas, demonstrando a força em especial do discurso médico dominante sobre a obesidade.

Percebe-se neste capítulo a tentativa de inclusão da mulher gorda a partir de outra narrativa nas matérias jornalísticas, de maneira positiva e focada na auto-estima de maneira geral, havendo a amenização das características das pessoas gordas enquanto desviantes. A apropriação de conceitos utilizados pelo ativismo gordo na mídia demonstra a inserção de uma voz dissonante à dominante pelo poder político, econômico e cultural na mídia, ainda que de maneira tímida.

Nas representações, em especial, de mulheres gordas em ficções há ainda o reforço do estereótipo dos contraconceitos ligados à estigmatização da pessoa gorda, havendo a tentativa de narrativas que abranjam o assunto do sofrimento da mulher gorda na sociedade preconceituosa, estando, no entanto, muito aquém da profundidade da construção de personagens representados por atores e atrizes magras.

A recorrência no trato diferenciado dado à mulher gorda e a pessoas gordas em geral, não enquanto repugnantes e equivocados, mas enquanto seres detentores de direitos, é visível nas matérias jornalísticas aqui apresentadas.

A questão da representatividade parece central no relato de pessoas gordas durante os grupos focais. Ver uma mulher gorda ou homem gordo assumindo um papel diferente do que geralmente é atribuído a ela/e, faz parte de um momento de auto-percepção diferenciada na trajetória dos/as ativistas gordos/as. No entanto, existem percepções sobre os interesses e as limitações por trás da noção de representatividade gorda apropriada pelo mercado como relatado nos grupos focais:

Tiago: E a gente tem essa preocupação: onde que gorda tem menos representatividade? A gorda acima do 56, 54. Porque o padrão do plus size, ele vai até o 54 forçando, desde que você não tenha barriga, tenha uma barriga lipada. Então uma gorda maior nunca vai ter a oportunidade de participar como modelo, que é sonho de gordo...

A limitação na representatividade proporcionada às pessoas gordas pela mídia é debatida e contestada de modo que se reconhece a melhoria paulatina de tal representatividade mas se entendem os limites da mesma, buscando se alcançar por meio de

ações que visibilizem a falta de acesso das pessoas gordas - em especial das mulheres gordas - a certos espaços físicos e simbólicos como o “Vai ter gorda na praia”. Há também a crítica pelo movimento gordo à representatividade midiática ligada ao lucro como visto no capítulo 3.

9. Considerações finais

As formas pelas quais os corpos gordos são vistos pelos agentes na sociedade não é estanque e varia de acordo com história, aspectos culturais e sociais. O ativismo gordo aparece para questionar a crescente estigmatização (estando o processo de estigmatização intimamente ligado ao processo de patologização dos corpos gordos) que os corpos gordos passam a sofrer no ocidente desde o fim do século XIX até os dias de hoje. Em um primeiro momento este ativismo teve influência do ativismo anticapitalista e marxista partindo principalmente dos Estados Unidos e impulsionado pelo movimento hippie e pela segunda onda do feminismo do norte do mundo. Em um segundo momento, o ativismo gordo é influenciado pelos movimentos que reivindicam uma multiplicidade identitária, característicos da pós-modernidade, em especial de grupos identitários excluídos e invisibilizados socialmente.

Na atualidade o ativismo gordo vem se desenvolvendo especialmente a partir de redes da internet, tendo a partir aproximadamente de 2014 no Brasil temas centrais discutidos e a criação de conceitos e categorias próprias desses ativistas.

O fato dos/as ativistas gordos/as não possuírem uma identidade política (esquerda-centro-direita) predominante torna o movimento mais plural mas ao mesmo tempo traz dificuldades na unificação de pautas, capacidade de organização e intervenção direta na sociedade pelos direitos dos/as gordos/as.

Nota-se que a organização e o surgimento de ações efetivas dentro dos vários tipos de militância gorda são recentes, e vem aumentando exponencialmente nos últimos anos. Ainda é difícil dizer com precisão o alcance das ideias presentes nas pautas gordas, mas é possível afirmar que a divulgação das mesmas vem sendo ampliada progressivamente.

A criação de comunidades *on-line* e *off-line* proporciona não só um espaço de troca de informação, como também um espaço de sociabilidade, de criação de vínculo, do estabelecimento e negociação de novas regras, criação de novo vocabulário e novas

percepções, fazendo parte de um processo civilizador de convivência dentro do grupo de pessoas gordas, considerado um grupo de *outsiders* (ELIAS, 1990).

A difusão das fronteiras *on-line* e *off-line*, entre local e global, são uma marca deste trabalho sobre o ativismo gordo no Brasil, difusão essa, segundo Segata (2016), aspectos que alteram a forma de fazer antropologia e acrescento, sociologia. Enquanto há influência do ativismo estadunidense sobre o ativismo brasileiro, este último traça características como o desenvolvimento primordial por meio da internet e, conseqüentemente a descentralização do ativismo gordo que tem como ações práticas dispersas muitas vezes individuais ou em pequenos grupos.

Como sugere Elias (1990), as pessoas em cada sociedade e em cada época demonstram necessidades diferentes, e, estamos vivendo na atualidade política uma redefinição dos direitos, que, se a partir da instituição das repúblicas, o direito universal e o princípio da isonomia foi visto como um grande avanço, hoje se vê a necessidade de voltar o olhar para as desvantagens de grupos sociais subalternizados (negros, gays, travestis, gordas/os, mulheres, etc.) criadas seja pelas circunstâncias históricas quanto pelas características negativas atribuídas a esses grupos ao longo do desenvolvimento da humanidade. Essa necessidade de enaltecer as diferenças em relação a posições de poder podem possibilitar transformação de costumes e hábitos que rumem para uma sociedade mais democrática igualitária.

Há predominância das mulheres no ativismo gordo. Outra pista de pesquisa, em direção à sociologia e psicologia social, seria averiguar e analisar as razões pelas quais as mulheres gordas em maior porcentagem e homens gays em menor porcentagem se envolvem mais com o ativismo gordo do que os homens heterossexuais, que são minoria absoluta no movimento. Tendo a clareza de que os feminismos e a luta pelo direito ao corpo desse movimento faz parte dessa construção bem como a luta pelo direito de ser quem se é por parte dos movimentos LGBTQ+, os aspectos que impedem maior participação dos homens heterossexuais como a construção das masculinidades em uma sociedade de dominação masculina (BOURDIEU, 2005) em que a sensibilidade é majoritariamente negada aos homens enquanto construção do ideal de macho alfa, parece ser um caminho para compreender melhor essa relação entre participação política no ativismo gordo e questões de gênero e sexualidade⁷⁷.

⁷⁷ Sendo o grupo dos “ursos” – homens gays, grandes, e peludos, outro tema interessante de estudo.

Ao mesmo tempo, o grupo estabelecido demonstra grande resistência às ideias recentemente publicizadas no Brasil sobre os direitos das pessoas gorda, de forma que, por mais que haja distorção nos campos promovida pelo discurso e pelas práticas ativistas das pessoas gordas, o combate é constante e as estratégias e posicionamentos das pessoas ativistas gordas no campo (enfraquecimento ou fortalecimento do ativismo), depende da posição de outros agentes nos campos, em especial de técnicos como tem sido observado (médicos/as, designers, arquitetos/as, políticos/as, etc.).

A criação de conceitos não é neutra nem estanque, faz parte de um embate dentro do campo em que há disputa de valores, ideais e principalmente a disputa pelos critérios de classificação da realidade: “Se os cientistas ignoram o caráter variável do processo de julgamento, talvez, com essa omissão, limitem os tipos de teorias que podem ser desenvolvidos e o tipo de compreensão que se pode alcançar.” (Becker, p. 208-210, 2008). Este trabalho busca esclarecer a presença do julgamento, não só presente nos discursos e práticas relacionadas à gordofobia dos estabelecidos de maneira geral para com as pessoas gordas, as excluindo e discriminando remetendo a estilos de vida ligados à classe e aos hábitos, mas também das próprias pessoas gordas entre si, classificando e criando grupos de *outsiders* dentro de seu próprio grupo desviante.

A percepção das relações entre a esfera econômica e a esfera da intimidade (ZELIZER, 2011) em relação ao mercado e ao ativismo gordo, varia conforme as práticas desenvolvidas e às negociações estabelecidas entre os agentes. Ora, podemos percebê-las como esferas hostis quando há amenização da característica de gorda e estabelecimento de um padrão de beleza, ora podemos notar que há uma aproximação entre as afetividades e o mercado quando há auto-afirmação da identidade gorda militante, estabelecendo-se as vidas conexas. Também se nota “nada além de economia” ao se tratarem as pessoas gordas como números estatísticos seja em relação ao lucro, seja em relação à despesa.

No estabelecimento das relações entre militantes gordas/os, o capital social e o capital cultural nos pareceram mais determinantes do que o capital econômico (BOURDIEU, 2008) nos espaços em que fizemos observações e grupos focais para a manutenção de redes de troca de experiências. Mais pesquisas sobre a atuação nos movimentos do gordativismo e o peso do capital econômico e cultural nestes espaços seriam bem-vindas.

Pudemos também observar que a influência da esfera jurídica influencia na regulação das propagandas (em relação por exemplo a modelos muito magras e a propagandas gordofóbicas) sendo o conceito de gordofobia já apropriado por essa esfera bem como pela

esfera midiática, de forma que, o conceito de gordofobia, antes utilizado apenas pelo grupo de ativistas gordos/as passa a ser legitimado.

Percebe-se a tentativa de inclusão da mulher gorda a partir de outra narrativa nas matérias jornalísticas, de maneira positiva e focada na auto-estima de maneira geral, havendo a amenização das características das pessoas gordas enquanto desviantes. A apropriação de conceitos utilizados pelo ativismo gordo na mídia demonstra a inserção de uma voz dissonante à dominante pelo poder político, econômico e cultural na mídia, ainda que de maneira tímida, a reclassificação dos corpos gordos tem potencial transformador da visão sobre elas.

Nas representações, em especial, de mulheres gordas em ficções há ainda o reforço do estereótipo dos contraconceitos (conceitos negativos estabelecidos) ligados à estigmatização da pessoa gorda, havendo a tentativa de narrativas que abranjam o assunto do sofrimento da mulher gorda na sociedade preconceituosa estando, no entanto, muito aquém da profundidade da construção de personagens representados por atores e atrizes magras.

A recorrência no trato diferenciado dado à mulher gorda e a pessoas gordas em geral, não enquanto repugnantes e equivocados, mas enquanto seres detentores de direitos, é visível nas matérias jornalísticas apresentadas no capítulo 4, havendo, no entanto, uma limitação na representatividade positiva das pessoas gordas nos veículos midiáticos.

10. Anexos

Anexo 1 – Trajetórias no ativismo gordo

*Mariela: (...), tenho 27 pra 28 anos, atualmente eu sou consultora de recursos humanos mas eu também trabalho com a Nati (Haidamus) no grupo “Me gusta”. A minha formação em dança, ela vem desde muito cedo. Eu comecei a dançar balé eu tinha 4 anos de idade e aos 13 eu já era profissional de dança. É, na cidade em que eu morava que é Brasília, eu nasci lá, fui criada lá, e... *tosse* Bom, dancei balé a minha vida toda, sou formada pelo Royal Academy e quando eu me mudei em São Paulo pra, enfim, morar com o meu pai, é... Eu interrompi todas as minhas atividades. Na época em que eu fazia balé eu era magra, não era gorda, e aí no que eu parei minhas atividades, eu comecei a engordar obviamente. E aí eu ainda estou num processo de amadurecimento de estabelecer, de crescimento da minha autoestima. E aí eu recentemente, faz um mês, tô há um mês e pouco, no “Me gusta” e eu tenho buscado isso, né. Além disso eu, eu tenho um blog chamado “carro (? não entendi direito 8:00) da crespa” e lá eu tento um pouco também, é... Trazer um pouco da autoestima e da naturalidade do cabelo crespo da mulher negra seja ela gorda, magra, enfim, qualquer uma que seja, abraçar o seu natural. Se ela não quiser também, ela é livre pra fazer o que ela quiser. Que é também meio que uma premissa do feminismo. Você pode fazer o que você quiser quando você quiser. E é isso, eu não tenho nenhum... Eu estou começando a entrar no meio gordo, no ativismo gordo. É, também construção da autoestima, então é tudo muito novo pra mim. Eu só sei que eu sou bem, eu tô muito bem, pra mim é muito importante levar o “Me gusta” pra todas as mulheres, pra elas verem que a gente é capaz de fazer qualquer coisa sendo gorda, magra, alta, baixa, qualquer jeito.*

Adrielle: Tá. (...), eu tenho 32 anos, eu sou relações públicas e dançarina, né. Já danço há alguns anos, me formei em relações públicas em 2006 e tô envolvida nesse cenário plus size há uns 5 anos aproximadamente e tudo foi muito vinculado ao surgimento do Pop Plus que é um evento de moda pra pessoas plus size que acontece em São Paulo, né.

*Olívia: Eu tenho 23 anos e eu sou dona da marca *** que é de lingerie e... Eu me considero ativista gorda há 2 anos? É, desde o fim de 2014 eu*

*comecei a me embrenhar no ativismo gordo pura e simplesmente porque eu não encontrava um discurso que correspondia com o que eu acreditava. Então eu comecei a falar. Eu fiz vídeo pro Youtube, mas tipo, só querendo saber se alguém também pensava daquele jeito. E acabou que eu achei o ativismo gordo. E daí eu descobri que infelizmente... Infelizmente tá bem ruim, mas a coisa foi crescendo... E aí eu acabei fazendo a marca tipo, depois de me envolver com o ativismo eu fiz a marca e aí é isso aí, tipo, eu trabalho com a marca até hoje *olha pro computador e ri* é isso aí, é só, me considero uma ativista gorda, na militância, e arrumo muita treta por aí às vezes e é isso aí.*

*Paulo: Bom, eu sou o***, tenho 27, quase 28, é... Tô também mais ou menos há uns 2 anos nesse rolê do ativismo gordo, é... Eu, minha infância e adolescência, eu fui criado num lar ultra-cristão, filho de pastor e tal, sou né. Então assim, é... Quando eu cheguei na adolescência eu comecei a ver, a perceber o quanto eu não era querido naquele meio onde eu fui criado por n razões. Primeiro, porque o meio cristão é “naturalmente” *aspas do interlocutor*, naturalizadamente, gordofóbico; e, obviamente, homofóbico. E aí eu parti pra internet e comecei a ler tudo o que eu podia sobre opiniões de outras pessoas e textos de outras pessoas que eu nunca tinha tido contato antes. Então eu comecei pelo feminismo, que eu acho que é o que tava mais pulverizado, assim, de mais fácil acesso e fui, comecei a ler sobre militância LGBT, é... né. Pessoas trans falando, movimento negro, até que eu cheguei no site “Gorda & sapatão” da Jéssica Ipólito e aí eu falei “oh, meu Deus, pode ser gordo, né? Não tem problema!”. É... e aí foi um grande estalar assim para aquele menino de 16-17 anos. Então, a minha intenção participando da militância, especificamente na coluna “O grande close” que eu já tenho há mais de um ano, é... Eu sempre coloquei na cabeça que eu quero deixar um acervo de textos disponível pra qualquer outro menino de 16 anos que não tenha nenhuma outra fonte de informação e esteja confuso, que ele consiga ir do zero até uma parte coerente e sólida da militância, né. Então é o que eu tenho fazer na coluna e é o meu maior objetivo, é alcançar as pessoas que um dia eu fui. É, que não era um conhecimento tão fácil de achar assim. E... Nessa caminhada a gente vai conhecendo, né? As nuances da militância e dos militantes... As várias militâncias gordas, porque não dá pra falar de uma só. E aí a gente tá aí.*

*Patricia: Ah, eu acho que certeza que o feminismo tem uma grande parcela de culpa aí *risos*. Porque antes de eu... Eu nunca tinha visto assim, né. Inclusive o que eu conheço de militância gorda é por conta do feminismo, né. O que me fez conhecer foi por conta do feminismo. Uma das primeiras pessoas assim que eu vi, tal foi a Jéssica Balbino e ela é do rap né, tipo ela tinha um trampo com rap né, tipo, de... de fazer trabalho pra grupo de rap né e tal e eu conheci ela por causa disso também, por conta que ela é escritora... E aí, passando a acompanhar a Jéssica eu passei a entender também e ver né, que tipo... Conhecer outras pessoas também, conhecer outros lugares onde as pessoas atuavam né, com essa ideia da militância gorda, né. E de entender que é necessário, né tipo. É muito necessário e tem que ter mais, tá ligado?*

Carla: É... Eu comecei a atuar mais na verdade porque eu atuava com pornografia, (incompreensível), e duas coisas me deixaram muito incomodada: uma é, muito incomodada, a representação da mulher gorda com autoestima, ela só existia dentro da pornografia, como objeto. Ela não existia, tipo, tinha até uma crítica, é uma crítica ainda, com vários projetos desses de beleza natural.

Anexo 2 – Diferenciação entre pressão estética e gordofobia

Caio: Agora, a gordofobia, ela tem, ela tem, outras questões. Todo mundo passa por pressão estética, mas nem todo mundo não cabe na cadeira. Nem todo mundo não consegue entrar na roleta do ônibus, nem todo mundo não acha roupa, nem todo mundo... Então assim, a gordofobia tem questões muito específicas dela. Lógico que... E aí a gordofobia vai atingir todo mundo que é gordo. Independente também de sexo, independente de gênero. Tanto que existe aí uma questão: muita gente, é... Muitas pessoas de algumas linhas feministas acreditam que homens não podem falar de gordofobia porque gordofobia é uma coisa exclusiva das mulheres. E aí que eu acho que entra essa confusão, eu acho que realmente, a pressão estética é muito mais forte nas mulheres do que nos homens, né. A mulher, o corpo dela é visto como uma coisa pública e o do homem não. Então realmente a questão da gordofobia nesse lugar, nesse sentido, é muito mais forte nas mulheres. Agora, a gordofobia atinge todo mundo porque não interessa, é... Uma cadeira que não cabe uma pessoa gorda, não cabe uma pessoa gorda

não interessa quem ela seja, né. No médico que você vai, nem olha pra você, nem pede exame e te manda fazer uma bariátrica, independe se você é homem ou mulher, né. Então gordofobia atinge todo mundo de uma forma parecida, lógico que vão ter recortes aí que são específicos de cada lugar. O que a gente vê no movimento é um número grande de mulheres. O movimento feminista é muito organizado, né, o movimento social talvez mais organizado que a gente tenha. Então a gente já tem muitas mulheres que já percebem que entram pelo lado da autoestima e começam a perceber que existem outras questões que também envolvem o corpo gordo, não só o lado da autoestima. E a gente tem muitos homens gays que já estão de alguma forma envolvidos com o movimento LGBT, né. Então o grupo hoje de pessoas que se consideram hoje ou ativistas ou que estão pelo menos dentro do movimento é mulheres em geral e homens que não são heteros, né, que têm uma outra orientação sexual. O homem hetero, como ele é um homem que muitas vezes tem tantos privilégios que ele não vai querer abrir mão desses privilégios pra entrar num movimento social, né. Então esse homem praticamente não existe dentro do movimento, a gente não vê homem hetero, o que faz parecer que o homem hetero não sofre gordofobia da mesma forma como os outros. Isso não é verdade, né, a gordofobia vai atingir todo mundo.

Anexo 3 – Gordofobia médica

Luiza: Até porque quando a gente faz essa diferença, aí o pessoal ele que já tá no movimento há muito tempo tende a discriminar o gordo menor. Como se o gordo menor não sofresse. Gente, gordo é gordo (incompreensível). Eu sei que tem que saber a diferença entre pressão estética e gordofobia pra saber onde acaba um e começa outro, só você pode falar. (incompreensível) O Baleia por exemplo é um grupo fechado. Eu olhava foto da fulana e julgava “hmm, você é gorda ou não é”, não sei. Aí você fica assim “Luiza, fulana não é gorda, por que tá aqui?”. Gente, abre as fotos, se você olha a minha foto eu tenho um rosto menos bolachudo. Tem gente que é gordinho tipo o Faustão, tem gente que é gordo pra cima e não pra baixo, pra baixo e não pra cima, não é uma estrutura, não tem uma fórmula “eu sou gordo (incompreensível)”, não existe isso. É muito difícil você julgar olhando e por isso que eu falo: “gente, vocês que têm que saber”. O Caio* até fez um vídeo explicando a diferença entre pressão estética e gordofobia, mando*

pra todo mundo. Cara, gente, não sou eu que vou dizer, você que tem que dizer. Não é, sabe, simples assim. (incompreensível).

Renata: As pessoas usam muito, a medicina não, mas as pessoas, a sociedade sim. Ah, o que é uma pessoa obesa mórbida? (incompreensível) Eu sou considerada obesa mórbida pelo meu peso. Eu não pareço (incompreensível) e nem tô perto disso, sabe. Então quando a pessoa fala “ah, obeso mórbido” é uma forma de te excluir também, porque parece que você tá morrendo e ele não vai te dar um emprego porque você tá...

Elza: Te coloca à margem da sociedade.

Tiago: Consultório médico é uma coisa terrível porque a primeira questão que o médico te olha: “ah, você tem que emagrecer”. Ele não quer saber o que você tem, o que você tá sentindo, de você fazer exame, é como se tudo estivesse relacionado a você emagrecer que tua vida vai melhorar. Acho pesado, a nossa medicina é mecanicista, ou seja, quando eu dou um diagnóstico não basta eu olhar a pessoa, eu tenho que fazer exames. Aí tem toda uma estrutura de pejorativo que nós... Assim começamos agora, eu acho que de 5 anos ficou mais forte tentando propor direitos.

Elza: Quando eu tinha emagrecido 20 quilos, eu fui na médica, no endócrino, havia parado com remédio, queria sair da anfetamina e tal... “Ah, não, você tem que tomar sibutramina, você não pode parar de emagrecer agora não”. Tipo, essa médica me cagou, porque eu poderia ter ficado de boa mas ela não me ajudou em nada. Ela queria que eu tomasse outro remédio e tal. E nisso assim, mesmo já aceitando, já lidando com o corpo, ainda tomei muito remédio depois. A pressão de casa é muito grande...

Telma: Eu passei muito por isso também, tipo, eu tenho síndrome dos ovários policísticos então sempre que eu vou no médico ele me manda emagrecer, né. Então eu passei muito tempo tentando emagrecer, tentando emagrecer e um dia eu falei “foda-se essa merda também, acabou, eu vou ficar gorda e deu”. Eu meio que me aceitei assim mais por isso também, mas eu acho que o “eu estou gorda” é muito difícil perceber em foto quando eu era mais nova. Hoje eu olho uma foto e “ai normal”.

Clara: Então eu fui falar com o (incompreensível - médico). Aí eu fui falar, aí ele olhou meus exames e falou “seus exames são ótimos”, cara, meus exames são ótimos (incompreensível). Aí eu perguntei dos riscos, aí ele falou assim “ah, de 2 a 3%” aí foi o cliquei. Foi o momento que eu lembro que eu vi “que merda é essa?”, eu não tenho problema de saúde nenhum. 100 pessoas atravessaram a rua, só 97 chegaram do outro lado? Cara, eu não vou fazer. Não vou, não vou entrar nisso aí cara, não vou, não tem sentido. Aí decidi não fazer, aí me assumi mais assim né, eu sou gorda e foda-se o eleitorado, não tô nem aí, tô bem assim.

Fernanda: É, eu especificamente cito sempre a violência obstétrica, que quando eu ganhei minha filha, os enfermeiros, os médicos, a médica que me operou foi maravilhosa, mas o anestesista foi além de grosseiro muito gordofóbico. Porque eu tava com 115 quilos, minha pressão tava 24 por 18, então eu já tava entrando em colapso, eu tinha dilatação pra fazer um parto normal que era o que eu queria mas eu não pude fazer por conta da pré-eclampsia. E... O anestesista furou a minha coluna 8 vezes e na oitava vez que ele não conseguia pegar a veia correta, que eu já tava morrendo de dor e com o coração batendo... Eu sentia que eu tava morrendo, tanto que depois que tiraram minha filha eu tive parada cardíaca e tudo. Mas o que vem é a frase que eu ouvi muito bem ele falando: “você não está colaborando”, daí eu disse assim “como assim eu não estou colaborando? Tô fazendo tudo que tu tá me pedindo.”, me pediu pra ficar sentada, pra fica meio de cócoras e tal, pra coluna ficar bem, né, e tal. Daí ele tentou mais uma vez “também, com esse tamanho e pança como é que tu vai poder colaborar?” Ele acabou de falar isso eu vomitei no pé dele, então eu me lembro muito bem até hoje, eu não tinha o que vomitar, mas parece que aquilo foi assim, eu não podia dar um tapa nele, eu não podia fazer nada, então eu vomitei no pé dele. E aí então, não sei se por raiva, ou se porque a médica já estava em cima dele, ele conseguiu fazer a anestesia e botou uma dose cavalgar em mim assim, absurda, que eu acordei muito tempo depois do que deveria ser, né. Sei que posteriormente ele foi chamada a atenção, se eu tivesse o conhecimento que eu tenho hoje eu teria, né, ido atrás, enfim. Além de não terem permitido que o pai da minha filha entrasse na sala, nem a minha ex-sogra, nem ninguém, aconteceu todo esse processo então é uma situação que eu lembro muito bem o que eu tô falando, como se tudo aquilo

que estivesse acontecendo era culpa de eu ser gorda e não culpa de todo um quadro clínico que vinha já se configurando que não tinha nada a ver com o meu peso, né. Que era um outro processo que eu tava vivendo. Hoje em dia é o contrário, se eu perco peso, né, os médicos ficam apavorados, por conta, né, da minha condição clínica. Então eles nem querem que eu emagreça, ironicamente quando eu emagreço mais de 2 quilos eles já ficam “por que que você emagreceu?”. Como eu mudei muito a minha alimentação nos últimos 3 meses, eu emagreci tal, mas foi uma consequência, não foi dieta não foi nada, não tenho nenhuma pretensão com isso. Se eu tiver vontade eu como, né, não tenho muita história, mas eu tenho trauma de endocrinologista, isso é um trauma que eu tenho. Porque eu não consegui encontrar um bendito que me atendesse até hoje que não tenha virado as costas pra mim diante de todas as minhas queixas, hipotireoidismo, metabólico, blablabla, e que não tenha virado com uma dieta pronta pra mim. Então eu fiquei traumatizada com endocrinologista, aí então eu desisti de endocrinologista, hoje eu vou nos outros médicos que eu preciso ir que são maravilhosos, neuro, não tenho nem o que falar nem de internação, nem de clínico, nem de nada, são todos maravilhosos, mas endócrino eu confesso que foi um trauma e eu até falei aquela vez no curso, né, que vocês deram e eu participei que é uma coisa que eu preciso desconstruir em mim. E eu cheguei a comentar inclusive com os médicos, com as médicas da minha família sobre esse trauma que eu guardei dentro de mim e elas me explicaram as questões de discursos que os médicos escutam durante todo o período da faculdade, né, e que se o médico por si só não tiver um espírito crítico, ele vai acabar repetindo muitos discursos... Nutricionistas da mesma forma, ele vai... Mas ainda quero encontrar um endocrinologista que me olhe com carinho como eu sou e não como um pedaço de carne maior e que tem uma dieta pronta já pra mim. O dia que eu encontrar serei fiel à ele provavelmente, ou à ela, né. Talvez...

Anexo 4 – Problemas de acessibilidade

Clara: (...) No máximo assim eu faço mesmo pra afrontar, cliente, cadeiras de acrílico falam pra sentar (incompreensível) “não, vou quebrar ela”, essa cadeira é de acrílico? Não vou sentar. Senão vou quebrar, já quebrei cadeira. Eu sei que eu não sou... Sou gorda menor, mas já quebrei cadeira,

cara. Cadeira de plástico e acrílico... Então a gente tem que escolher o lugar. (...) Cara, os banheiros deles são minúsculos, imagina assim sei lá, tem 80 cabines de banheiro. Mas eu não consigo usar. Aquele que tu tem que subir em cima do vaso, sabe aquelas técnicas assim? Uma perna de cada lado, um pé na porta, daí tu fica assim. Aí eu vou no de cadeirante, não tô nem aí. Aí eu fiz uma consulta... Justamente, porque eles chamam de banheiro pra cadeirante, mas não é. É banheiro acessível. Eles servem pras pessoas que não conseguem ir no outro. Então nos contemplam, entendeu?

Júlia: Quando eu fui usar cadeira de plástico foi uma das primeiras vezes que eu percebi que eu era gorda também, ali no CCE, no bar do CCE ali. Que eu sentei pra comer e tal e quando eu levantei a cadeira veio junto. Foi ruim. Não, tipo, agora de boa. Mas não foi legal, na hora me senti tão mal. Queria sair correndo chorando.

Renata: Por exemplo, você tá grávida, aconteceu isso com uma outra menina da militância, uma mulher, assim, você tá grávida, você não tem uma maca, você talvez não tenha agulha, específica, né, porque você precisa de uma agulha mais longa. Não tenha nada disso, então você é privado, não tem direito a saúde que é o mínimo assim, é o básico do básico. Atendimento médico, a balança muitas vezes você tem que usar de cozinha, a minha nutricionista fala isso né, que as pessoas são privadas disso. Muitas vezes no sistema público, a mulher, a pessoa gorda, ela tem que ir pra balança da cozinha porque não tem, não colocam a balança no consultório de fato pra pesarem a pessoa gorda. Então é um constrangimento, né. Não só... Aliás, bullying é uma forma de constrangimento talvez, mas a gordofobia é...

Elza: E isso acaba paralisando muita gente, porque tem gente que tem o perfil mais enfrentativo. Eu já entro no avião e já pedindo o , não quero nem saber, a obrigação deles é de ter. Mas tem gente que não, que vai se apertar, tem gente que fala “eu viajo apertado, mas eu não peço”. Então assim, isso vai privando a pessoa de ter vida social.

Maria: Uma vez ele quebrou a maca no hospital. No centro cirúrgico, ele pesava 186 quilos, a maca só aguentava 140 quilos, “senta aí” e quase caiu no chão, a maca, a cama arreventou (incompreensível). Tinha 5 minutos que tinha saído pro centro cirúrgico.

Anexo 5 - Rachas

Júlia: Eu assim não participo ativamente, não participo de nenhum grupo também não. É... Eu acho que sei lá, dá até muita briga...Eu prefiro não ver. Eu não participo mas vejo muitas das mulheres falando que teve uma briguinha aqui, um negócio ali... Eu vejo grupinhos se formando e cada um no seu grupo... Daí eu fico só tipo vendo o que cada um tem a dizer e eu mesma, tipo, tiro as minhas conclusões.

Marcia: E as brigas são em torno do quê?

Júlia: Então, como eu não participo eu não... Eu só consigo ouvir versões, né.(...)

Júlia: Alguém fala alguma coisa e outra fala outra e outra, aquela coisa meio discordância com alguma coisa, provavelmente algumas pessoas têm uma opinião muito mais forte e outras já são mais assim daí tem essa... Briga assim. E sei lá, pra mim (incompreensível) mais individual assim. Se eu for falar com uma pessoa assim eu vou falar mesmo com ela e... Não que eu não queira participar do grupo, eu participaria, né, mas ninguém me colocou lá né (risos). Não mas...

Clara: É, online,isso, no Face.(...) E tem muita gente lá que manja do que tá falando. É, além disso eu faço parte de vários coletivos feministas e tem um agora que eu sou moderadora de gordofobia que é o coletivo de mulheres feministas. É um grupo que tem bastante influência, é um grupo nacional. Daí agora eu modero gordofobia, quando alguém fala alguma coisa eu vou lá. Além disso quando rola coisa nos outros que eu não sou moderadora eu vou lá e meto a boca. Hoje rolou um mega bafão (tosse, incompreensível), não consegui nem acompanhar. É... Aí por causa dessa cisão que teve, acho que foi em 2016, acho que foi no Vamos falar sobre gordofobia, é... Rola muita briga. Porque tem gente de vários níveis de conhecimento sobre o assunto, então uma briga comum, muito comum, é o quê: é entra pessoas fora do padrão, não-magras... A guria veste 42 e entra no grupo contra gordofobia e fica lá “ai, porque eu sou gorda” e manda foto ainda. Tipo “porque eu sou gorda e não sei o quê”. Tipo...

Anexo 6 – Necessidade de ativismo off-line

Marcia: Você gostaria de ser convidada...

Júlia: Não, se eu fosse convidada eu até participaria.

Marcia: Tá.

Júlia: Mas talvez eu não me envolvesse tanto. Talvez não entrasse nas coisas assim... Mas eu acho que seria interessante sim, até pra agregar mais coisa. O que eu vejo mesmo é só por mulheres falando, compartilhando, blogs, instagram e coisas assim na internet mesmo. É... O que eu sinto falta também é uma coisa mais local aqui em Florianópolis. Tipo, vejo muitas mulheres falar essas coisas só que lá, longe, não tem como me deslocar. Se tivesse alguma coisa por aqui talvez eu até participasse mais.

Telma: Eu acho que é muito interessante na verdade (incompreensível) e tal. Eu vi que tipo no Brasil e tal (incompreensível) tá muito ligado à moda o movimento gordo. Eu não acho tão legal. Acho legal (incompreensível) ah, ok, legal, temos roupas e... (...) E eu sinto um pouco de falta desse movimento mais fechado e tal. Porque eu acho (incompreensível) diferente (incompreensível) importante porque como o movimento feminista, o movimento negro e tal, eles conseguem (incompreensível) uma uniformidade e tal. Eu acho que é importante pra gente ter isso, apesar de (incompreensível) e tal. Mas é legal também o jeito como é formado hoje em dia, é bem informal as redes sociais e tal, isso acaba (incompreensível) o Baleia (incompreensível) É legal também.

Anexo 7 – Ativismo da lacração ou da auto-aceitação

Clara: E ele postou assim dizendo assim “obrigado por esse grupo porque agora estou à vontade para tirar uma foto sem camisa” então (incompreensível) nem tirar foto. E daí teve, tem uma galera que... Pra explicar assim fácil eu... Diria que são a galera mais radical assim, as gordas grandes radicais. E foram lá e destruíram o guri e daí rolou... Uma galera pegou as dores do guri. Que isso, cara? Ele é gordo. Lógico, pro homem gordo é diferente da mulher gorda, ele não tá dizendo isso. Porque

um cara gordo, ele não tem uma estrutura... Assim, ele não é julgado pela sociedade como uma mulher gorda. Só que isso não quer dizer que ele não é gordo. Ele é gordo, cara. Ele não é um cara 42, entendeu? Que tá lá dizendo “ai, eu tô gordo”, não, nada disso. Ele é gordo. E daí rolou assim, foi drástico, foi bem trash. Assim, fechavam... Como é que é? Quando eles fechavam um post e abriam outro e o negócio ficou assim...

Anexo 8 – Representação de si na internet

Fernanda: E daí eu vi que boa parte das meninas estavam enxergando o quesito moda não como inclusão, mas sim como uma forma de autopromoção e zero de empatia para as que chegavam a nós pedindo ajuda. Quando era a história da ajuda, eram sempre as mesmas que respondiam. Sempre as mesmas que iam lá, que daí eu autorizava todas elas como editoras pra ir lá e responder “olha, eu não tô me sentindo bem”, “meu marido riu de mim” ou “ah, eu não consigo achar roupa” ou “ai, o médico me falou tal bobagem”, sempre eram as mesmas que iam lá. As outras só se aproveitavam daquilo ali por autopromoção. E não quer dizer que elas não estejam certas mas eu não criei o coletivo pra isso. Então daí eu não vi mais propósito.*

Fernanda: E aí também tem essa questão da moda de consumismo. Aí me mandavam caixas de coisas, porque queriam que a gente fizesse uma foto, queriam que a gente fizesse algumas... Daí as marcas começam a perceber que tem, sei lá, passou de 2 mil seguidores já começa todo mundo a ficar em cima de ti. Aí então, nesse último verão, teve um dia que eu tava com a minha cama forrada de caixa de coisa. Era biquíni, era saída de praia, era blusa, era vestido, era... Gente, pra quê tudo isso? É consumismo, isso é consumismo, sabe?

Anexo 9

- MANIFESTO GUATONX (GORDX)

MANIFESTO GUATONX

Anarkopóreos. El punk nunca hará dieta.

Nuestro kuerpo, el primer enemigo
Es ahora, en el presente gordx
Porque no se nace gordx, se llega a serlo...
Enunciamos, “algunas chicas son más grandes que otras”
Somos lxs anarkorporeos

Nosotrxs proclamamos;
Que ante todo reconstruiremos nuestras vidas desde lo que somos,
lo que molesta,
el desborde del(a) chanchx que si desea vivir.
Somos golozxs y tentadx,
puro eros vuelto placer por la buena mesa y las vacanadas.
Nos gusta el calor que brinda la grasa en esos días de invierno.

Y ante una cultura del recato,
la buena presencia y el ser ubicaditx,
nosotrxs somos las trincheras del fascismo/dictadura de la piel.

Somos vida desbordada de placer oral
Porque nos gusta comer y no queremos reprimirnos tales deseos.
Sólo para que le pueda gustar a la familia,
al compañerx sexual de paso o al jefe que no me quiso contratar por la mala presencia.
Somos la denuncia andante de las inconsecuencias de la democracia de los cuerpos
Cueste lo que cueste
Porque nuestros placeres estomacales no los transamos.
Somos quienes no nos resistimos a desaparecer ante el adelgazamiento de las diferencias
corporales.

Porque el ser gordx no es algo anecdótico,
es político,
contra lo establecido.
...“Lo que no encaja, lo que excede, lo que estalla límites, costuras y cierres, asientos de
micros, fronteras, ficciones, deseos”.

Acá están mis pliegues,
acá están mis rollos,
acá esta el cuerpo,
ese que no corresponde,
ese que aparentemente nadie quiere follar,
este cuerpo enfermo.

Hablamos como gordxs, guatonxs,
desde las estrías, celulitis, rollos grasientos y sebosos
que recorren nuestros cuerpos desbordados,
el eterno sobrenombre escolar,
como proletarixs de la belleza y salud,
más deseantes que deseables.

Hablamos las guatonas transfeministas, radicales,
porque no basta con destruir el género
si no dinamitamos también las normas corporales.
Porque en el fondo, le damos asco a tu sistema de vigorosidad, fortaleza, fecundación y
fuerza (de trabajo y militar).

Hablamos lxs gordxs que no comemos carne,
lxs que creemos que el racismo, el sexismo, el heterosexismo
y el especismo son rejas necesarias de destruir.
Lxs que no queremos trabajar,
lxs que deseamos dejar de ser, abortar.
Lxs que no queremos parir, estar en huelga.

También hablamos las gordos peludas, hediondas,
las feos, maricones hiperfemeninos,
quienes no salimos en las pornos si no es a modo de fetiche,
las camionas, desaliñadas, las que eructan en la mesa,
asquerosos, perturbadoras, excesivos,
nunca calladas ni impecables.

Éramos la gordita buena onda,
la que nadie sacaba a bailar,
la que jamás logró mantener una dieta,
la avergonzada, la que se cubría,
la “guatona culiá”, a esa que siempre le querían cerrar la boca,
la chancha, lechona, obesa, bola de grasa, aceitosa,
ballena, el java, el empolvado, el Gonzalo Cáceres,
el bola/pelota, el manteca.

Para el resto nuestro cuerpo es un gran globo deformado, grasiento.

Porque todxs somos potencialmente guatonas anoréxicos.

No queremos modificarnos
o que nos acepten por “lo que somos por dentro”,
ni auto- torturarnos con dietas y ejercicios extremos,
queremos que los deseos se desaprendan
y que nuestro cuerpo se transforme en potencia de deseo por el simple
hecho de ser cuerpo.

Hablamos para los gordas que aún se encuentran en el espacio
del silencio, de la vergüenza, de la burla...

Les invitamos no a salir del closet de las tallas, sino que a destruirlo...

El espejo no es un reflejo de la realidad,
lo que vemos en él no es más que una construcción social necesaria de reconstruir.

Sacamos las garras, aullamos como lobas y salimos de espacio del silencio.

HOY GORDE AYER PUTA MAÑANA LOBO

Texto escrito junto a Samuel Hidalgo/Salmuera. *Las frases en comillas están tomadas del GordaZine!, publicación amiga- hermanad

11. Referências

- AHIMA, Rexford S.; LAZAR, Mitchell A. The health risk of obesity – better metrics imperative. Perelman School of Medicine, University of Pennsylvania, Philadelphia: **Science**, v. 341, agosto 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/oJYbeX>> Acesso em: 13 mai 2017.
- ALVAREZ, Sonia E. **Para além da sociedade civil**: reflexões sobre o campo feminista. Cadernos Pagu, Campinas: UNICAMP, janeiro-junho de 2014.
- APPOLINÁRIO, José Carlos; CLAUDINO, Angélica M. Transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, vol.22, dezembro 2000. Disponível em: <<http://goo.gl/eXgsxS>> Acesso em: 3 julho 2016.
- ARRAES, Jarid. **Gordofobia como questão política e feminista**. Revista Fórum, [s.l.], setembro 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/phOA7I>> Acesso em: 10 jan. de 2017
- AZEVEDO, Angélica M. Claudino; MORGAN, Christina Marcondes. Aspectos sócio-culturais dos transtornos alimentares. **International Journal of Psychiatry**, [s.l.], v. 3, n. 2, fevereiro 1998. Disponível em: <<http://goo.gl/ASE3Yi>> Acesso em: 3 setembro 2016.
- BACKLES, Luciana; SCHLEMMER, Eliane. O processo de aprendizagem em metaverso: formação para emancipação digital. In: **Desenvolve** - Revista de Gestão do Unilasalle Canoas, v. 3, n. 1, mar. 2014 Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve>. Acesso em 14 de abril 2017.
- BECKER, Howard S.. **Outsiders**: Estudos de sociologia do desvio. Zahar. Edição do Kindle, 2008.
- BORDO, Susan. **Unbearable weight**: feminism, western culture and the body. Los Angeles and London: University of California Press, 1993.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.
- _____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **Escritos de educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. **As estruturas sociais da economia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004

_____. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, v. 4, n. 6. Florianópolis: UFSC, 2005.

_____. **A distinção:** crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2013.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde.** Relatório Final da 8a Conferência Nacional de Saúde. 17 a 21 de março de 1986.

BUSS, Shirl. **Fat Underground.** Los angeles, 1975. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UPYRZCXjoRo&feature=youtu.be> Acesso em 10 fev. 2018.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam:** sobre os limites materiais e discursivos do sexo. Buenos Aires. Paidós, 2002.

CAHNMAN, Werner. **The Stygma of Obesity.** Sociological Quaterly, 1968.

CARDOSO, Bruna Clara Floriano; COUTO, Nádia Regina Almeida. **Gordofobia:** o peso do preconceito. Curso de Jornalismo da Faculdade de Satc. Criciúma – SC, junho de 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54622054-Gordofobia-o-peso-do-preconceito-palavras-chave-gordofobia-padroes-de-beleza-jornalismo-de-causas.html> Acesso em 10 jun 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

castillo, constanzx alvarez. **La cerda punk:** ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista y antiespecista. Valparaíso: Trío editorial, 2014.

DEAN, Marge. **Fat Underground.** 1979. (35m35s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPYRZCXjoRo&list=LLudvVe7R1QTuv9g1b1LM-Ew&t=905s&index=12> Acesso em: 24 fev. 2018.

DERAM, Sophie. **O peso das dietas.** São Paulo: Sensus, 2014.

DIÁRIO CATARINENSE. **Vai Ter Gordas Na Praia Sim Encontro com Fátima Bernardes.** Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuKGRN23y5Q> Acesso em 4 fev 2018.

FERES JÚNIOR, João. **A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos.** Bauru: EDUSC, 2004.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador:** Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GENNEP, A. Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JASPER, James M. **Protesto**: uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

KLEYN, Megan; CLARK, Jude. Agency through bodily alterity: the case of "proanorexia" websites. **Psychol. Soc.**, Durban, n. 38, p. 27-39, Jan. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S101560462009000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso 12 Jul 2018.

LUPTON, Deborah. The Social Construction of Medicine and the Body. In **Handbook of Social Studies in Health Medicine**. London: SAGE, 2000. PPS 50-63

LUPTON, Deborah. **Fat**. [Shortcuts Series]. London: Routledge, 2013. 123p.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luiz Calos Pinheiro. **A dialética da agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Malinowski, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAZON, Marcia da Silva. "A transição nutricional e a sua sociologia: o dilema alimentar no século XXI." In: Novas práticas alimentares no mercado global. Florianópolis, UFSC, 2010.

NESTLE, Marion. **Safe Food**. Berkley, Los Angeles, London: University of California Press, 2003.

MÍDIA NINJA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M%C3%ADdia_Ninja&oldid=52516039>.

Acesso em: 30 jun. 2018.

MONTALBETTI, C. L. **Cuerpas gordas: Gordofobia, Feminismo y Activismo de la Gordura en Brasil**. UNILA, 2017. [TCC]

MOYA, Tatiana; CLAUDINO, Angélica M and VAN FURTH, Eric F. **Extreme thinness in models mobilizes eating disorders' researchers and specialists**. *Rev. Bras. Psiquiatr.*[online]. 2007, vol.29, n.1 [cited2018-07-11], pp.1-2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462007000100001&lng=n&nrm=iso>. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462007000100001>.

PATEMAN, Carole. **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Bruna Barbosa; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. **Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas**. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016

POPKIN. Barry M., LARSEN, P. Gordon. The nutrition transition: worldwide obesity dynamics and their determinants. **International Journal of Obesity**. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/gaoP3w>> Acesso em: 13 set. 2015.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia**. 2017. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/178668/TCL%20Nat%20C3%A1lia%20Rangel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em: 7 jul. 2017.

RIBEIRO, Luiza Santos Junqueira. **Gorda: processo de criação e realização de curta-metragem documentário**. UFRJ, 2016. [TCC]

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119.

RODRIGUES, Ramilla C. E ARCOVERDE, Vanessa M. **Cinderela não é gorda: análise da personagem Perséfone na novela Amor à Vida**, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ROSO, Adriane et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 74-94, Dec. 2002. Available from <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822002000200005>>. Acesso em 10 jul 2018.

SANTOS, Mariana Jeremias dos. **Telenovelas brasileiras: A Construção do Estereótipo Homossexual do Jornalista**. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016

- SEGATA, Jean. Dos cibernautas às redes. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016.
- SENNETT, Richard. **Corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SILVEIRA, Gabriella Nunes da. **A pós-modernidade nos movimentos feministas**: novos atores, novos desafios. Anais 18º REDOR, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/733/804> Acesso em 10 mai 2017.
- STENZEL, Lucia Marques. **Obesidade**: o peso da exclusão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SYKES, Heather. **Queer Bodies**: Sexualities, Genders & Fatness in Physical Education. New York: Peter Lang, 2011.
- VASCONCELOS, Naumi de A.; SUDO, Iana. **Um peso na alma**: o corpo gordo e a mídia. Revista mal-estar e subjetividade, Fortaleza, V. IV, N. 1, P. 65 - 93, mar. 2004.
- VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.
- WEBER, MAX. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: UnB, 1994. v. 1
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- ZELIZER, Viviana A. **A negociação da intimidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.